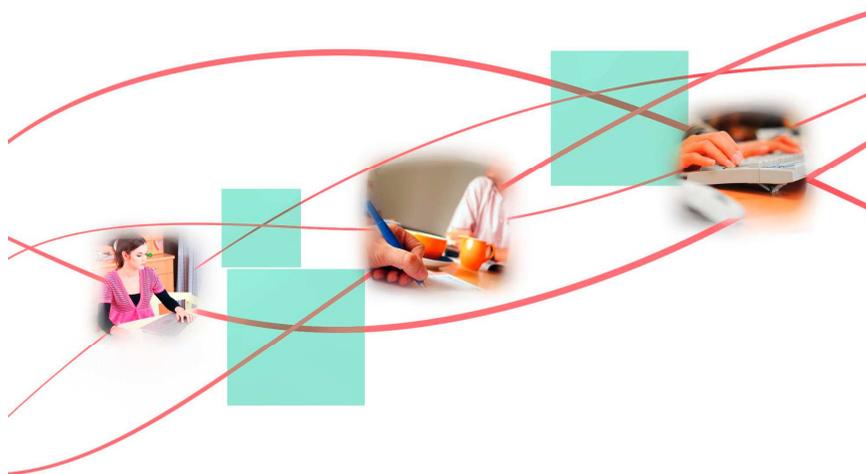


# Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD



**Tutores Au**  
experiências e saberes

Volume 11 Berenice Vahl Vaniel e Karin Ritter



**TUTOR/AUTOR:**  
**Experiências e Saberes**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

### **Reitora**

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

### **Vice-Reitor**

DANILO GIROLDO

### **Chefe de Gabinete da Reitoria**

MARIA ROZANA RODRIGUES DE ALMEIDA

### **Pró-Reitora de Graduação**

DENISE MARIA VARELLA MARTINEZ

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

EDNEI GILBERTO PRIMEL

### **Pró-Reitora de Extensão e Cultura**

ANGÉLICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

### **Pró-Reitor de Planejamento e Administração**

MOZART TAVARES MARTINS FILHO

### **Pró-Reitor de Infraestrutura**

MARCOS ANTÔNIO SATTE DE AMARANTE

### **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis**

VILMAR ALVES PEREIRA

### **Pró-Reitor de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas**

CLAUDIO PAZ DE LIMA

### **Secretária de Educação a Distância**

IVETE MARTINS PINTO

### **EDITORA DA FURG**

Coordenador

JOÃO RAIMUNDO BALANSIN

Divisão de Editoração

LUIZ FERNANDO C. DA SILVA

### **Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD**

Cleusa Maria Moraes Pereira

Narjara Mendes Garcia

Suzane da Rocha Vieira – Coordenadora

Zélia de Fátima Seibt do Couto

Alice Fogaça Monteiro, Ana Carolina Oliveira Salgueiro de Moura Berenice Vahl Vaníel (Org.), Débora Pereira Laurino, Elaine Corrêa Pereira, Joice Rejane Pardo Maurell, Karin Ritter Jelinek (Org.), Lillian Gonçalves Braz, Lisiane Claro, Marisa Musa Hasan Hamid, Maritza Costa Moraes, Meri Elen Baptista Bastos, Michele Borges Martins, Paulo Sergio Andrade Quaresma, Sicero Agostinho Miranda, Tanise Paula Novello, Thais Saggiomo, Vanda Leci Bueno Gautério, Viviane Couto de Andrade

**Autores**

# **TUTOR/AUTOR:**

## **Experiências e Saberes**



**Rio Grande**  
**2013**

### Conselho Editorial da Coleção:

Ana do Carmo Goulart Gonçalves – FURG  
Ana Laura Salcedo de Medeiros – FURG  
Antonio Mauricio Medeiros Alves – UFPEL  
Alexandre Cougo de Cougo – UFMS  
Carlos Roberto da Silva Machado – FURG  
Carmo Thum – FURG  
Cleuza Maria Sobral Dias – FURG  
Cristina Maria Loyola Zardo – FURG  
Danúbia Bueno Espindola – FURG  
Débora Pereira Laurino – FURG  
Eder Mateus Nunes Gonçalves – FURG  
Eliane da Silveira Meirelles Leite – FURG  
Elisabeth Brandão Schmidt – FURG  
Gabriela Medeiros Nogueira – FURG  
Gionara Tauchen – FURG  
Helenara Facin – UFPel  
Ivete Martins Pinto – FURG  
Joanalira Corpes Magalhães – FURG  
Joice Araújo Esperança – FURG  
Karin Ritter Jelinek – FURG  
Maria Renata Alonso Mota – FURG  
Narjara Mendes Garcia – FURG  
Rita de Cássia Grecco dos Santos – FURG  
Sheyla Costa Rodrigues – FURG  
Silvana Maria Bellé Zasso – FURG  
Simone Santos Albuquerque – UFRGS  
Suzane da Rocha Vieira – FURG  
Tanise Paula Novelo – FURG  
Vanessa Ferraz de Almeida Neves – UFMG  
Zélia de Fátima Seibt do Couto – FURG

### Revisão Linguística

Responsável: Rita de Lima Nóbrega

Revisores: Christiane Regina Leivas Furtado, Gleice Meri Cunha Cupertino, Ingrid Cunha Ferreira, Luís Eugênio Vieira Oliveira, Micaeli Nunes Soares, Rita de Lima Nóbrega

### Design e Diagramação

Responsáveis: Lidiane Fonseca Dutra e Zélia de Fátima Seibt do Couto

Capa: Diogo Soares Dornelles

Diagramação: Bruna Heller

T966 Tutor/autor: experiências e saberes / organizadoras  
Berenice Vahl Vaniel, Karin Ritter Jelinek ; autores  
Alice Fogaça Monteiro... [et al.]. – Rio Grande :  
Editora da FURG, 2013.  
196 p. – (Coleção Cadernos pedagógicos da EaD,  
ISBN 978-85-7566-191-8 ; v. 10)  
ISBN 978-85-7566-265-6

1. Educação. 2. Educação à distância. 3. Tutoria.  
I. Vaniel, Berenice Vahl. II. Jelinek, Karin Ritter. III.  
Monteiro, Alice Fogaça. IV. Série.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	7
1. Tutoria a distância: afetiva e efetiva .....	
<i>Alice Fogaça Monteiro, Ana Carolina Oliveira Salgueiro de Moura e Berenice Vahl Vaniel</i> .....	9
2. Experiências e recorrências na alfabetização digital .....	
<i>Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura, Berenice Vahl Vaniel e Alice Fogaça Monteiro</i> .....	25
3. O olhar do coordenador de tutoria sobre seus fazeres e experiências na educação a distância .....	
<i>Berenice Vahl Vaniel, Alice Fogaça Monteiro e Ana Carolina Oliveira Salgueiro de Moura</i> .....	41
4. O estabelecimento do vínculo e do afeto na educação a distância: a importância da tutoria .....	
<i>Viviane Couto de Andrade</i> .....	57
5. Autonomia: suas dimensões na educação a distância .....	
<i>Lisiane Claro e Michele Borges Martins</i> .....	77
6. Uma reflexão sobre a vivência enquanto professor e professor/tutor no curso TIC-EDU .....	
<i>Maritza Costa Moraes, Vanda Leci Bueno Gautério e Lilian Gonçalves Braz</i> .....	91
7. A formação de professores em EaD: um estudo sobre o processo de pesquisa .....	
<i>Meri Elen Baptista Bastos</i> .....	107
8. Saberes construídos na educação a distância: relato de uma experiência no TIC-EDU (FURG) .....	
<i>Paulo Sergio Andrade Quaresma</i> .....	123
9. Pró-Licenciatura: relato da história, constituição e das articulações do curso de matemática da FURG .....	
<i>Sicero Agostinho Miranda, Elaine Corrêa Pereira e Marisa Musa Hamidd</i> ..	139

10. O tutor/orientador: limites e possibilidades de mediação no processo de escrita .....	
<i>Joice Rejane Pardo Maurell</i> .....	153
11. Entendimento dos papéis de professores e tutores no enatuar da práxis pedagógica .....	
<i>Tanise Paula Novello e Débora Pereira Laurino</i> .....	167
12. A prática pedagógica em freire: contribuições da pedagogia do oprimido na formação de pedagogos – modalidade a distância .....	
<i>Thaís Gonçalves Saggiomo</i> .....	181
Sobre os autores .....	191

## APRESENTAÇÃO

*Qual a importância da tutoria no contexto da EaD? Quem é esse sujeito, quais suas relações e ações?*

Buscar esclarecer tais questões sempre instiga as discussões daqueles envolvidos com a modalidade de Ensino a Distância. Partindo do pressuposto de que o tutor atua como mediador, facilitador, incentivador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal; cabe (re)pensar, atualmente, as atuações destes sujeitos e suas relações com os demais autores desta modalidade de ensino.

Acreditando na importância dos processos de formação continuada, a presente obra tem como objetivo promover a problematização de saberes e fazeres didático-pedagógicos envolvidos nas ações de tutoria, bem como, subsidiar professores, tutores e todos os demais autores envolvidos na construção de um processo de ensino e aprendizagem colaborativo e cooperativo na EaD.

*Berenice e Karin*





## **TUTORIA A DISTÂNCIA: AFETIVA E EFETIVA**



## TUTORIA A DISTÂNCIA: AFETIVA E EFETIVA

Alice Fogaça Monteiro  
Ana Carolina Oliveira Salgueiro de Moura  
Berenice Vahl Vaniel

O presente artigo traz reflexões sobre o importante papel da afetividade no ensino a distância (EaD). Estas reflexões partem da experiência da primeira autora deste artigo<sup>1</sup> como tutora a distância do curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Nesta experiência, a afetividade estabelecida entre tutor e estudante, foi a responsável por motivar os estudantes e colaborou para um processo de ensino e aprendizagem implicada no estudante e na superação de suas dificuldades.

Acreditamos que a afetividade, neste contexto, tem o papel de dar segurança aos estudantes, fazendo-os sentir que as palavras, *feedbacks* e mensagens escritas que recebem vêm de pessoas de “carne e osso” que se importam e que estão ali para caminhar junto. A relação afetiva também diminui a sensação de distanciamento provocado pelo afastamento físico, pois aproxima os corações, estabelece laços de amizade e torna o processo de ensino e aprendizagem uma troca e não um processo de estímulo e resposta. Foi justamente na experiência profissional, como tutora no curso TIC-Edu/FURG, é que pude perceber que as tecnologias empregadas na educação oferecem a mediação, o contato, a troca e a construção de conhecimentos, mas, também, podem aproximar corações. Pois, como afirma Maturana (1999), “a educação a distância, ao unificar os espaços de conversação, ao abrir o caminho da reflexão, possibilita o encontro emocional e... a coinspiração” (p.150) (tradução das autoras).

---

<sup>1</sup> No presente artigo, o uso da escrita em primeira pessoa se refere à experiência pessoal como tutora a distância do curso TIC-Edu, de Alice Monteiro. No entanto, o uso da escrita em terceira pessoa se refere às reflexões sobre essa experiência realizada, coletivamente, entre as autoras do artigo.

## **TIC-Edu: tecnologias influenciando corações na educação**

A EaD surge como uma forma de democratizar a educação, encurtar a distância do conhecimento e incluir pessoas. Antigamente realizada por rádio, via correspondência e, até mesmo, pela televisão, nas últimas três décadas, o rápido e amplo avanço tecnológico permitiu o surgimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), as quais contribuem para a geração, criação e concepção da EaD através de ambientes virtuais. As TIC, no contexto da EaD, trazem outras alternativas para o processo de ensino e aprendizagem e novas possibilidades de ser professor e estudante. Neste sentido, propiciam a criação de formas mais interativas e colaborativas de ensino, diferente da educação tradicional de transmissão unidirecional de conhecimento.

Segundo o Decreto 5.622/2005, a EaD é definida como a:

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Juntamente com esta modalidade educacional, renovam-se as concepções de educação e de aprendizagem e, assim, o conceito de EaD vai além da definição organizacional em que acontece esta educação (BRASIL, 2007). Para Maia e Mattar (2007) a EaD “é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas TIC” (p.06). Preconiza também um processo educativo que se centra no aprendente, considerando sua autonomia e constituição enquanto sujeito. Segundo Prado (2006), na EaD existe uma tendência de se “buscar propostas que propiciem múltiplas interações entre os participantes e o desenvolvimento de ações que favoreçam a reflexão, a depuração e a reconstrução do conhecimento” (p.102).

Neste sentido é que trabalha o curso Especialização em TIC-Edu, ofertado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), através da FURG. Este curso visa oportunizar a formação continuada de professores da Educação Básica para trabalhar com metodologias educativas construtivistas utilizando as TIC.

No ano de 2010, foi oferecida mais uma edição do Curso de especialização em TIC-Edu na FURG, junto com o curso eu iniciava

minha primeira experiência como tutora a distância. Eu, que atuava há anos como educadora ambiental em uma Organização Não Governamental (ONG), em apenas um semestre de curso, vivi uma das experiências educativas mais significativas da minha vida. A partir dela, me apaixonei pela EaD e pela tutoria. Descobri que, através da linguagem escrita afetiva, poderia criar laços afetivos com os estudantes, motivá-los e ajudá-los a transpor dificuldades, por isso, acreditamos que as tecnologias influenciam os corações na educação.

Por meio desta experiência, percebemos que as tecnologias podem ser utilizadas para a disseminação da informação, até mesmo para construção de novos saberes, mas, também, para a vivência de afeto e acolhimento, tão importantes para o processo educativo.

### **Um novo modo de ensinar, aprender e sentir**

O uso das tecnologias na atualidade abre outras formas de produção de conhecimento, de interação com o mundo, de ensinar, de aprender e de sentir. A EaD abre um leque de possibilidades de descentralização do saber, protagonismo, relações construtivistas de aprendizagem, democratização do acesso e novas formas de construção de conhecimento. Se bem aproveitada, a EaD pode sim influenciar na mudança positiva do ensino no país, “a virtualização do ambiente de aprendizagem vem agregar à educação maiores probabilidades de um ensino dinâmico, rápido e objetivo entre seus participantes” (SILVA, et al., p.03, 2011).

Assim como a educação presencial, a EaD também abre diversas possibilidades pedagógicas, potencializadas pelas TIC. No entanto, temos que ter em mente que as mídias digitais, aplicadas na educação, estarão sempre a serviço do modelo educacional empregado, ou seja, as TIC na EaD podem tanto reforçar uma educação tradicional, bancária (FREIRE, 2005), quanto abrir possibilidades para uma educação problematizadora.

Sabemos, também, que na EaD existem cursos com perfis muito distintos e cada um à serviço de uma perspectiva pedagógica. Existem cursos à distância que não exigem interação, nos quais não existe a figura do tutor, e os professores não interagem com os estudantes, como os cursos por correspondência, os telecursos ou mesmo nos cursos *on-line*, os quais utilizam o computador como ferramenta de mediação. Neste último caso, a inexistência de interação entre os sujeitos se dá pelo fato da plataforma virtual ser utilizada apenas para inclusão de conteúdo, tanto didático, quanto no que diz respeito às

respostas dos discentes às tarefas solicitadas. Assim, o discente recebe uma nota pelo que postou e, dificilmente, recebe algum parecer descritivo e construtivo. De forma geral, esse tipo de curso *on-line*, não tutorado, aposta na supremacia do conteúdo, produz apostilas bem diagramadas, disponibiliza diversos *links* para vídeos, textos e artigos. O aluno, então, deve seguir as orientações sobre o que ler e quando postar, assim como contar com sua automotivação, já que a nota é o único parâmetro para que ele saiba se está ou não aprendendo.

Existem ainda os cursos semitutorados, nos quais o número de alunos é expressivo e, assim, o tutor, responsável pela mediação, acaba interagindo pouquíssimo com os estudantes. As intervenções do tutor se dão quase que unicamente nos fóruns virtuais, quase inexistem trocas de mensagens individuais e nem pareceres descritivos das atividades, as quais também são avaliadas e expressas por uma nota. Há um ar de impessoalidade e a distância é sentida pelos estudantes.

Na EaD da FURG os estudantes são acompanhados por tutores presenciais, os quais atuam nos polos e também por tutores a distância, que atuam *on-line*, a partir de uma concepção interacionista de ensino e aprendizagem. Os alunos participam de dois encontros presenciais por disciplina, momento em que se encontram o tutor a distância, o tutor presencial e o professor, o que contribui para que se estabeleçam vínculos afetivos. Especificamente o curso TIC-Edu, do qual participei e a partir do qual posso falar, aposta em uma rede estabelecida entre conteúdo e interação todos-todos<sup>2</sup>, proposta por Lévy (2008), a qual é necessária e inovadora, já que a educação geralmente está restrita à comunicação unidirecional entre professores e alunos. Nesta proposta, professores-tutores, professores-professores, tutores-tutores, alunos-professores, alunos-alunos e alunos-tutores, se comunicam e interagem permanentemente, trocando experiências, construindo conhecimentos e estabelecendo vínculos.

Na EaD, a educação acontece mediada por algum suporte técnico da comunicação, principalmente pelas tecnologias. Levando-se em conta que a comunicação é fundamental em qualquer situação educacional, é preciso pensar que na EaD ela é ainda mais necessária, já que seus integrantes têm poucos contatos visuais, encontram-se

---

2 Na interação todos-todos, a comunicação acontece entre múltiplos usuários. Todos-todos interagem entre si, tanto de forma síncrona como assíncrona. Esta é a forma de comunicação mais abrangente e a mais empregada no curso TIC-Edu.

distantes geograficamente e será através da comunicação mediada pelas TIC, que vínculos afetivos e educativos serão criados e mantidos.

Através destes vínculos, vai sendo construída, coletivamente, uma rede comunicativa, de sentidos e de significados no processo de ensino-aprendizagem. Para Rodrigues, Maraschin e Laurino (2008):

Propor que aprendizagens ocorram em outros contextos que não sejam presenciais, implica propor aos autores dessas aprendizagens, sejam eles alunos ou professores, mudanças nas formas de ser e fazer e, não simplesmente a troca do espaço presencial para o virtual. Tal fato representa rupturas descontínuas e sucessivas nas concepções, valores, percepções, saberes e práticas compartilhadas por uma comunidade que necessita se perceber como parte dessa rede (p.235).

Acreditamos então que, mais do que incluir as tecnologias na educação e democratizar o acesso à informação, por meio da EaD, é preciso superar o modelo tradicional de educação e apostar nas metodologias construtivistas que buscam desenvolver a curiosidade, a pesquisa, a autonomia, a interação, a troca e a problematização das informações, transformando-as em conhecimento.

Neste sentido, o diferencial da FURG foi o de acreditar no importante papel que os tutores a distância desempenham nos cursos de EaD. Esta constatação fica evidente no empenho da Secretaria de Educação a Distância – SEaD/FURG em realizar a formação continuada de seus tutores e, assim, buscar a qualificação destes profissionais. Também no TIC-Edu houve a preocupação com a coerência da atuação dos tutores, dessa forma, reuniões pedagógicas semanais entre a equipe de professores, coordenadores e tutores foram realizadas. Todo esse suporte aos tutores deu condições para que atuassem de forma coesa, que se fizessem presente no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que dividissem as dificuldades que enfrentavam e conseguissem superá-las. Este ambiente de acolhimento sentido nos “bastidores” do TIC-Edu, foi estendido ao nosso AVA e sentido também pelos estudantes do curso. Segundo o relato da aluna S.G.C.:*“Fiquei alguns recreios e hora de almoço sozinha, na minha sala, lendo ou acessando o curso, para aproveitar o tempo. E com tudo isso e mais um pouco comprovei a veracidade da afirmação ‘o tempo é a gente quem faz’ fazendo escolhas e estabelecendo prioridades. E quando minha saúde*

*não permitiu que fizesse meu tempo comprovei outra bela frase de Chaplin 'mais do que máquinas; precisamos de humanidade, mais do que inteligência; precisamos de afeição e doçura', pois pude contar com toda compreensão e carinho da tutora e professores. Então vi que todos meus esforços e abnegações valem a pena, além do conhecimento que tenho me apropriado, recebi carinho e atenção que fazem a diferença em qualquer processo".*

A partir desse relato, percebemos que a EaD é muito mais que um modelo, oferece mais que uma ferramenta, é uma nova forma de aprender e ensinar, uma outra forma de ser e estar no mundo. Entendemos que, se houver intencionalidade, a EaD é uma oportunidade do exercício da afetividade na aprendizagem. No TIC-Edu a afetividade estabelecida entre a equipe pedagógica (coordenadores, professores, tutores) e destes com os estudantes sempre foi encarada como uma premissa para as proposta de ensino-aprendizagem e como importante motivadora dos processos de aprendizagem.

## **Os tutores superpoderosos**

Atualmente, a importância do papel dos tutores para o sucesso dos cursos oferecidos a distância, já é reconhecida dentre os participantes da EaD. Os tutores atuam no processo educativo e ampliam a função pedagógica da educação, atuando diretamente com os alunos.

Aos tutores a distância cabe contribuir na reorganização do material pedagógico, serem parceiros na elaboração das atividades, críticos e sensíveis para se relacionar com os educandos, promover a interação todos-todos (professor-aluno, aluno-aluno e tutor-professor), acompanhar o acesso dos alunos e a realização das atividades e tarefas, identificar discentes com dificuldades, assessorar a aprendizagem e suprir as dúvidas dos educandos. Os tutores a distância desempenham, ainda, o importante papel de dar retorno ao professor sobre as dificuldades e aprendizagens dos alunos. Dessa forma, não são poucas as tarefas dos tutores a distância, e sua parcela de responsabilidade para o sucesso do curso é ainda maior.

Na EaD é o tutor que está na linha de frente, é o elo entre o curso e o estudante, é o mediador, o responsável por encurtar as distâncias, por motivar, ou seja, o tutor é o responsável por desencadear impulsos internos nos alunos que os motivem a buscar, aprender, interagir. Neste sentido, é importante refletirmos sobre o significado do termo motivação, que, segundo Reis (2011)

[...] deriva do verbo latino “movere” que indica o movimento que leva uma pessoa a fazer algo de determinada maneira, a mantê-la em acção, a completar tarefas, a mover-se em direcção a um objectivo. [...] O sujeito motivado está disposto a dispensar esforços para alcançar os seus objectivos. Na perspectiva da didáctica, a motivação será o processo de incentivação, desencadeador de impulsos internos do aluno, de forma a levá-lo a interessar-se pela participação nas actividades escolares propostas pelo professor (p.03).

Por isso, a falha na atuação do tutor, seja por irresponsabilidade, desatenção, ausência ou má expressão na linguagem, pode custar a desmotivação, o baixo desempenho e, até mesmo, a desistência de alunos.

Nos Referenciais de Qualidade do Ensino Superior a Distância (BRASIL, 2007) vemos o quão importante e fundamental é o papel desempenhado pelo tutor no EaD. Este documento cita o domínio de conteúdo como qualidade imprescindível a um tutor. Além disso, deve ser dinâmico, ter visão crítica e global, estimular a busca de conhecimentos e habilidades com as novas tecnologias. Este documento, no entanto, não aponta para a importante missão que é imbuída aos tutores, qual seja a “capacidade de motivar e incentivar o aluno durante o curso” (CUNHA; SILVA, 2009, p.04).

Acredito que uma importante forma de motivação é a interação afetiva com os alunos, para o que mesmos se sintam agregados, assistidos e amparados mesmo estando distantes, fisicamente, do seu tutor. Sobre as características necessárias do tutor, Souza (2004) revela:

Dentre as várias habilidades de um bom tutor, a empatia que resulta da capacidade de se colocar no lugar do outro, propiciando uma sintonia afetiva e a capacidade de comunicação, expressa na escuta atenta e respeitosa, são elementos componentes vitais no exercício da tutoria sedutora. A arte da paciência e tolerância deve fazer parte da práxis pedagógica, uma vez que é importante a tolerância às limitações dos membros do grupo, assim como a compreensão das eventuais inibições e ritmo de cada um deles (p.01).

Portanto, mais do que dominar as ferramentas tecnológicas, estar ciente de suas responsabilidades, conhecer o conteúdo da disciplina e as implicações do ensino a distância, o tutor deve ser sensível para ouvir, aceitar, se colocar no lugar do outro e ajudá-lo a transpor as dificuldades e se superar. Assim, o tutor acaba por se tornar mais sensível a si mesmo e descobrir novas formas de mediação, ou seja, de motivar e incentivar a aprendizagem através do diálogo, da troca de experiências, do debate e da reflexão, além de conhecer a realidade de seus alunos em todas as dimensões (pessoal, social, familiar e escolar) para que, ele ofereça possibilidades permanentes de diálogo e interação (SOUZA, 2004).

Por tudo isso, acreditamos que ninguém nasce tutor e para ser esse “supertutor” é preciso querer ser, atuar, estar em constante formação, se abrir para aprender e sentir com o outro.

### **E do que se trata essa tal afetividade?**

No dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano (1998) o afeto é definido como uma palavra derivada do latim *affectus*: que significa um conjunto de ações ou de atitudes como, por exemplo, a proteção. O afeto pode ser caracterizado por situações em que a pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de outra pessoa” em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou à preocupação de que foi objeto.

Piaget (1964) afirma que, nas condutas, as motivações e o dinamismo energético são provenientes da afetividade e que qualquer ação praticada por um sujeito não é essencialmente intelectual, sempre existem sentimentos que intervêm e também não existem atos que são movidos puramente pela afetividade: “Sempre e em todo lugar, nas condutas relacionadas tanto a objetos como a pessoas os dois elementos intervêm, porque se implicam um ao outro” (p.36). Segundo Oliveira (2009)

Estudos da neurociência têm mostrado que cognição e afetividade têm parcelas igualmente importantes na aprendizagem. Esta por sua vez tem como fator primordial a motivação, responsável por impulsionar desejos, interesses, atitudes e interações dos sujeitos, tornando-se também objeto de estudos na educação online (p.03).

Somos, portanto, seres complexos compostos pelo entrelaçamento da cognição e do afeto. Não há dicotomias entre razão e emoção, somos essa mistura de interesses racionais, impulsionados por desejos emocionais. Assim, nos processos educativos podemos dizer que não existe uma aprendizagem somente cognitiva ou racional, pois os estudantes:

[...] não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou não deixam "latentes" seus sentimentos, afetos e relações interpessoais enquanto pensam (ARANTES, 2002, p.02).

Na minha atuação, enquanto tutora, busquei demonstrar afetividade ao me fazer presente no ambiente virtual, na atenção dispensada: respostas rápidas; mensagens individuais e coletivas; motivando os alunos, e os instigando a participar. Além disso, busquei ouvir, entender, escolhi tratá-los pelo primeiro nome, dispensei os pronomes de tratamento, usei os adjetivos que cada cursista me mostrava ter, iniciei nossas conversas por um caloroso “Olá, querida Maria”, por exemplo. Deste mesmo modo, exigi comprometimento, responsabilidade, participação, pontualidade. Nas avaliações das tarefas sempre iniciei meu parecer valorizando os pontos fortes e, de forma construtiva, apontava o que poderia ser melhorado. Enfim, tratei com respeito, compreensão e me mostrei aberta ao diálogo, pois, como afirma Souza (2004, p.01), “o amor exige disposição para ouvir, significa compartilhar experiências. É importante, elogiar o desempenho do aprendiz, sua responsabilidade, pontualidade e desempenho”.

Tutores a distância são como *avatars* virtuais que, através de palavras escritas, mostram quem são, se revelam. Percebo que, como sou uma pessoa extremamente afetiva, não poderia ser diferente de mim mesma virtualmente. Assim, a postura de afetividade foi para mim algo natural. Depois, conhecendo outros tutores, vi que essa postura nem sempre é tão fácil de ser tomada, pois, para algumas pessoas, ser afetivo implica em se abrir para o outro, se mostrar, o que nem sempre é fácil. Estar aberto implica em estar disposto a dar e receber amor.

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que

conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social (MATURANA, 1998, p.23).

Nesta perspectiva, buscamos no TIC-Edu, fazer do processo de aprendizagem um processo de convivência, interação, troca. Na prática de tutoria, dar aos alunos a sensação de que estávamos todos “dentro do mesmo barco”, cada um desempenhando uma tarefa, mas todos “remando” por um fim comum.

Nesta trajetória, todo amor, aceitação, compreensão que foi dado aos alunos, foi, também, recebido. Enquanto tutora, também tive meus problemas, imprevistos, dificuldades e pude contar com eles para superá-los e ser entendida. Foi um processo de aprendizagem para toda a equipe, porque assim queríamos, para isso trabalhamos, para que a experiência de aprendizagem se passasse em nós também.

## **A afetividade nada tem a ver com complacência**

O uso das tecnologias na educação não impede a manifestação de afetividade, a qual é transmitida por palavras escritas, atenção, respeito e compreensão. No entanto, há os que ainda pensam que o afeto, neste contexto, é contrário a seriedade. Como se a afetividade no ensino fosse sinônimo de permissividade, de “passar a mão na cabeça”, exigir pouco. Minha experiência como tutora prova o contrário, pois construí relações de afeto, respeito, amizade com meus alunos, o que não me impediu (e talvez até tenha facilitado) de cobrar pontualidade, qualidade das postagens e textos, correção gramatical e linguística e responsabilidade com o curso. No entanto, cobrei com flexibilidade, respeito, compreensão, buscando ajudar, motivar.

A relação acolhedora, afetuosa estabelecida com os alunos, os ajuda a perceber que estão interagindo com seres humanos e não com computadores, que há espaço para o diálogo, que não estão sozinhos, que alguém que está do outro lado da tela do computador está ali pelo e para o aluno. Essa percepção fica clara na fala do aluno C.B.P.:

*Ao término do primeiro semestre posso dizer que não foi nada árduo, e sim prazeroso. Os textos oferecidos; as tarefas propostas; o carinho, dedicação, atenção e disponibilidade dos professores e tutores tornaram todos os empecilhos*

*encontrados, como falta de tempo, problemas com a internet, em apenas dificuldades. Desta maneira, o conhecimento adquirido é bastante grande, pois como sabemos só se aprende com prazer. Ser estudante em EaD despertou em mim um desejo de buscar cada vez mais, de ser um pesquisador que está apenas começando, mas que com toda a certeza aproveitará todos os novos conceitos.*

Sendo assim, percebemos que, para propiciar um processo de ensino-aprendizagem aos alunos envolvidos na EaD, não basta disponibilizar conteúdo, um ambiente virtual esteticamente bonito, se os tutores e professores não fizerem deste ambiente um local acolhedor, se não dividirem a responsabilidade do aprender com os estudantes. Mais do que saber navegar no ambiente virtual, além de dominar o conteúdo, precisamos saber lidar com pessoas, estar dispostos a aprender, trocar, imergir na experiência e encurtar as distâncias impostas, fisicamente, através do afeto e propiciar ao estudante uma experiência de vida, de efetiva afetiva aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARANTES, V. A. **Afetividade e cognição**: rompendo a dicotomia na educação. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2012.

BRASIL. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Ministério da Educação, 2007.

CUNHA, F. O. da; SILVA, J. M. C. da. **Análise das Dimensões Afetivas do Tutor em Turmas de EaD no Ambiente Virtual Moodle**. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1190/1093>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LAURINO-MAÇADA, D. P. **Rede virtual de aprendizagem**: interação em uma ecologia digital. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, RS – Brasil, 2001.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

MAIA, C.; MATTAR, J. **O ABC da EaD**: A educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

\_\_\_\_. **Transformación en la convivencia**. Chile: Dolmen Ediciones S. A. 1999.

OLIVEIRA, C. L. de A. P. **Afetividade, aprendizagem e tutoria online**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5141--Int.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1964.

PRADO, M. E. B. B. A Mediação Pedagógica: suas relações e interdependências. **XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE)**, 2006, p. 101-110.

REIS, V. **A motivação**. Apostila. Escola Superior de Educação Jean Piaget. Canelas: Instituto Piaget, 2011.

RODRIGUES, S. C.; MARASCHIN, C.; LAURINO, D. P. **Rede de conversação, formação de professores e tecnologias digitais**. Cadernos de educação nº 30 – Faculdade de Educação, UFPEL. 2008. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n30/14.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

SOUZA, M. G. de. **A Arte da Sedução Pedagógica na Tutoria em Educação a Distância**. 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/001-TC-A1.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2012.





## **EXPERIÊNCIAS E RECORRÊNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO DIGITAL**



## **EXPERIÊNCIAS E RECORRÊNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO DIGITAL**

*Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura*

*Berenice Vahl Vaniel*

*Alice Fogaça Monteiro*

### **Intenções**

Ao pensar em Alfabetização Digital, podemos pensar sobre conhecer as ferramentas digitais, saber utilizá-las, ou ensinar a utilizá-las e também possibilitar que essas ferramentas sejam pontes para leituras de mundo e para criação de textos, imagens e objetos digitais. Neste artigo, trazemos alguns relatos de como nos alfabetizamos digitalmente, como construímos coletivamente reflexões sobre Educação a Distância (EaD) e como produzimos, de maneira criativa, a estrutura da disciplina de Alfabetização Digital para cursos a distância.

Para compartilhar essas alfabetizações, trazemos para o diálogo conceitos de acoplamento estrutural, recorrência e recursividade de Maturana (2001, 2002, 2010) e de Maturana e Varela (1995). Abordaremos alguns aspectos vivenciados na Educação a Distância (EaD) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, para contar o movimento de criação de temas básicos para as disciplinas de Alfabetização Digital nos cursos de EaD da FURG. Além disso, relatos de experiências de estudantes da Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – TIC-Edu contribuem para a explicação das possibilidades do aprender na disciplina de Alfabetização Digital.

### **Movimentos e Estruturas da EaD**

Quais as aprendizagens necessárias para o estudante que inicia seus estudos em EaD? Como fazer este planejamento? Quais temas são fundamentais no começo de um curso em EaD? Para responder a estes questionamentos, a partir de aspectos pedagógicos que nos auxiliem nessas reflexões, conversaremos sobre a disciplina de Alfabetização Digital e os processos coletivos no âmbito da EaD, realizada pela FURG, através da Secretaria de Educação a Distância – SEaD. Para que possamos fazer esses entrelaçamentos, será preciso

descrever brevemente a estrutura da EaD na FURG, que, desde 2007, oferece cursos na modalidade a distância: Graduação, Pós-Graduação, Aperfeiçoamento e Extensão.

A SEaD é coordenada por uma Secretária Geral de Educação a Distância e integrada por uma equipe multidisciplinar de técnicos, docentes e bolsistas. Desde sua criação, em dezembro de 2007, pela Resolução n. 034/2007, a SEaD busca uma gestão participativa, a qual é acordada por discussões e definições do Conselho da SEaD, órgão consultivo. Outra característica da SEaD é o trabalho focado nos aspectos pedagógicos das ações de EaD e, assim, tem oferecido espaços frequentes para a realização de formação continuada dos seus profissionais.

Uma dessas formações é a formação continuada de tutores a distância, pautada nas orientações dos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, os quais apontam como indispensável que: “(...) as instituições desenvolvam planos de capacitação de seu corpo de tutores” e que esta envolva conteúdos específicos, mídias de comunicação, fundamentos da EaD e modelo de tutoria (BRASIL, 2007, p.22). Essa formação foi realizada durante os anos de 2009 e 2010, por coordenadores de tutoria<sup>3</sup>, com encontros semanais e coletivos entre tutores que estavam atuando nos cursos em andamento.

Nestes encontros semanais, os coordenadores de tutoria realizavam atividades de discussão e reflexão sobre a tutoria, utilizando como fonte dos diálogos, os próprios comentários e avaliações elaboradas e disponibilizadas pelos tutores.

Esse espaço formativo tem propiciado, além da discussão sobre os conflitos enfrentados, a sistematização e a articulação do trabalho coletivo, pois juntos podem pensar, refletir e partilhar saberes e fazeres possibilitando a compreensão e ressignificação das ações e dos papéis de cada integrante (MOURA; VANIEL; DUVOISIN; LAURINO, 2011, p. 548).

Como não poderia deixar de ser, outro tema frequente na formação continuada de tutores eram os estudantes. O tema era discutido, a partir de diferentes aspectos: o estudante não estar

---

<sup>3</sup> Os coordenadores de tutoria integram a equipe multidisciplinar da SEaD e são profissionais de diferentes áreas de formação que trazem, em sua trajetória, experiências pedagógicas em EaD.

acostumado com a EaD, pois a maioria teve a formação anterior na educação presencial; as dificuldades com as tecnologias; o descuido com as normas acadêmicas e regras de autoria. Essas discussões emergiam dos relatos e vivências dos tutores nos cursos. Nesse sentido, “ressignificar os modelos educacionais aos quais estamos acostumados e as formas de nos movimentar social e pedagogicamente é um dos desafios aos atores da EaD” (VANIEL; MOURA; DUVOISIN; ALVES, 2011, p. 832). Assim, a formação continuada se tornou uma rede de aprendizagens, uma rede de compartilhar desafios e desejos, uma rede de conversação.

Para Maturana (2010), ao conviver em uma rede de conversação, desencadeamos transformações recorrentes, mudanças estruturais, perturbações e movimentos produzidos por vivermos juntos e, assim, mexemos com as ideias e criamos um espaço de convivência, no qual ensinamo-nos mutuamente, aprendemos juntos.

Nessas interações recorrentes, aprendíamos, vivenciávamos um processo educativo, que assim pode ser denominado, pois nos leva a fazeres e saberes relacionados com nosso viver cotidiano na EaD, de maneira a refletir sobre nossos afazeres e mudar de mundo, ou seja, mudar compreensões e significações, sem deixar de respeitar a nós mesmos e ao outro (MATURANA, 2002).

Com a recorrência dos encontros, num processo recursivo, uma das coordenadoras de tutoria suscitou a ideia de que a disciplina inicial dos cursos poderia abordar temas básicos, estruturantes e comuns aos cursos, a fim de contribuir com o estudante, para que este se compreendesse como aluno da EaD, de retomar aspectos acadêmicos e de conhecer a plataforma de aprendizagem e suas possibilidades e intenções. Logo, começamos, junto à coordenadora de tutoria da Pedagogia, um movimento para construção de um documento que traria temas básicos para uma das primeiras disciplinas dos cursos de EaD. Elaboramos a primeira versão do documento que trouxe como objetivo geral acolher o estudante em EaD e propiciar informações e reflexões sobre a EaD mediada pelas tecnologias digitais. Os objetivos específicos dessa primeira versão eram: apresentar ferramentas básicas para o uso das tecnologias; propor a utilização técnica e pedagógica das ferramentas da plataforma institucional; refletir sobre ser estudante em EaD – cultura do estudante em EaD; discutir normas básicas para apresentação de trabalhos; definir e alertar sobre os riscos do plágio; e apresentar *sites* para pesquisa.

Desde a oferta dos primeiros cursos, a SEaD/FURG propõe que os mesmos tenham uma disciplina inicial que vise o acolhimento do

estudante, a apresentação do curso, a inserção do aluno na EaD e a apropriação da Plataforma Moodle<sup>4</sup>. Nos cursos a distância oferecidos pela FURG, essa disciplina é nomeada de diferentes formas: Apropriação digital; EaD e ferramenta Moodle; Tópicos EaD; Instrumentalização para EaD e Alfabetização Digital<sup>5</sup>. A proposta dessas disciplinas vai ao encontro das orientações dos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, que afirmam a importância dos cursos oferecerem:

um módulo introdutório que leve ao domínio de conhecimentos e habilidades básicos, referentes à tecnologia utilizada e/ou ao conteúdo programático do curso, prevendo atividades de acolhimento do estudante, assegurando a todos um ponto de partida comum (BRASIL, 2007, p. 10).

Dessa forma, sugerir temas comuns a tais disciplinas demonstra a convergência de um processo coletivo de práxis a partir de discussões recorrentes e de reflexões que, em um movimento recursivo, possibilitam a qualificação das ações da EaD com foco na aprendizagem do estudante.

O documento com a proposta dos temas foi discutido e reelaborado juntamente com o coletivo dos coordenadores de tutoria e professores da SEaD/FURG. Houve um período de discussão e trâmite interno da proposta. Esta foi levada ao Conselho Geral da SEaD, no qual foi acordada, conforme documento, a seguir:

---

<sup>4</sup>“O Moodle é um *software* livre, um sistema de administração de atividades ligadas à educação”. Moodle significa: “*Modular Object-oriented Dynamic Learning Environment*, (...) objeto orientado para aprendizagem em ambiente dinâmico (virtual). Disponível em: <<http://moodle.com.br/site/exemplo-02/>>. **Entenda o que é Moodle**. Acesso em: 10 ago. 2012.

<sup>5</sup> Ao longo do artigo, utilizaremos “Alfabetização Digital” para nos referirmos a esta e as outras disciplinas iniciais da EaD/FURG.

## Quadro1: Documento com proposta para as disciplinas de Alfabetização Digital

<b>Documento com proposta de temas estruturantes para as disciplinas de ALFABETIZAÇÃO DIGITAL</b>
<p><b>TEMAS:</b></p> <p>Cultura e identidade discente na EaD. Perspectiva histórica e metodológica da EaD. Hardware e software. Tecnologias da informação e comunicação (TICs) na Educação. Ambiente virtual de aprendizagem - Moodle. Ferramentas de comunicação e interação síncronas e assíncronas. Ética nas pesquisas e relações pedagógicas. Orientações gerais para o desenvolvimento de trabalhos em formato eletrônico.</p>
<p><b>OBJETIVO GERAL:</b></p> <p>Possibilitar aos discentes a construção de conhecimentos sobre as tecnologias digitais e sobre a constituição das relações pedagógicas no contexto da EaD bem como fomentar a reflexão sobre seu papel ativo na aprendizagem, elementos necessários ao processo de formação acadêmica, considerando as especificidades de cada curso.</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Abordar a EaD em perspectiva histórica, salientando as possibilidades metodológicas relacionadas ao uso das TICs;</li><li>• Acolher o estudante no contexto do curso, considerando as concepções e especificidades da modalidade de educação a distância da FURG;</li><li>• Refletir sobre ser estudante em EaD;</li><li>• Apresentar ferramentas e aplicativos para o uso das tecnologias;</li><li>• Capacitar os estudantes para o uso das ferramentas de comunicação e interação síncronas e assíncronas e para a utilização técnica e pedagógica da plataforma institucional;</li><li>• Orientar para o uso de normas básicas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos;</li><li>• Discutir aspectos éticos relacionados à elaboração de trabalhos e pesquisas acadêmicas;</li><li>• Orientar quanto à busca de fontes de pesquisa;</li><li>• Discutir as relações pedagógicas entre os diferentes atores envolvidos no processo de formação.</li></ul>
<p><b>CONTEÚDOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Conceitos básicos de informática: o que é um computador; dispositivos internos (CPU, memórias, HD) e de entrada e saída; conceitos de sistemas de arquivos; fundamentos da Internet e seus serviços; meios de pesquisa na internet. Software livre e gratuito.</li><li>• Produção de documentos: editores de textos, planilhas e apresentações; editores gráficos.</li><li>• Moodle: utilização técnica e pedagógica das atividades da plataforma institucional (base de dados, chat, wiki, diário, glossário, lição, questionário, tarefas e fóruns).</li><li>• Cultura do estudante em EaD: discussão acerca do papel ativo, autônomo e cooperativo do estudante na EaD; interações mediatizadas pelas tecnologias digitais; organização do tempo; relações pedagógicas entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem (professores, tutores presenciais e a distância, estudantes)</li><li>• Normas e formatação básicas para apresentação de trabalhos: apresentação das normas da ABNT, orientações para a entrega on-line de trabalhos.</li><li>• Ética na elaboração de trabalhos e pesquisas acadêmicas: plágio, direitos autorais.</li></ul>

Com o apoio da Secretária Geral da SEaD, foram realizadas reuniões com coordenadores de curso e professores destas disciplinas que atuariam no primeiro semestre de 2010. Assim, foi criado o documento, entre dezembro de 2009 e janeiro de 2010, e em 2010 novos cursos iniciavam e outros eram reofertados. A partir daquele

momento, tais cursos possuíam orientações e subsídios mínimos sistematizados em uma proposta.

## **Experiências com Alfabetização Digital**

Em 2010, tive<sup>6</sup> a oportunidade de atuar como professora de Alfabetização Digital na segunda oferta da Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – TIC-Edu. Reapresentei os documentos com as propostas para Alfabetização Digital para o grupo de professores do curso, aproveitei a explosão de ideias e a imersão no processo de criação deste documento, a fim de planejar a disciplina e elaborar o material.

Ao falar das experiências com Alfabetização Digital, queremos compartilhar o planejamento e o desenvolvimento da disciplina, os conteúdos abordados, as atividades propostas e também os relatos dos estudantes. Tais relatos foram produzidos nas ferramentas diário e fórum da Plataforma Moodle, especificamente, no diário: "Narrativa sobre trajetória ao longo do Módulo I" e no fórum "Avaliação do Módulo I". Nestas duas atividades, a proposta era "escutar" os estudantes, no diário, foi a partir de um espaço de registro de suas vivências no curso e, no fórum, a partir de avaliações sobre aspectos que os cursistas consideraram significativos nesta primeira etapa da especialização.

O planejamento e a realização do primeiro módulo, composto pelas disciplinas de Alfabetização Digital e Metodologias Educativas, foram elaborados em conjunto com os professores responsáveis e a Coordenadora de Tutoria do curso. A elaboração coletiva, ainda que não tenha sido explicitada aos estudantes, foi identificada como a sintonia entre as disciplinas: "[...] *é importante dizer que as duas disciplinas andaram sempre em sintonia tornando nosso aprendizado muito mais significativo e com melhores resultados*" (Estudante 9).

A disciplina de Alfabetização Digital foi organizada em 15 tópicos, a maioria foi desenvolvida no período de uma semana, em cada tópico foi abordado um dos seguintes temas geradores: Moodle: espaço de convivência e aprendizagem; Ser estudante de educação a distância; EaD em perspectiva histórica e metodológica; Conversar pela escrita; Tecnologia digital: o computador; Aprendizagens cooperativas; Produção digital de textos; Universidade: normatizações e diversidade;

---

<sup>6</sup> A partir daqui, entrelaçaremos a primeira e a terceira pessoa. Para tratar da experiência específica da primeira autora, falaremos no singular e, quando falarmos do coletivo das autoras, usaremos o plural.

Ética e internet; Internet: navegação e pesquisa; Planilha eletrônica: recurso pedagógico; Educar pela pesquisa; Reflexões orientadoras; Educação, tecnologia e vida; e Compartilhar: diálogos sobre as aprendizagens na disciplina. Além de desenvolver estes temas, cada tópico explorou uma ferramenta como atividade, assim, foram utilizados os fóruns (perguntas e respostas; uma única discussão simples: cada usuário inicia apenas um tópico e fórum geral), tarefas (texto *on-line*, envio de arquivo único) atividade *off-line*, glossário e wiki. O ícone da disciplina foi uma animação em *Flash* com a imagem de uma impressão digital (figura abaixo) rodeada por alguns ícones e palavras relacionadas às tecnologias digitais. A ideia da imagem de uma impressão digital foi de fazer alusão à identidade, ou seja, despertar em cada integrante do curso o sentimento identitário, de pertencimento à EaD e às suas respectivas tecnologias digitais.

Figura 1: Animação da disciplina de alfabetização digital no TIC-Edu.



Assim, a partir das propostas do documento, os temas e conteúdos foram sequenciados de maneira a permitir a reflexão e imersão gradual dos cursistas nos conceitos e habilidades relacionados às tecnologias e à EaD.

*Percebo que a estrutura e sequência do módulo foi pensada no sentido do exercício da autonomia do aluno, de torná-lo informado, qualificá-lo com as ferramentas de metodologias que o possibilitem trabalhar significativamente com as TIC (Estudante 6).*

Buckingham (2008) afirma que, para utilizarmos a internet e outros meios digitais no processo educativo, é preciso possibilitar aos estudantes formas de:

[...] compreendê-los e ter uma visão crítica desses meios: não podemos considerá-los simplesmente como meios neutros de veicular informações e não devemos usá-los de um modo meramente funcional ou instrumental. Precisamos, nesse caso, é de uma concepção coerente e rigorosa de 'alfabetização digital' (p.03, grifos do autor).

Cabe aqui explicitar que compreendemos que o ato de alfabetizar-se vai além de conhecer o alfabeto e utilizá-lo para comunicação. É, também, desenvolver a capacidade de realizar a reflexão sobre o que se escreve e o que se lê, para, assim, poder produzir e criar. Soares (2004) discute os conceitos de alfabetização e letramento e afirma que ambos são processos

[...] interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no *contexto de e por meio* de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no *contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (p. 25, grifos da autora).

A partir dessa interdependência é que compreendemos e significamos a alfabetização e o letramento digital, os processos de aprendizagem do manuseio das tecnologias digitais e os processos das práticas sociais e educativas de aprender por meio das tecnologias. Assim, buscamos, levando em conta as propostas contidas no documento com temas básicos, os materiais e as atividades da disciplina, fazer da Alfabetização Digital uma proposta que, também, fomenta o letramento digital.

Dessa maneira, ainda que o início da disciplina tenha tido como foco a Plataforma Moodle, na parte instrumental, desenvolvemos o tema “Moodle: espaço de convivência e aprendizagem”, em um enfoque pedagógico. Esse foi o tema do primeiro encontro presencial que teve como objetivos: conhecer os cursistas do TIC-Edu; apresentar a Plataforma Moodle, mostrando e experimentando como acessar e navegar. Esses objetivos são revelados em alguns relatos dos estudantes, cada qual destacando um deles como mais significativo. A Estudante 7 ressalta que:

*Nosso primeiro encontro presencial no TIC-Edu buscou a reflexão sobre o mundo que queremos, proporcionando não só um questionamento entre os alunos, professores e tutores permitindo um primeiro diagnóstico sobre o grupo como também sobre a nossa visão de mundo [...].*

A partir de tal fato, evidenciamos a importância do primeiro encontro como fundamental, o olho no olho e o início dos vínculos relacionais.

*A expectativa de estar sozinha enquanto profissional de comunicação foi grande, tive receio da aceitação perante meus colegas da área de educação. Temi rejeição, temi me sentir incapaz de compreender e assimilar os conteúdos e me senti até mesmo uma aventureira em uma área que não era de meu domínio. Mas essa expectativa negativa foi sendo deixada de lado logo na primeira aula com o acolhimento dos professores/tutores e coordenadores e com o passar do tempo em relação aos colegas também (Estudante 10).*

Os relatos das Estudantes 7 e 10 contemplam a questão de aceitação do outro, proposta por Maturana (2001, 2002, 2010).

Nesse viés, os questionamentos, a seguir, vêm à tona: como começar um curso a distância sem conhecer minimamente o ambiente onde este será desenvolvido? Sem outras mãos te ajudando a começar? A Estudante 4 contribui para refletirmos sobre isso quando diz: *“Minha trajetória de início foi bem complicada, pois não participei da primeira aula presencial e nunca tinha participado de um curso a distância. Fiquei bem perdida [...]”*.

Como existem inúmeras novidades, as aprendizagens e dificuldades com o Moodle não se esgotaram no primeiro encontro.

*No início não foi fácil, apropriar-se de todas as possibilidades de acesso, manusear as ferramentas disponíveis (porque até então fazia o básico: digitar textos e acesso à internet), participar das atividades nos fóruns propostos... Com o tempo fui adquirindo o conhecimento necessário para melhorar minha participação e adquirir o conhecimento. O curso foi se tornando mais acessível, mais prazeroso... (Estudante 2).*

No relato acima, a estudante mostra como a recorrência das atividades contribuiu para sua permanência no curso. Maturana (2001) nos diz que somos:

[...] capazes de manejar e entender qualquer mudança tecnológica que o futuro possa nos oferecer, se estivermos desejando começar do começo. O que nosso cérebro faz é abstrair configurações de relações de atividades em si mesmo que, se acopladas com sua operação na linguagem, nos permitem tratar qualquer situação que vivemos como um ponto de partida para reflexões recursivas num processo de fato aberto a qualquer grau de complicação (p.197).

Aproveitar as experiências que temos e transformá-las em reflexões recursivas foi o que a Estudante 5 relatou ao falar sobre sua experiência na plataforma:

*O ambiente virtual Moodle foi para mim uma descoberta interessante, pois, através de fóruns, vídeos, textos, slides e artigos nos foi proposto refletir muito sobre a Tecnologia na Educação. Como já havia ressaltado, nunca me senti uma aluna tão ativa quanto neste curso e isto é algo maravilhoso porque nos sentimos construtores do nosso conhecimento, que, também é reforçado pelas contribuições dos colegas.*

Nesse relato, podemos ainda perceber o acoplamento estrutural da estudante com as tecnologias digitais e a aprendizagem a distância. Maturana e Varela (1995) chamam de acoplamento estrutural quando “[...] meio e unidade atuam como fontes mútuas de perturbações e desencadeiam mudanças mútuas de estado, num processo contínuo (p.133)”. Para os autores, estamos em constantes interações recorrentes com o meio no fluir de nossas vidas e nestas interações são desencadeadas mudanças estruturais em nós e no meio, mesmo sem querermos, quer dizer, vivemos experienciando situações recorrentes.

A Estudante 1 não teve dificuldades com a plataforma, pois já havia utilizado o Moodle, o que ela destaca é que “[...] não sabia que este software possuía tantas possibilidades e recursos, e gostei muito [...] Acho que os recursos foram muito bem aproveitados, e nós, alunos, ganhamos muito com isso”.

Buckingham (2008,) afirma que “[...] assim como a alfabetização refere-se à leitura e à escrita, a alfabetização sobre mídia digital também deve envolver leitura crítica e produção criativa” (p.04). O envolvimento com leitura e produção criativa, possibilitado na disciplina, fica evidenciado nas palavras da Estudante 8: *“recomeçar a estudar trouxe para mim uma série de novas experiências, a começar pelas leituras sequenciais e constantes, o comprometimento em desenvolver atividades feitas para mim e por mim, e escrever tornou-se então uma atividade necessária para registrar minhas reflexões”*.

A recorrência de ensinar-aprender na modalidade a distância e na plataforma Moodle, o acoplamento, a intimidade com as ferramentas, as reflexões recursivas e a imersão no curso possibilitaram que juntos pudessemos aprender.

A palavra *aprendizagem* vem de *aprender*, quer dizer, *pegar, ou captar algo*. No entanto, de acordo com o que eu lhes disse, a aprendizagem não é a captação de nada: é o transformar-se em um meio particular de interações recorrentes (MATURANA, 2001, p.102, grifos do autor).

Ao nos transformarmos na convivência do curso, em nossas interações recorrentes, transformamos também a plataforma Moodle em um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, conceituado por Laurino-Maçada (2001) como:

(...) um sistema cognitivo que se constrói na interação entre sujeitos-sujeitos e sujeitos-objetos, transformam-se na medida em que as interações vão ocorrendo, que os sujeitos entram em atividade cognitiva. (...) Não existem fronteiras rígidas do que é meio, objeto e sujeito, pois um ambiente virtual de aprendizagem, sob a perspectiva construtivista, se constitui, sobretudo pelas relações que nele ocorrem (p.44).

A estudante 3 faz emergir o conceito de AVA ao relatar que:

*nesta primeira etapa do módulo, descobri novos caminhos e modos de atuar que favoreceram um diálogo aberto com a tecnologia acrescida da inclusão digital. De fato houve muita comunicação e interação entre nós cursistas e cursistas/professores através dos recursos*

*disponibilizados via plataforma, ampliando as possibilidades de interatividade, cooperação, trocas de vivências, busca de soluções aos desafios de estudo e pesquisa que foram desenvolvidas no decorrer do módulo.*

## **Movimento recursivo: interações recorrentes na produção de espaços de aprendizagem**

Ao longo desse artigo, buscamos conversar sobre a importância da disciplina de Alfabetização Digital para o início de um curso a distância, pois é a partir dela que os estudantes começam a se apropriar do Moodle e das ferramentas tecnológicas, a fim de que estes não sejam um empecilho para aprendizagem, para participar, trocar, acessar e conviver virtualmente.

Durante a elaboração do documento com as propostas de temas básicos para Alfabetização Digital, nossas experiências enquanto professora, coordenadora de tutoria e tutora possibilitaram que nos alfabetizássemos digitalmente. Tanto na seleção de temas, elaboração do material ou na mediação com os estudantes, estávamos aprendendo mutuamente. A Alfabetização Digital, mais que desenvolver habilidades com as tecnologias, desenvolve também competências, ou seja, além de ensinar/aprender a manusear as tecnologias, possibilita também pensar sobre e criar a partir dessas tecnologias.

Ao percorrer a trajetória da disciplina de Alfabetização Digital, identificamos como as interações recorrentes, entre os diferentes atores da EaD, tutores, coordenadores de tutoria, gestores, estudantes e professores, constroem alfabetizações, acoplam-se às tecnologias, as significam e, assim, em um movimento recursivo produzem espaços de aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

BUCKINGHAM, D. Aprendizagem e Cultura Digital. **Revista Pátio**, Ano XI, n.44, jan. 2008.

LAURINO-MAÇADA, D. P. **Rede virtual de aprendizagem**: interação em uma ecologia digital. 2001. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2001.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_. **O que é ensinar?** Disponível em: <<http://www.biologiadoamar.com.br/leia.htm>>. Acesso em: 27 set. 2010.

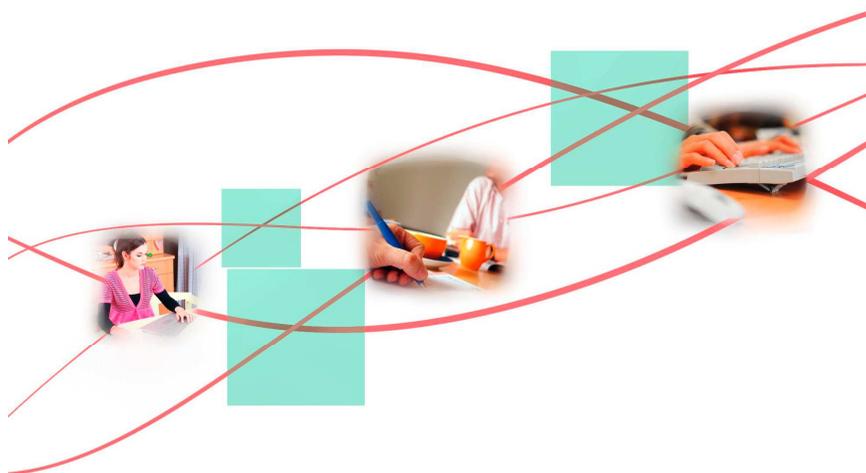
\_\_\_\_; VARELA, F. G. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MOURA, A. C. O. S.; VANIEL, B. V.; DUVOISIN, I. A.; LAURINO, D. P., Saberes e fazeres pedagógicos dos tutores na rede de aprendizagens cooperativas. In: **Anais do 1º Seminário Internacional de Educação em Ciências**, 2011, Rio Grande. Anais. Rio Grande: FURG, 2011. p. 544-556. Disponível em: <[http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII\\_I.pdf](http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII_I.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2012.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n.25. jan./fev./mar./abr. 2004. p. 05-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

VANIEL, B. V.; MOURA, A. C. O. S.; DUVOISIN, I. A.; ALVES, A. M. Ser estudante em educação a distância: desafios e possibilidades. In: **Anais do 1º Seminário Internacional de Educação em Ciências**, 2011, Rio Grande. Anais. Rio Grande: FURG, 2011. p. 824-833. Disponível em: <[http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII\\_I.pdf](http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII_I.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2012.





## **O OLHAR DO COORDENADOR DE TUTORIA SOBRE SEUS FAZERES E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**



## O OLHAR DO COORDENADOR DE TUTORIA SOBRE SEUS FAZERES E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

*Berenice Vahl Vaniel  
Alice Fogaça Monteiro  
Ana Carolina Oliveira Salgueiro de Moura*

A Educação a Distância (EaD), mediada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), possibilitou que os processos de ensinar e aprender ganhassem outros integrantes. Além do professor e dos alunos, têm-se os tutores presenciais e a distância, a coordenação de tutoria, de curso, de polo, a equipe de apoio técnico.

Nesse contexto, são feitos alguns questionamentos: quais as atribuições desempenhadas por professores? O que dizem as políticas públicas para a EaD? Como o Governo Federal entende as atribuições dos professores, tutores presenciais e a distância, e alunos? Quais as atribuições do coordenador de tutoria? Como essas competências se entrelaçam? Como podemos articular e desenvolver um trabalho heterárquico, coletivo e cooperativo?

Mesmo sem a intenção de responder a todos os questionamentos, trazemos tais inquietações que guiarão as discussões e problematizações do ser e fazer dos integrantes da modalidade de EaD. Para compor essas reflexões, estruturamos o artigo de maneira a apresentar, em um primeiro momento, documentos oficiais que caracterizam as atividades concernentes a cada integrante da EaD.

A partir dessa caracterização, problematizamos tais funções e as trazemos como subsídio para reflexão sobre a experiência de formação continuada dos integrantes da Especialização *Lato Sensu* Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), na modalidade a distância, a qual foi oferecida de 2010 a 2012. Para tanto, buscamos em alguns documentos referentes à EaD as orientações sobre as incumbências e responsabilidades de alguns membros da referida modalidade de ensino.

Com isso, iniciamos esta escrita, problematizando as atribuições do professor, tutor e coordenador de tutoria, os quais fazem parte do foco desse artigo. A resolução do CD/FNDE, de abril de 2010, altera os incisos de I a V do art. 9º, o § 1º do art. 10, o item 2.4, do Anexo I da Resolução CD/FNDE n. 26/2009 e redefine as atribuições dos

professores, em conteudista e pesquisador, conforme nomenclatura da lei. Dentre as atribuições do professor-pesquisador conteudista, destacamos as de elaborar e adequar os conteúdos e materiais didáticos; realizar a revisão da linguagem; e “adequar e disponibilizar, para o coordenador de curso, o material didático nas diversas mídias” (BRASIL, 2010, p. 03). A mesma resolução define também as atribuições do professor-pesquisador:

[...] desenvolver as atividades docentes na capacitação de coordenadores, professores e tutores mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação; participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso; participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia na modalidade a distância; coordenar as atividades acadêmicas dos tutores atuantes em disciplinas ou conteúdos sob sua coordenação (BRASIL, 2010, p. 03).

A partir desses dois fragmentos, percebemos que as políticas públicas que direcionam as ações da EaD estabelecem que o professor-pesquisador conteudista é o responsável por pensar, elaborar e produzir o material didático que abarca o conteúdo. Já o professor-pesquisador tem como atribuições atividades docentes relativas ao desenvolvimento das aulas: “aplicar” o material produzido; e realizar a avaliação, a mediação e a gestão das ações da equipe de professores-tutores.

Os Referenciais de Qualidade para Educação a Distância apontam como atribuição dos professores e tutores a distância, a mediação do processo pedagógico junto aos estudantes. Colocam ainda como “sua principal atribuição o esclarecimento de dúvidas através fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico.” (BRASIL, 2007a, p. 21).

Em relação aos tutores presenciais, os Referenciais afirmam que estes devem estar presentes, contribuir em encontros presenciais, ser elo de comunicação entre equipe pedagógica e cursistas, fomentar grupos de estudos, esclarecer dúvidas, conhecer o projeto pedagógico do curso e o material pedagógico, dentre outras atividades (BRASIL, 2007a). Quanto ao coordenador de tutoria, no *site* da UAB<sup>7</sup>, consta que

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br>>.

este é um professor que “atua nas atividades de coordenação de tutores dos cursos implantados por sua instituição no âmbito do Sistema UAB”. As atribuições do coordenador de tutoria são:

Participar das atividades de capacitação e atualização; Acompanhar o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos de tutores, em conjunto com o coordenador de curso; Acompanhar as atividades acadêmicas do curso; Verificar ‘in loco’ o andamento dos cursos; Informar o coordenador do curso a relação mensal de tutores aptos e inaptos para recebimento da bolsa; Acompanhar o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos tutores envolvidos no programa; Acompanhar e supervisionar as atividades dos tutores; Encaminhar à coordenação do curso relatório semestral de desempenho da tutoria (BRASIL, 2012).

De acordo com o que discorreremos até o momento, a leitura que fazemos sobre a relação entre as funções do professor-pesquisador conteudista, professor-pesquisador, professor-tutor e coordenador de tutoria, estabelecidas nas políticas públicas e na legislação vigente (BRASIL, 2007a), é de uma conexão fragmentada e hierárquica. Entendemos também que essas atividades e características não são estanques, podendo ser reformuladas, acrescentadas e revistas, de acordo com a proposta pedagógica de cada instituição ou curso, desde que sejam respeitados os espaços e saberes de cada profissional.

Porém, como tais funções estão registradas pela lei em vigor, muitas vezes, seguem-se apenas as definições trazidas nesse documento, sem problematizá-las. Dessa forma, consideramos que a relação entre esses papéis é hierárquica, porque, de acordo com a regulamentação, o professor-pesquisador conteudista pensa, planeja e define os conteúdos, enquanto que o professor-pesquisador e o coordenador de tutoria são responsáveis pela ação do professor-tutor.

Assim, o foco do trabalho do professor-pesquisador conteudista está no pensar e o do professor-pesquisador e do professor-tutor, no executar, de modo que o primeiro tolhe a autonomia e criatividade do segundo e terceiro, eximindo a responsabilidade de quem executa. Essa forma de pensar a EaD contribui na nossa constituição enquanto docentes e, por outro lado, também se constitui como decorrência desse processo. Em outras palavras, ocorre a circularidade pautada na hierarquia e fragmentação.

Além disso, há também uma fragmentação em relação ao tempo. Existe um tempo que é o de trabalho do professor-pesquisador conteudista, o qual ocorre anteriormente ao início das aulas e um de atuação do professor-pesquisador e do professor-tutor, que se dá no momento das aulas. Isto pressupõe o exercício de cada uma das funções disjuntas.

Ao contrário do que parece rígido na legislação, acreditamos que formamos um coletivo educativo, pois, antes de sermos tutores a distância, tutores presenciais, professores, coordenadores de curso ou de tutoria, somos todos docentes, constituindo-nos por cada uma das nossas ações e formações. Assim, foi na vivência da formação continuada durante a oferta do curso TIC-Edu que conseguimos alguns sinais de superação de tal fragmentação e hierarquia.

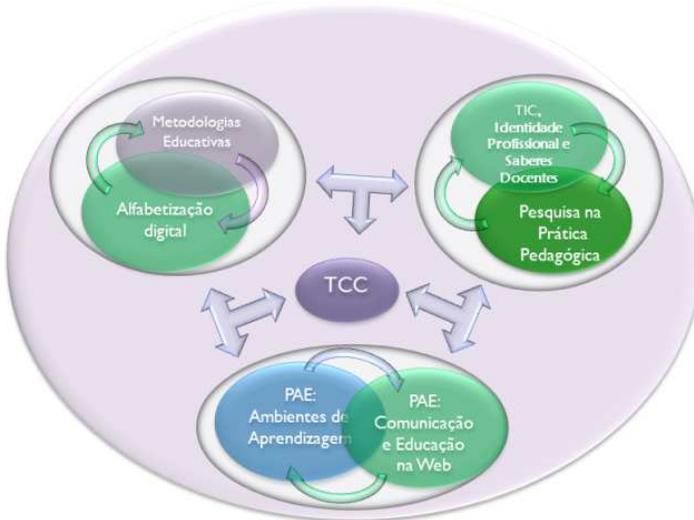
### **TIC-Edu: o contexto da experiência**

O curso TIC-Edu foi ofertado em cinco polos da UAB: São José do Norte, São Lourenço do Sul, Santa Vitória do Palmar, Hulha Negra e Santo Antônio da Patrulha, todos localizados no Estado do Rio Grande do Sul. Nesses polos, foram disponibilizadas 120 vagas, destas, 89 cursistas concluíram.

Ademais, o referido curso contou com 1 tutor presencial em cada polo e 8 tutores a distância. Cada tutor a distância se responsabilizou por, aproximadamente, 15 estudantes, atendendo-os em duas disciplinas que ocorriam concomitantemente. Também compuseram a equipe de trabalho 1 coordenador de tutoria, 1 coordenador de curso e 9 professores. Sendo assim, todas as disciplinas eram compartilhadas por 2 ou 3 professores.

O TIC-Edu tinha como objetivo “oportunizar a formação continuada de professores da educação básica para trabalhar com metodologias educativas construtivistas utilizando as TIC” (ARAUJO, 2012, p. 1). Ademais, sobre a estrutura curricular do curso, conforme mostra a imagem 1, este foi organizado em módulos, nos quais as disciplinas foram planejadas em conjunto e estas se articulavam.

Imagem 1: Organização do TIC-Edu



O ato de pensar o curso e o planejamento de cada uma das disciplinas iniciou com, aproximadamente, três meses de antecedência do início da Especialização. Isto ocorreu em um ir e vir recursivo entre os professores da disciplina e o Núcleo de Produção de Material, composto por *designers* e revisores linguísticos, da Secretaria de Educação a Distância – SEaD da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

No que tange à produção de material pedagógico digital, esta envolveu o planejamento, a elaboração e a organização do material pelos professores responsáveis de cada disciplina na Plataforma Moodle. Tivemos como premissa que o professor que produzisse o material pedagógico também seria o formador, ou seja, o mesmo professor criaria e seria responsável pela mediação pedagógica<sup>8</sup> da disciplina.

---

<sup>8</sup> Apenas em uma disciplina, por motivos pessoais e de saúde, os professores-pesquisadores não conseguiram atuar como professores formadores, mediadores. No entanto, outros professores que já vinham atuando no curso assumiram esse papel, pois já estavam integrados e engajados no processo. Procuramos, assim, evitar a fragmentação, de forma a não distanciar tanto o planejamento da execução.

Esse processo de planejamento e reorganização prosseguiu durante o desenvolvimento do curso, incorporando outros autores, professores, tutores a distância, coordenador de curso e de tutoria. Por envolver diferentes figuras do contexto da EaD, percebemos que o desprendimento de questões hierárquicas, que incluem o fazer do professor-tutor, professor-pesquisador, professor-pesquisador conteudista e demais integrantes desse coletivo foram desconsideradas com a intenção de construir a importância de um trabalho em conjunto. Sendo assim, as funções e atribuições são diferentes, mas nenhuma é mais importante do que outra e estas são, sim, complementares, como peças de um quebra-cabeça.

Com o desejo de articular as ações desses diferentes componentes do coletivo do TIC-Edu e a fim de tornar menos fragmentadas as ações dos professores, tutores e coordenadores, realizamos a formação continuada que passaremos a discutir. Tal formação acontecia de maneira imbricada às reuniões de planejamento, que eram presenciais e ocorriam semanalmente. As discussões ainda continuavam de forma *on-line*, através do *e-mail* coletivo do curso.

### **TIC-Edu: A Formação Continuada, potencializando relações cooperativas e heterárquicas pelo escutar o outro.**

Para compartilhar algumas das experiências da formação continuada com os próprios agentes formadores do TIC-Edu, descreveremos alguns processos envolvidos e também traremos fragmentos de discussões (via *e-mail* ou Plataforma) que subsidiarão nossas reflexões. Tal formação tinha como característica refletir “na” e “sobre” a ação do “ser docente” no curso TIC-Edu, no contexto específico do curso.

Nossas reflexões tinham como objetivo redirecionar ações pedagógicas, caso necessário, e tiveram dois focos principais: reflexões sobre produção de material pedagógico digital e sobre o papel mediador de professores, tutores e coordenador de tutoria. Para Varela, Tompson e Rosch (2001), a reflexão não é só exercida sobre a experiência, mas é ela própria, e também é uma forma de experiência, quando vivida com o corpo e mente unidos. Ademais, se exercitada dessa forma, pode

cortar a cadeia dos padrões habituais de pensamento e pré-concepções, apresentando-se como uma reflexão atenta, ilimitada, aberta a possibilidades para além das contidas nas

representações pessoais do espaço de vida (VARELA; TOMPSON; ROSCH, 2001, p. 54).

Em outras palavras, podemos, assim, romper com os padrões hierárquicos e a fragmentação estabelecida entre os diversos participantes da EaD, como mencionamos anteriormente. Desse modo, defendemos, também, que é no conversar com o coletivo da formação continuada do curso, no qual atuamos, que essa reflexão atenta e a problematização sobre o nosso fazer na EaD produz outras significações. Dessa maneira, talvez aprendamos a fazer de modo distinto.

Os professores-tutores do TIC-Edu são, na maioria, professores da Rede Básica de Ensino, que estão vinculados a um programa de Pós-Graduação, ou já são pós-graduados e desejam se reaproximar da universidade. A maior parte destes, ao participar do processo de formação coletiva, mesmo sem possuir vasta experiência no Ensino Superior, sente-se coautora e corresponsável pela reorganização do material pedagógico digital, participando ativamente, com sugestões de reescrita, críticas e reflexões.

Esse processo contribui ainda para que cada um assuma a responsabilidade da sua própria formação de maneira conjunta. Cabe destacar ainda que a metade dos professores do TIC-Edu era docente do Ensino Superior na FURG, os quais, nessa circunstância, também tinham a oportunidade de atualizar sua formação. Identificamos que este espaço formador é onde podemos reinventar a relação de dependência, através da cooperatividade, momento em que todos os professores podem refletir “na” e “sobre” a prática pedagógica no coletivo do curso.

Ao propor que a formação tenha como foco reflexões nas e sobre práticas, vamos ao encontro do que nos alerta Pretto (2010), quando diz que:

[...] o cuidado com as perspectivas de treinamento ou reciclagem é necessário para não se cair no mesmo erro de imaginar a formação para a docência online (sic) a partir de conceitos fechados, conteúdos pré-definidos, abordagens ‘ideais’, que, seguramente, pode ser facilmente rejeitada e ignorada pelos docentes (p.162, grifo do autor).

Isso exige a desacomodação, a aceitação de viver sem fundação, na incerteza e aceitar as dúvidas que o caminhar provoca. Frente a isso, a seguir, trazemos o recorte de um *e-mail* enviado pela coordenadora de

tutoria à coordenadora do curso, a fim de planejar a formação do coletivo de docentes do TIC-Edu.

Oi [...], estou enviando a proposta de pauta para reunião. 1º momento: apresentação das atribuições da coordenação de tutoria. 2º momento: apresentação da Proposta de formação continuada 2010. O que achas de pedir para os tutores ajudarem a pensar em temas que considerem importantes para trabalhar na formação e momentos de discussão de situações reais do próprio curso?? 3º momento: agendamento das atividades das Semanas 1, que são duas reuniões (6/8 de abril e, na semana de 11/13 maio – ver com os tutores qual a melhor data para que todos participem juntos, terças ou quintas – talvez seria bom fazer uma enquete já por e-mail com todos – se o melhor é terça à noite ou quinta à tarde – o que achas?) 4º momento: discussão sobre assuntos específicos do curso – Ver contigo [...] amanhã. 5º momento: relatos e expectativas: pensei em conversar com os tutores, a A, a V e o C, que já possuem experiência na ação de tutoria, para fazer um breve relato da vivência deles. Pensei em eleger alguns pontos diferentes para cada um. Essa é uma forma de valorizar o trabalho deles e também de não ficar uma pauta de cima para baixo, só nós falando.... O que achas? (COORDENADORA DE TUTORIA).

O recorte acima mostra que a coordenadora de tutoria assumiu um papel de articuladora e mediadora, criando possibilidades de ouvir os tutores a distância e professores, de legitimar e valorizar o fazer destes, a partir do momento que propõe que “ajudem a pensar temas que considerem importantes para trabalhar na formação” (idem). Ao pedir que fizessem “Relatos e expectativas” (idem), ela mostra o desejo de trabalhar de forma coletiva, cooperativa. Assim como sua vontade de trabalhar de forma heterárquica, quando menciona que não quer uma pauta “de cima para baixo” (idem), com os coordenadores falando e os tutores ouvindo.

Nessa proposta, concordamos com Larrosa apud Pretto (2010) que:

[...] talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades. Algo, naturalmente, que não se pode fazer de modo técnico nem de modo massificado [...]. Algo para o qual não há um método que sirva para todos, porque o caminho não existe (p. 163).

Dessa forma, apostamos que, a partir de um coletivo de formação, cada um pode desenvolver o melhor de suas potencialidades, nisto, as interações recorrentes colaboram para gerar a recursividade<sup>9</sup>. Tal interação, em um processo formativo, desencadeia transformações estruturais recíprocas, pois os tutores que já tinham experiência na tutoria, ao contá-la, conversar com os novos colegas de curso, com os diferentes autores que fundamentam a prática pedagógica, puderam possibilitar que nos tocássemos mutuamente.

Não nos tocamos com os dedos ou com as mãos, mas com a voz e a experiência dos outros que possibilitam o desencadeamento de mudanças estruturais, as quais têm a ver com a individualidade do participante desses espaços na EaD. Tocamo-nos também pelo nosso fazer, pela nossa convivência (MATURANA, 2002).

O fragmento “o que achas de pedir para os tutores ajudarem a pensar temas que eles considerem importantes para trabalhar na formação e momentos de discussão de situações reais do próprio curso” (COORDENADORA DE TUTORIA) traz à tona também a importância de problematizar, conversar sobre a ação docente em EaD, fazer a reflexão “na” e “sobre” a prática, ou seja, a reflexão-ação. O conversar e o problematizar que desejamos e acreditamos é o que possibilita a “transformação reflexiva [...] a Reflexão-Ação Ética em todo fazer, tendo a biologia do amar como referente de reflexão e ação em todo momento” (MATURANA, 2011, p. 27).

Entendemos que problematizar na formação continuada de professores é a ação de mediação, de interação mútua entre os participantes, a qual pode também ser realizada através de um argumento que provoque desequilíbrios cognitivos. Esta ainda pode ser realizada através de questionamentos que levem a pensamentos ainda não pensados, de modo que sejam evidenciadas contradições, limitações, incoerências ou que ajudem no estabelecimento de outras

---

<sup>9</sup> Maturana afirma que recursividade e recursão são palavras que se referem ao ocorrer de um processo, quando a repetição de seu ocorrer se aplica sobre o resultado do já ocorrido (2011, p. 8).

relações, outras significações. Assim, a problematização é o ato de provocar, no outro, no grupo ou em si, pensamentos reflexivos.

O sujeito passaria, para tal, por um processo constante de reflexão sobre os acontecimentos que se sucedem, numa contínua re-significação retrospectiva. Este não é um processo linear no tempo, mas, ao contrário, as re-significações acontecem na medida em que relações espaciais e temporais se estabelecem, mediadas e intensificadas pelas tecnologias digitais de comunicação (PRETTO, 2010, p.163).

Sendo assim, reflexões sobre a prática se tornam indispensáveis para que o sujeito seja cada vez mais autônomo na busca de seus conhecimentos e de suas aprendizagens. Maturana (2006) afirma que ser autônomo é ter o respeito por si mesmo e também o cuidado com o outro, não é controlar e nem restringir, mas ser respeitoso para com os espaços do outro. Tal conceito concerne ainda se mover em concordância com os outros, porque queremos sua companhia.

Ao problematizar nosso papel de educadores no coletivo da formação continuada, é que podemos vislumbrar que existem outros para serem vividos, ou seja, que podemos desconstruir nossa autoimagem de ser o centro do processo educacional, o repositório do saber e passarmos a nos entender como mediadores das aprendizagens, como problematizadores. Nessa perspectiva, em outro *e-mail*, a coordenadora de tutoria faz a mediação entre os estudantes, professores e tutores, ao explicar uma situação:

Oi [...] e demais colegas, [...], não te preocupa e não te estressa antes do tempo. Considero pertinente e legítimo teu posicionamento e respeito-o. Vamos esperar o dia 14 e, então, faço um levantamento de todos que não postaram e verifico as justificativas. A partir daí, considerando que cada caso será um caso, tomaremos a decisão juntos, respeitando também a legitimidade de nossos cursistas. Tá bem? (COORDENADORA DE TUTORIA).

Acreditamos que esse escutar o outro, validar seus conhecimentos, suas ideias prévias é, de certa forma difícil, pois existe o medo de mostrar o que não se sabe. Constituímo-nos professores com

a premissa de que devemos saber tudo e, por isso, temos dificuldades em nos aceitarmos enquanto seres em constante aprendizagem.

Escutar o outro ou a outra requer confiança em si mesmo. Só assim não se tem medo de desaparecer no ouvir o que diz, e não risco em ouvi-lo. Escutar requer aceitação de si mesmo, uma abertura para saber o que não se sabe, de modo que o que escutamos do outro nos ofereça uma oportunidade para aprender e não estar em concorrência (MATURANA, 2006, p. 38).

A partir do *e-mail* da coordenadora de tutoria, anteriormente citado, podemos retomar as funções desta figura:

[...] ações pedagógicas, identificar possíveis distorções e propor ações de formação continuada com tutores e professores. Junto aos estudantes atuam na identificação de suas dificuldades, alertando a equipe do curso para temas e aspectos que necessitem de revisão. Além disso, são esses profissionais que auxiliam os coordenadores de curso na organização dos encontros presenciais, cadastro dos estudantes e documentação do próprio curso (MOURA; VANIEL; DUVOISIN; LAURINO, 2011, p. 548).

Outrossim, mudar o planejamento é consequência de inúmeras negociações, conversas em que os vários envolvidos são ouvidos. Maturana (2006) considera que há dois modos de escutar: o modo como ouvimos a nós mesmos, que ocorre apenas quando consideramos que o pensamento do outro coincide com o nosso, e o segundo, o qual consiste em validar e considerar tudo que o outro diz, independentemente de que isto coincida, ou não, com nossos pensamentos.

Creemos que este é o papel mediador do professor e devemos tomar consciência de que:

[...] o outro e a outra dizem o que dizem sempre a partir de um domínio de validade e legitimidade do presente em que estão. Quando se faz isto, ouve-se o que o outro e a outra dizem, o outro e a outra têm presença, são vistos (MATURANA, 2006, p. 38).

## Considerações

Acreditamos que o aprender a ser professor afetivo e o reinventar a forma de escrita precisam ser realizados em um processo de formação continuada no coletivo. Em outras palavras, ao observar e problematizar a nossa própria ação, somos capazes de realizar intervenções que podem trazer benefícios não apenas para o nosso viver, mas para o próprio coletivo, assumindo a ideia de sermos sujeitos ativos e aprendentes em constante processo de transformação na convivência com o outro.

A partir de nossas experiências, podemos observar que crescemos neste tipo de formação e no processo educativo na EaD, o qual a formação tem como finalidade. Assim, esta não cristaliza. Por fim, pelas conversas recursivas durante a formação continuada, nós, os professores, tutores e coordenadores, refletimos e repensamos nossas atribuições, buscando torná-las menos fragmentadas e hierárquicas. Mudamos e construímos novas possibilidades de conduta frente aos velhos e novos desafios da EaD e, por sua vez, os alunos passam a contar com uma estrutura educativa mais democrática e de maior qualidade pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. **Projeto Político Pedagógico**. Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – TIC-Edu, Pós-graduação modalidade a distância. Disponível em: <<http://www.uab.furg.br/>>. Acesso em: 15 de ago. 2012.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Anexo I da Resolução n.26, de 05 de junho de 2009. **Manual de atribuições dos bolsistas**. Brasília: 2009. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/portal/index.php/leg-res-2009>>. Acesso em: 10 out. 2011.

\_\_\_\_. Resolução n.08, de abril de 2010, do CD/FNDE, altera os incisos I a V do art. 9º, o § 1º do art. 10 e o item 2.4 do Anexo I da Resolução CD/FNDE no 26/2009. Disponível em: <[www.fnde.gov.br/index.php/...res2010/...res0830042010/download](http://www.fnde.gov.br/index.php/...res2010/...res0830042010/download)>. Acesso em: 10 out. 2011.

\_\_\_\_. Resolução n.26, de 05 de junho de 2009, do CD/FNDE, estabelece orientações e diretrizes para o pagamento de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes da preparação e execução dos cursos dos programas de formação superior, inicial e continuada no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Disponível em: <[http://uab.capes.gov.br/images/stories/downloads/legislacao/resolucao\\_fnde\\_n26.pdf](http://uab.capes.gov.br/images/stories/downloads/legislacao/resolucao_fnde_n26.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2011.

\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC)/Secretaria de Educação a Distância (SEED). **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Brasília, 2007a.

MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_. (Org.) **Matriz Ética do Habitar Humano**: Entrelaçamento de sete âmbitos de reflexão-ação numa matriz biológico-cultural: Democracia, Pobreza, Educação, Biosfera, Economia, Ciência e Espiritualidade. 2009. Disponível em: <[http://escoladeredes.ning.com/group/biblioteca\\_humbertomaturana](http://escoladeredes.ning.com/group/biblioteca_humbertomaturana)>. Acesso em: 15 ago. 2011.

\_\_\_\_. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

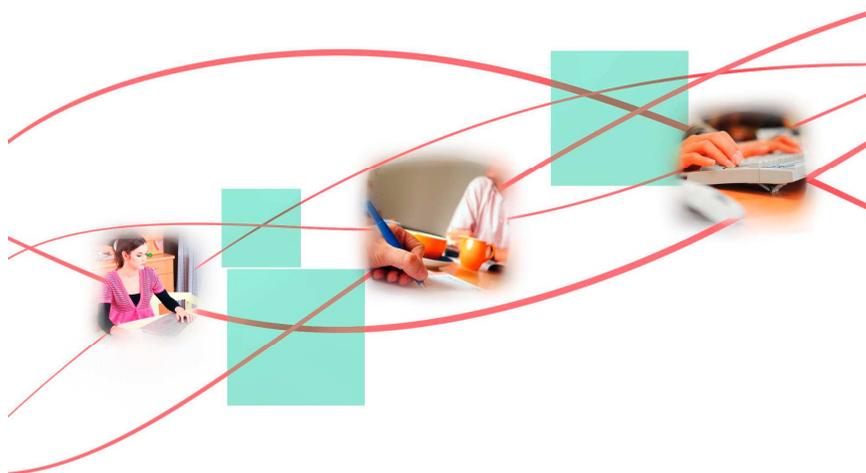
\_\_\_\_; DÁVILA, X. P. Biologia do conhecer e biologia do Amar: Educação a partir da matriz biológica da existência humana. In: **Projeto Regional de Educação para América Latina e o Caribe (PRELAC)**. n.2. fev. 2006. p. 30-39.

MOURA, A. C. O. S.; VANIEL, B. V.; DUVOISIN, I. A.; LAURINO, D. P., Saberes e fazeres pedagógicos dos tutores na rede de aprendizagens cooperativas. In: **Anais do 1º Seminário Internacional de Educação em Ciências**, 2011, Rio Grande. Anais. Rio Grande: FURG, 2011. p. 544-556. Disponível em: <[http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII\\_I.pdf](http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII_I.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2011.

PRETTO, N. de L.; RICCIO, N. C. R. **A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais**. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n37/a10n37.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.

VANIEL, B. V.; MOURA, A. C. O. S.; DUVOISIN, I. A.; ALVES, A. M. Ser

estudante em educação a distância: desafios e possibilidades. In: **Anais do 1º Seminário Internacional de Educação em Ciências**, 2011, Rio Grande. Anais. Rio Grande: FURG, 2011. p. 824-833. Disponível em: <[http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII\\_I.pdf](http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII_I.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2011.



**O ESTABELECIMENTO DO VÍNCULO E DO  
AFETO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:  
A IMPORTÂNCIA DA TUTORIA**



## O ESTABELECIMENTO DO VÍNCULO E DO AFETO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA TUTORIA

Viviane Couto de Andrade

### Introdução

O presente artigo, cuja temática é o estabelecimento do vínculo e da afetividade na Educação a Distância (EaD), pretende refletir sobre como se dão os processos de interação e identificação nessa modalidade educativa, destacando-os como essenciais para o êxito e para a aprendizagem do aluno. A justificativa deste trabalho se encontra no fato de que, dado o crescente avanço tecnológico e a sua popularização, hoje, é cada vez maior o número de pessoas que não apenas têm acesso, mas que se utilizam desde “artefatos tecnológicos”, como celulares, que agregam as mais diversas funções, computadores de mão, até o uso de espaços “cibernéticos” públicos, como as *lan houses* e os *cyber cafés*, diariamente.

Fatos esses que englobam, igualmente, a área da educação e o ensino a distância, os quais vêm ganhando, socialmente, cada vez mais espaço e legitimidade, de modo a potencializar e garantir o acesso à educação e à informação, possibilitando o essencial para que as pessoas possam assumir plenamente a sua cidadania: o conhecimento. Deste modo, o estudo e a investigação, como se dão nesta modalidade de ensino, com o estabelecimento de laços e a amizade, tornam-se cogentes, uma vez que, como seres afetivos, não apenas valorizamos, mas dependemos de uma série de condições subjetivas para nos desenvolvermos e, inclusive, para aprendermos.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho envolveu a busca de referências que identifiquem as funções do tutor na EaD como motivador e auxiliador na aprendizagem e organização do aluno, entre outras atribuições, conforme destacadas no ambiente de EaD da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, por exemplo. Estas se relacionam e, de certa forma, dialogam com as exigências e as expectativas de alunos e professores de cursos a distância. Salientamos a necessidade deste profissional como mediador das relações entre educador, conhecimento e educandos, corroborando não apenas na construção do conhecimento, mas na constituição subjetiva do aluno em

EaD. Assim, o tutor se configura como suporte objetivo e emocional, servindo como exemplo e referência para a turma.

Nesse sentido, assumir este papel demanda a tomada de uma postura ética e responsável, exigente de conhecimento, tanto teórico como técnico, das ferramentas virtuais do ambiente virtual de aprendizagem, mas permeada de afeto e sensibilidade no estabelecimento de relações, *a priori*, humanas. O olhar, a partir do qual se analisa tais questões, traz consigo, além das leituras realizadas no curso, a minha própria vivência enquanto tutora presencial em EaD. Ambos os elementos contribuíram fundamentalmente na construção e organização de conhecimentos a respeito deste tema, sobretudo na importância do trabalho de tutoria no ensino a distância, vindos a corroborar na minha constituição enquanto docente nas Séries Iniciais.

### **Pensar o “Todo”**

Somos parte de uma sociedade que, por muito tempo, foi dominada por uma cultura reducionista e compartimentada, incapaz de relacionar e articular informações. Mesmo que, em determinado momento, essa visão dicotomizada de mundo tenha nos tornado “talvez mais lúcidos sobre uma pequena parte separada do seu contexto[...]nostorna cegos ou míopes sobre a relação entre a parte e o contexto[...]” (MORIN, 2000, p.29).

A revolução tecnológica – é explícito hoje o impacto causado pelo avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na vida das pessoas – vem transformando imensamente a forma de ser e estar no mundo: no modo como pensamos, relacionamo-nos e interagimos na realidade em que estamos inseridos, pois, em uma relação dialética, se por um lado formamos a sociedade, por outro, somos formados por ela. Segundo Moran (2009):

Estamos sempre dentro de um contexto maior, que nos envolve como os peixes na água e que nos parece 'natural'[...] E, ao mesmo tempo, o contexto está em nós. Queiramo-lo ou não, a sociedade está o tempo todo interagindo, comunicando-se conosco, orientando-nos, balizando a nossa percepção e a ação[...] (s/p, grifo do autor).

Assim, no que tange o campo educacional, as Tecnologias da Informação e Comunicação são de uma contribuição imensurável,

[...]opondo-se ao racionalismo técnico linear, fragmentação e compartimentação, apontando para a dinamicidade e 'inacabamento' do processo de ensinar e aprender, denotando uma perspectiva dialética e complexa e 'exigindo' do professor uma nova postura didática (SOUZA, 2004, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a influência das TICs é observada tanto no ensino presencial, de maneira a enriquecer e oportunizar novas formas de aprendizagem e organização do trabalho pedagógico, como no ensino à distância, ao propiciar uma superação do até então “limitador” tempo e espaço, como enfatiza Vieira (2009), referenciando Belloni:

A EaD aparece como modalidade de ensino que atende às demandas da sociedade atual no que concerne às mudanças econômicas e conseqüentemente aos desafios educacionais (BELLONI, 2003). Entre os aspectos positivos destacados na EaD estão a multiplicidade de oportunidades educacionais que ela oferece e a resposta a um desafio posto ao sistema de ensino superior no Brasil: 'expansão significativa e diversificação da oferta de formação inicial, para atender à demanda decorrente da expansão do ensino secundário' (idem, 2002, p.139). Essa autora vê a EaD mais como uma modalidade de ensino regular, do que como uma modalidade de ensino emergencial, pois ela é capaz de inovar quanto aos conteúdos e metodologias de ensino frente às novas formas de aprendizado impulsionadas pelo avanço das TICs (grifo do autor).

Maturana (1998) supera a dicotomia entre razão e emoção, ao afirmar que somos constituídos justamente da intersecção entre os dois. Para além disso, “[...] Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo de emoção que a torna possível” (p.92). Assim, o amor como aceitação do outro se torna a emoção principal da história humana, já que “Se não há interações na aceitação mútua, produz-se a separação ou a destruição” (1998, p.24).

Para Vigotsky (2003), “A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento [...]” (p.121). Deste modo, a educação

como um processo eminentemente humano é permeada pela subjetividade dos seus atores e está sujeita à comunicação e à interação entre os sujeitos:

El ser humano orienta sus actos hacia las cosas em función de lo que éstas significan para el; el significado surge como consecuencia de la interacción social que cada uno mantiene con el prójimo y con su entorno; los significados se manipulan y modifican mediante un proceso interpretativo desarrollado por la persona al enfrentarse con las cosas que va hallando a su paso, va construyendo a través de la experiencia [...] (PREMAOR, 2007, p.245).

## A tutoria em diferentes olhares

Refletir acerca da importância da tutoria em EaD exige, além do conhecimento a respeito desta modalidade de ensino e das especificidades desta função, conceituá-la a partir de diferentes visões. Desta forma, procurei me aproximar destas percepções através de um pequeno questionário virtual, enviado por *e-mail* a alunos e professores que atuam na educação a distância, para que relatassem suas impressões sobre a tutoria em EaD, a partir de quatro questões:

1. Na tua opinião, qual o papel do tutor no ensino a distância?
2. Acreditas que a atuação do tutor esteja relacionada a tua aprendizagem e ao aproveitamento do curso? Por quê?
3. Na tua opinião, quais são as características necessárias a quem exerce a tutoria em EaD?
4. Na tua opinião, quais são os maiores problemas relacionados à ação do tutor?

Neste sentido, de acordo com os dados coletados, pode-se afirmar que:

Na visão dos **alunos**, são **responsabilidades do tutor**:

- mediar a relação entre alunos e professores;
- propiciar ao estudante o estabelecimento de vínculos;
- auxiliar aos alunos com relação ao uso e dificuldades relacionadas ao Ambiente Virtual de Aprendizagem;

- propor leituras que auxiliem na realização das tarefas e aprendizagens;
- sanar dúvidas relacionadas ao conteúdo (neste sentido, o tutor deve estar devidamente “preparado”, ou seja, conhecer o conteúdo);
- dirimir dúvidas;
- monitorar a realização das atividades e interagir com os alunos;
- ouvir o aluno;
- estar disponível para atender aos alunos;
- avaliar as atividades realizadas pelos alunos, considerando tanto aspectos quantitativos (nota) quanto qualitativos (orientando-o com relação ao que pode ser melhorado); e
- acolher os alunos e organizar os encontros presenciais (especificamente os tutores presenciais).

**Para os alunos, o tutor influencia, e muito, na aprendizagem,** por isso, a formação deste na área respectiva da disciplina é fundamental, já que é responsável por auxiliar os estudantes no decorrer do curso, tanto na dimensão pedagógica, mais voltada à ação do tutor à distância, quanto organizacional, de modo a contribuir inclusive para superação de conflitos e problemas desses discentes com relação ao curso. Este profissional, a partir das características supracitadas, torna-se, além de um ser motivador, um elo entre professor-conhecimento-aluno, de modo que colabora no amadurecimento desses educandos. Ainda, no que concerne **ao perfil e às características “subjetivas” do tutor**, este deveria ter ou demonstrar:

- apreço pela tutoria;
- disponibilidade de tempo;
- competência para a tarefa;
- atualização com relação à disciplina e atividades;
- responsabilidade e pontualidade nos atendimentos *on-line*;
- carinho, afeto, empatia e entrosamento com os alunos (constituindo-se um parceiro destes);
- disposição;
- agilidade no retorno com relação às tarefas;
- paciência e compreensão;
- (ser) comunicativo e flexível;
- expressar-se de modo claro e adequado; e

- dominar o uso das ferramentas tecnológicas.

Dentre as **principais falhas da tutoria**, estão (ainda na visão do aluno):

- a falta de contato, retorno ou demora nas respostas para os alunos;
- o não estabelecimento de uma relação afetiva com os alunos;
- a desinformação sobre o andamento da disciplina e falha na comunicação com o professor;
- não dar retorno ao aluno;
- falta de comunicação com os alunos;
- ausência no Ambiente Virtual de Aprendizagem;
- falta de conhecimento das ferramentas do ambiente virtual;
- a troca constante de tutores; e
- a forma de se expressar (às vezes grosseira ou confusa).

Para os **professores**, são **responsabilidades do tutor**:

- mediar a relação entre alunos, professores e saberes;
- instigar a participação dos alunos nos fóruns;
- oferecer suporte para a realização das atividades e na aprendizagens;
- orientar os alunos com relação ao Ambiente Virtual de Aprendizagem, de maneira a esclarecer e possibilitar o uso dos recursos que ele oferece;
- auxiliar na construção da disciplina, o que inclui a elaboração do conteúdo e provas; e
- estabelecer um vínculo afetivo com os alunos.

Sua **importância** está relacionada à aprendizagem e aproveitamento do curso, no sentido de acompanhar o progresso e o crescimento do aluno através do retorno das atividades, contemplando o aspecto qualitativo da avaliação, principalmente. Por outro lado, o papel do tutor como motivador do aluno, para que ele não desista do curso, considerando as dificuldades de ser estudante em EaD, é de extrema importância.

Igualmente, não se pode desconsiderar ainda a contribuição singular desse profissional como mediador, especialmente, nas relações interpessoais entre discentes e docentes. Este também é fundamental

no que tange à avaliação dos estudantes da referida modalidade de ensino, uma vez que tem um contato maior com o aluno quando comparado com o professor. Desta forma, o compromisso (responsabilidade) e a disposição – leia-se comprometimento e ânimo do tutor, no estabelecimento do diálogo e no debate (problematização) dos conhecimentos e posicionamentos dos educandos, bem como a competência teórica (conteúdo), a boa expressão (oral e escrita) e o tempo disponível **são condições para o seu trabalho**. Ademais, seria desejável que o tutor, para o bom desempenho das duas funções, trabalhasse com certa autonomia e tivesse iniciativa.

As **falhas da tutoria** estão relacionadas, para os professores, em fatores como:

- a não institucionalização da tutoria, o que, além de dificultar o vínculo e a permanência deste no curso, prejudica a sua atuação, já que ele desempenha, juntamente com a função de tutoria, outras atividades;
- dificuldade na comunicação (escrita) com os alunos, em fórum e tarefas, que impossibilita a estes ter clareza sobre as suas deficiências e aprendizado;
- falta de competência teórica;
- demora no retorno e falhas na comunicação com os alunos e professores; e
- falta de iniciativa.

Outros elementos forneceram igualmente dados para enriquecer as reflexões acerca do tema, como dicionários e tutoriais *on-line*. Em dicionários virtuais, são significados para o vocábulo tutor:

- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa(2009)

[...] 1. do Lat. Tutore s. m., Pessoa a quem é ou está confiada uma tutela.  
2. [Figurado] Protetor; conselheiro.  
3. Haste ou vara cravada no solo e à qual se segura uma planta para que não se vergue; [...].

- Michaelis (2009)

[...] 1. Dir Aquele que, por disposição testamentária ou por decisão do juiz, está encarregado de uma tutela ou tutoria.

2. O que protege, ampara ou dirige; defensor.
3. Agr Estaca ou vara cravada no solo, para amparar e segurar uma planta cujo caule é flexível ou demasiado débil. T. dativo: o que exerce a tutela dativa. T. legítimo: o que exerce a tutela legítima. T. testamentário: o que exerce a tutela testamentária.

- Infopédia (2009)

- [...] 1. Pessoa a quem, por lei, é confiada uma tutela.
2. Haste cravada no solo, à qual se segura uma planta.
  3. *Figurado* protetor.
  4. Conselheiro.

No tutorial "UAB – FURG", de 2009, do Ambiente Virtual de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a respeito das responsabilidades da tutoria, ressalta-se a diferença entre tutor presencial e a distância, com papéis e obrigações distintas. Leia-se:

- Funções, de carácter pedagógico, do tutor presencial:

- 1. ajudar cada aluno a planejar sua aprendizagem e o seu envolvimento no curso [...];
- 4. organizar, conduzir e acolher grupos de estudos [...];
- 6. estabelecer um diálogo amigável, a fim de facilitar que os alunos esclareçam seus pensamentos e enfrentem suas contradições e inconsistências [...];
- 8. atuar como mediador e facilitador nas discussões acadêmicas presenciais, sobretudo manter postura acolhedora.

- Funções, de carácter organizativo, do tutor presencial:

- 1. função organizativa[...];
- 3. acompanhar as atividades propostas nas disciplinas/módulos/blocos[...];
- 4. informar aos professores e tutores a distância todas as questões pedagógicas referentes a cada aluno como, por exemplo, ausências, afastamentos, dificuldades, alternativas [...].

- Funções do tutor a distância – apoio docente:
  - 2. assessorar o professor em todas as atividades que se fizerem necessárias ao bom andamento do curso [...];
  - 11. promover a sistematização e o aprofundamento dos conteúdos veiculados através de comentários, esclarecimentos de dúvidas, explicitação de conceitos, respostas a questionamentos e soluções de problemas [...];
  - 13. disponibilizar e fornecer informações, acompanhar e orientar as atividades propostas nas disciplinas e os trabalhos realizados, de maneira a esclarecer dúvidas e responder com presteza os *e-mails* recebidos dos alunos [...];
  - 16. estar atento ao nível de interatividade dos estudantes, para identificar quais não estão interagindo, bem como tentar resgatar a relação interativa [...];
  - 19. participar de encontros presenciais quando necessário [...].

Pode-se inferir, então, que o tutorial citado não apenas demonstra o compromisso da instituição com o processo de educação a distância, no sentido de ofertar ao aluno mais do que o aporte técnico para a sua formação, mas também contempla outros aspectos importantes do processo de ensino-aprendizagem, considerando inclusive a subjetividade (leia-se: as emoções e a afetividade) como elemento intrínseco a este processo. Isto está explícito, por exemplo, nos itens 6 e 8, que tratam a respeito das funções do tutor presencial, “*de caráter pedagógico*”:

[...] Estabelecer um diálogo amigável a fim de facilitar que os alunos esclareçam seus pensamentos e enfrentem suas contradições e inconsistências [...] Atuar como mediador e facilitador nas discussões acadêmicas presenciais, sobretudo manter postura acolhedora [...] (UAB – FURG, 2009).

Assim, as funções estabelecidas pelo tutorial vêm igualmente ao encontro de elementos próprios do ensino virtual, como, por exemplo, a questão da organização e do tempo para os estudos, além do que se

refere às necessidades dos alunos e professores, como é constatado através das aproximações entre os posicionamentos a respeito da ação da tutoria, por estes sujeitos, nas respostas dos questionários – mormente no que se refere:

- à **mediação entre aluno, conhecimento e professor;**
- à **qualidade da comunicação virtual (retorno qualitativo das tarefas), oferecendo suporte para que o aluno supere dificuldades e avance no seu aprendizado;**
- à **motivação aos estudantes, ou seja, à dimensão afetiva que perpassa e interdepende à ação educativa;**
- à **inconstância dos tutores nos cursos;**
- à **disponibilidade de tempo e ao compromisso do tutor (comprometimento).**

Sendo assim, o nível de conhecimento do tutor e sua ação “instrumental” atrelada à aprendizagem é importante. Entretanto, o amparo afetivo que este profissional dá ao aluno é fundamental, tornando-se um dos diferenciais no êxito do ensino a distância. Por outro lado, faz-se necessário pensar a respeito do quanto é importante que não seja reproduzido no virtual a dependência exacerbada que geralmente encontramos no ensino presencial, no qual os alunos assumem uma postura passiva em relação ao professor.

Ao invés disto, cabe também ao tutor trabalhar e incentivar nos acadêmicos o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais nesta modalidade de ensino, como a disciplina, a autonomia, o gerenciamento da aprendizagem e o “apreender a apreender”, pois é inquestionável o impacto que os alunos sofrem nos primeiros contatos com a educação a distância. Motivo este pelo qual é de extrema importância conscientizá-los da necessidade de assumirem outra postura frente a esta nova experiência, conforme Duart y Sangrá apud Premaor (2007):

[...] los estudiantes son protagonistas de su proceso de aprendizaje y también tienen la oportunidad de manejar su propio ritmo de estudio. Es posible decir que parte del éxito de los modelos formativos depende del interés, la motivación y la emoción/actitud positiva, generadas mediante la interacción entre sus participantes, lo que puede constituir la base para el aprendizaje significativo, que logra incorporarse a las estructuras

del conocimiento que tiene el sujeto, adquiriendo trascendencia a partir de la relación con su conocimiento anterior (p.244).

Certamente, a função da tutoria em EaD se apresenta como um desafio que vai muito além do ensinar e construir conhecimento, esta tem a tarefa de comprometer verdadeiramente a turma como grupo apreendente, criando uma autêntica rede colaborativa de aprendizagem, mobilizando seus participantes e comprometendo-os uns com os outros. Isto pode ser ilustrado nas trocas entre os alunos em um fórum de discussão aberto por uma discente:

Aluno 1: Gostaria de parabenizar o tutor [...] pelo retorno imediato na correção das tarefas postadas, sempre com comentários. Essa atitude nos dá mais segurança na realização das atividades, podemos saber o que está correto ou errado para que possamos cada vez mais nos aprimorar e, em consequência, mais vontade de seguir adiante. Parabéns!

Aluno 2: [...] concordo plenamente contigo, parabéns tutor - professor, estávamos precisando deste incentivo para seguirmos em frente! [...]

Aluno 1: Concordo contigo, [...] todos respondem tudo muito rápido e sempre atenciosos!! A equipe está (sic). Parabéns!!

Coloquei essa mensagem porque acho que devemos além de reclamar as falhas do nosso curso, incentivar e parabenizar as pessoas que colaboram para que ainda estejamos aqui!! Bjs.

Aluno 3: Concordo com a [...], realmente [...] está sempre pronta para ajudar e responde nossos questionamentos prontamente. Parabéns.

Aluno 4: PARABÉNS!!! Tutores e professores queridos, está sendo um privilégio contar com a participação de vocês em nosso processo de formação. Este grupo de tutores é nota DEZ. O meu muito obrigado àqueles que já estiveram presentes em nosso pólo e aqueles que ainda estão por vir que sejam bem vindos!

E um muito OBRIGADO a nossa tutora presencial, [...] que está sempre presente, para nos auxiliar em todos os momentos.

Beijos!!!

Aluno 1: É isso aí, [...]! Nunca iremos esquecer a disponibilidade e preocupação da nossa tutora [...].

Em relação aos professores e tutores, acho que às vezes temos alguns problemas, mas não podemos deixar de elogiar aos que estão sempre presentes e dispostos a nos auxiliar.

Aluno 5: É gente, é louvável a atitude destes tutores frente aos obstáculos e problemas que temos enfrentado durante o curso...estão realmente de parabéns!!!

Desta forma, em se tratando do ensino a distância, o papel e a importância do tutor são muito mais abrangentes, uma vez que ele é um grande colaborador e aporte no trabalho pedagógico e não apenas acompanha, mas influencia e contribui na formação do aluno. Além disso, não se pode negar que, simbólica e poeticamente, ele possa se configurar como um apoio “à uma planta de haste flexível” (MICHAELIS, 2009).

Deste modo, pensar o aluno como “[...] uma planta cujo caule é flexível ou demasiado débil”<sup>10</sup> é considerar o nível de comprometimento, responsabilidade, organização e autodisciplina que lhe são exigidos em um curso a distância, principalmente quando se trata da Graduação. Faz-se necessário comentar que recebemos a “educação da dependência”, na qual precisamos do auxílio do professor para balizar nossas ações apreendentes. O ensino *on-line* pressupõe e, neste sentido, provoca uma ruptura e uma quebra do paradigma tradicional que coloca o professor como principal agente do trabalho educativo. Esse processo propicia a capacidade de ser autônomo e a condução da própria aprendizagem em um espaço onde todos, a partir de identidades distintas – professor, tutor e alunos – constituem-se como pontos fundamentais na tessitura de uma grande rede colaborativa de aprendizagem, em um processo permanente de diálogo e interação, construindo e reconstruindo saberes e em uma formação acadêmica repleta de sinergia e significado.

Não obstante, ao tutor se exige seriedade e regularidade no que concerne ao acompanhamento do aluno, uma vez que aprender a distância não significa estar só, muito pelo contrário, é a presença ativa e motivadora do tutor no ambiente de aprendizagem, é o diferencial no trabalho em EaD. Conforme expressa Premaor (2007): “El tutor ocupa um lugar clave em la comunicación com los alumnos, los motiva,

---

<sup>10</sup> Idem, 2009.

orienta, propone estratégias de estudio y los acompaña en el proceso formativo” (p.245). Banzato (2007) também destaca as principais competências do tutor: “[...] psicopedagógicas, epistemológica, cultural, psicológica, pedagógica, organizativas de la administración y evaluativa (p.245)”.

Desta forma, ao passo que o tutor que colabora no avanço do aluno em relação ao conhecimento, ao questionar, problematizar e possibilitar referenciais para a formação acadêmica; oferece apoio emocional e afetivo ao educando, não raras vezes, colaborando para que ele crie uma postura organizada e autônoma, gerenciando sua aprendizagem e a sua formação e, até mesmo, possivelmente, evitando uma evasão – o que, a distância, torna-se muito mais comum, dado a dificuldade que existe no estabelecimento da autodisciplina ou a “rigoriedade metódica”, como expressa Freire (1996, p.28-30), o que é essencial para o êxito nesta modalidade de ensino.

Igualmente relevante é o fato de que, mesmo em níveis mais elevados de educação, o aprender vai além dos conteúdos disciplinares. Não se pode pensar em educar sem considerar a formação do caráter dos acadêmicos. Assim, assumir uma postura mais do que responsável, mas, sobretudo, ética, se faz imprescindível.

### **O outro lado da moeda: aprendizagens construídas no exercício da tutoria**

Minha primeira experiência e, por enquanto, única como tutora presencial coincidiu com a primeira turma em EaD da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, ainda como parte do projeto Universidade Aberta do Brasil – UAB. Assim, minha identidade como tal foi-se construindo e amadurecendo juntamente com o próprio curso:

[...] a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um 'eu verdadeiro e único', mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós [...]. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL apud GONÇALVES, 2009, grifo do autor).

Faz-se necessário salientar que tenho consciência da minha contribuição, embora esta seja pequena, no aprimoramento desse projeto. Como tutora presencial, minhas responsabilidades estão mais relacionadas com o acompanhamento organizacional do aluno, constituindo-me como “suporte” durante a realização do curso: informo, motivo, detecto eventuais ou frequentes problemas e dificuldades, mantenho e medeio uma ampla comunicação com e entre os alunos – compondo-os como grupo –, tutores a distância, professores, Secretaria de Educação a Distância – SEaD Universidade. Não obstante, ser graduada na mesma área (Pedagogia) me possibilitou um envolvimento muito maior, contribuindo de forma mais efetiva na formação acadêmica dos alunos.

Por outro lado, trabalhar como regente em turmas de Anos Iniciais oportuniza o compartilhamento, com a turma, de exemplos e situações do cotidiano escolar que vivo, as quais, não raras vezes, oferecem campo para estudo e pesquisa.

Neste sentido, participar da formação dos alunos me possibilitou refletir e melhorar a minha prática. Ademais, considero que tais ponderações têm valor inestimável, principalmente diante do desencantamento pelo qual passam os profissionais da educação – que eu senti muitas vezes - o qual não apenas se tornou frequente, mas também assumiu paulatinamente dimensões muito mais profundas no contexto educativo.

Desse modo, participar do processo de formação docente e, de certa forma, tornar-me referência de futuros pedagogos me exigiu eticamente a assunção do compromisso como educadora de forma muito maior e ampla, dando-me condições para resgatar a minha valorização enquanto profissional, assim como construir e buscar outros conhecimentos, em um verdadeiro processo de formação continuada, a partir do contato com as disciplinas do curso. Não obstante, pude perceber durante essa jornada um processo de aprendizagem coletiva: o ser (professor, tutor e aluno) em EaD, o que gerou um crescimento significativo nestes atores, em múltiplos sentidos, como no que se refere à organização e autonomia do educando ou na divisão do papel docente, relacionada ao trabalho conjunto do professor e tutor; questões que estão vinculadas ao compromisso com um ensino de qualidade, voltado à colaboração mútua e emancipação humana.

## Considerações finais

A partir das leituras realizadas, dos dados coletados e da minha vivência como tutora em EaD, pude constatar que o estabelecimento do vínculo e do afeto nesta modalidade são não apenas desejáveis, mas estão intrinsecamente presentes, mesmo nas relações que se estabelecem fundamentalmente no ambiente virtual. Uma vez que tais relações assumem considerável importância na aprendizagem, faz-se imprescindível que se tornem ponto de reflexão, a partir de uma visão ampla e dialética de mundo, reconhecendo as dimensões contraditórias e complementares que nos compõem.

Pensar a respeito da qualidade das relações que estabelecemos exige o reconhecimento do humano como ser afetivo, em que a constituição deste se dá mediatizada pela cultura e por um universo de significados que se estabelecem ao longo de nossa ação no mundo e que, ao mesmo tempo, são influenciados por ela. Nesse sentido, o tutor tem um caráter de extrema importância que vai muito além de ser um orientador da aprendizagem.

Dele é a responsabilidade de estabelecer o vínculo afetivo, do qual irá depender o sucesso da aprendizagem a distância. Assim, muitas vezes, essa figura serve como suporte do aluno, auxiliando-o a se constituir objetiva e subjetivamente como um estudante de um curso a distância. Dessa forma, não diferentemente do que se espera em outras modalidades de ensino, ao tutor é exigido o conhecimento teórico, das ferramentas virtuais de aprendizagem e, sobretudo, disposição, compromisso, ética e responsabilidade, principalmente porque sua ação ensina e contribui na formação dos alunos.

Destaco ainda que o ensino a distância se compõe de uma via de mão dupla: se, por um lado, a atuação do tutor permeia a formação dos alunos, por outro, ele mesmo se forma através de tal ação, de modo que constrói saberes e amplia o seu “pensar o mundo”, a partir de elementos cuja amplitude tem uma dimensão homérica, uma vez que, no ensino a distância, inexistem limitadores tempo e espaço, cujos efeitos, ao assumir um caráter intrapessoal, estão, ou podem estar, muito além da tutoria. Nesse contexto, as possibilidades são tantas quanto a nossa capacidade e desejo de crescer (para o quê despertamos e somos despertados)!

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Ana do Carmo Goulart. **Diálogos com os Estudos Culturais: Pensando a Escola Infantil e a Cultura no Cenário Contemporâneo.** Disponível em: <[http://www.uab.furg.br/file.php/149/dialogos\\_estudos\\_culturais.pdf](http://www.uab.furg.br/file.php/149/dialogos_estudos_culturais.pdf)>. Acesso em: 2 jun. 2009.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte:UFMG, 1998.

MELHORAMENTOS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tutor>>. Acesso em: 1 jun. 2009.

MORAN, José Manuel. **Interações entre comunicação e educação.** Disponível em: <[http://www.webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/Modulos%20Portal/Introdutorio/modulo\\_introdutorio/etapa\\_3/p3\\_02a.html](http://www.webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/Modulos%20Portal/Introdutorio/modulo_introdutorio/etapa_3/p3_02a.html)>. Acesso em: 3 mar. 2009.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um Pensamento Complexo. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. da. **Para Navegar no Século XXI.** 2.ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2000.

PREMAOR, Vânia Bem. El rol del tutor en el contexto europeo y latinoamericano una experiencia en la educación online. In: NEVADO, Rosane A. de, et al. **Aprendizagem em Rede na Educação a Distância.** Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em: <[http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx)>. Acesso em: 1 jun. 2009.

PORTO EDITORA. **Infopédia, Dicionários e Enciclopédias da Porto Editora.** <<http://www.infopedia.pt/pesquisa?qsFiltro=14>>. Acesso em: 1 jun. 2009.

SOUZA, Alba Regina Battisti de. **Saberes docentes na educação a distância** – análise e prospecções. 2004. Disponível em: <[http://www.uab.furg.br/file.php/8/Saberes\\_docentes\\_na\\_educacao\\_distancia2.rtf](http://www.uab.furg.br/file.php/8/Saberes_docentes_na_educacao_distancia2.rtf)>. Acesso em: 3 maio 2009.

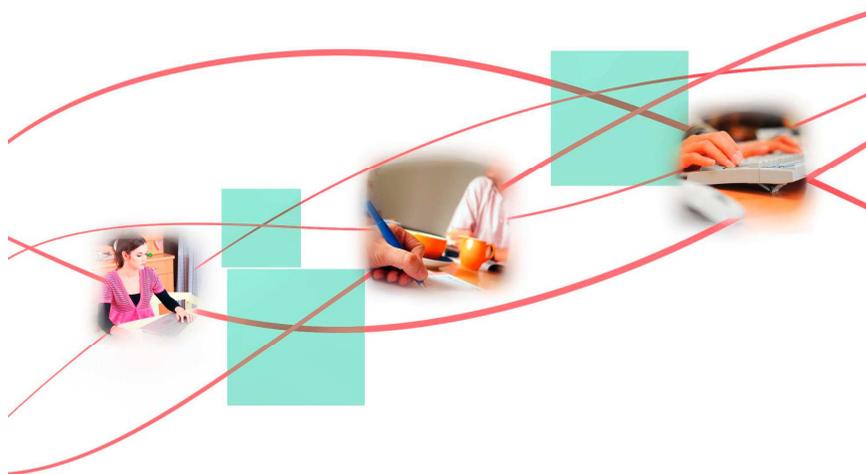
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Função do Tutor Presencial**. Disponível em: <[http://www.uab.furg.br/file.php/1/editais/tutores/funcoes\\_dos\\_tutores/Funcoes\\_do\\_tutor\\_presencial.pdf](http://www.uab.furg.br/file.php/1/editais/tutores/funcoes_dos_tutores/Funcoes_do_tutor_presencial.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Função do Tutor a distância**. Disponível em: <[http://www.uab.furg.br/file.php/1/editais/tutores/funcoes\\_dos\\_tutores/Funcoes\\_do\\_tutor\\_distancia.pdf](http://www.uab.furg.br/file.php/1/editais/tutores/funcoes_dos_tutores/Funcoes_do_tutor_distancia.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 2009.

VIEIRA, Verônica Mendes. **O uso das TICs na educação a distância: percepção dos tutores do projeto Veredas**. Disponível em: <[http://www.ppge.ufjf.br/publicacao/poster\\_5\\_texto\\_e\\_resumo\\_veronica\\_mendes\\_vieira.pdf](http://www.ppge.ufjf.br/publicacao/poster_5_texto_e_resumo_veronica_mendes_vieira.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2009.

VYGOTSKY, LievSemionovich. **Psicologia Pedagógica** – edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.





## **AUTONOMIA: SUAS DIMENSÕES NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**



## **AUTONOMIA: SUAS DIMENSÕES NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

*Lisiane Claro  
Michele Borges Martins*

Os cursos oferecidos por meio da Educação a Distância (EaD) no Brasil assumem vários espaços no atual contexto da educação desse país. Ao reconhecer tal fenômeno, compreendemos que novos agentes surgem na efetivação dessa modalidade de ensino – a qual ganha destaque, seja por meio de sua acessibilidade facilitada pelos procedimentos virtuais ou pela escassez de tempo para o aperfeiçoamento profissional, típica do momento atual. Nesse âmbito, destacamos aqui o tutor como um sujeito presente nos processos de ensino-aprendizagem, que ocorrem a partir das possibilidades as quais surgem através da EaD.

Paralelamente, percebemos que a Educação a Distância reforça a necessidade do autogerenciamento do aluno no que concerne à realização das leituras e atividades propostas pelos cursos dessa modalidade. Esse processo ocorre devido à maior flexibilidade que o cursista tem no que tange ao ajuste da realização das atividades de acordo com seus horários disponíveis, o que dificilmente acontece em um curso presencial com grade de horários fixos. Não obstante, consideramos que a busca pelo trabalho de forma mais independente não significa trabalhar de forma isolada e individualizada. Portanto, buscamos trabalhar as dimensões da autonomia nos processos da EaD.

A partir desses apontamentos iniciais, bem como por meio do trabalho de tutoria realizado em um curso de aperfeiçoamento a distância semipresencial por estas articulistas, questionamos: como a EaD vem se configurando enquanto uma nova possibilidade aos brasileiros? É possível um projeto que vise à autonomia, de forma a ser construída em conjunto com os novos agentes desse processo de ensino-aprendizagem? Em que medida a busca por autonomia pode ser potencializada?

Justificamos essas problematizações, ao entendermos suas pertinências no que se referem ao desafio que é trabalhar como tutor(as), de forma a contribuir para nossa prática enquanto sujeitos que acompanham os processos de construção de conhecimentos dos cursistas – os quais buscam por meio dos cursos de aperfeiçoamento a

melhora de suas práticas enquanto profissionais. Nesse sentido, julgamos que refletir a prática do(a) tutor(a) é também participar de um processo que contribua para nosso aperfeiçoamento enquanto agentes de um novo cenário que compõe a educação vigente.

Para tanto, conheceremos de forma breve, porém esclarecedora, a trajetória do ensino a distância em nosso país. A partir desse ponto, iremos discutir como podemos auxiliar os cursistas da modalidade EaD para com a busca pela autonomia em suas práticas, de forma a reconhecer as potencialidades que o trabalho com a tutoria nos lega.

## **O ensino a distância no Brasil: um breve panorama**

Segundo o Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil Censo EAD.BR apresentado em 2010 pela Associação Brasileira de Educação a Distância, em 2008, a oferta de cursos nessa modalidade cresceu cerca de 89% em comparação ao ano anterior – em 2007, foram ofertados 299 cursos novos, enquanto em 2008 foram ofertados 568. Ainda,

[...] o nível de crescimento dos investimentos das instituições credenciadas a distância é muito parecido nos setores público e privado. Ambos previram investir em 2009 cerca de 23% a mais do que no ano passado. Entre as instituições que ministram cursos livres, a previsão de investimentos foi ainda maior, de crescimento de um terço [...] (CENSO EAD.BR, 2010, p.13).

A partir dos dados apresentados no trecho acima, é possível verificar que há um grande desenvolvimento e uma ampliação da modalidade a distância em nosso país, tanto no setor público quanto no privado, justificando parcialmente a multiplicação de universidades centradas nessa modalidade de ensino. Além disso, essa ascensão da EaD possibilita, cada vez mais, a presença de polos universitários em regiões distantes de suas sedes, viabilizando também trocas culturais.

Nas sociedades contemporâneas, é visível a presença do “imediatismo”. As novas tecnologias afetam o nosso cotidiano a tal maneira que nos possibilitam transitar em vários ambientes ao mesmo tempo. A exemplo disso, destacamos a aula realizada por webconferência: o docente está fisicamente presente na sala em que ministra sua aula, mas, também, faz-se presente no polo, onde os

alunos a assistem por meio de suportes técnicos (projeter, computador, caixa de som etc.). Além disso, o professor pode estar presente no ambiente virtual, no qual pode se comunicar com os discentes pelos *chats* – o que nos faz pensar que o crescimento da Educação a Distância talvez seja devido a sua melhor adequação à realidade da sociedade atual.

No entanto, não nos propomos a discutir aqui as causas da disseminação dessa modalidade e, sim, a partir da verificação deste fato, demonstrar que caminhos a Educação a Distância percorreu para que possa, hoje, ocupar um lugar significativo na educação brasileira. A EaD começou a ser discutida em âmbito governamental a partir da década de 1970. Entretanto, somente em 1996, com a Lei n. 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a EaD é reconhecida como uma modalidade de organização de atividades educacionais.

No artigo 80 das disposições gerais, podemos observar a determinação, que diz: “o poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”, evidenciando, então, que, a partir daquele momento, era de responsabilidade federal a estruturação e consolidação da Educação a Distância no território nacional.

Com isso, a referida modalidade passou a fazer parte das discussões acerca das políticas públicas para educação, mais intensamente, no que se referia à democratização da formação inicial e continuada. Aos poucos, suas bases legais foram estabelecidas, com a Portaria Ministerial n. 301, com o Decreto n. 2.561 e com o Decreto n. 2.494 de 10 de fevereiro de 1998, o qual também apresenta uma definição para a nova modalidade no art. 1º:

Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (BRASIL, 1998).

Como podemos perceber, o trecho citado demonstra que o novo espaço de ensino está centrado na independência dos indivíduos integrantes. O uso das novas tecnologias de forma eficaz se torna um aspecto significativo no processo de aprendizagem, mas, embora as ferramentas combinadas com a metodologia objetivem incentivar a

autonomia, o foco do processo de ensino não consegue ainda se deslocar do professor. Nesse contexto, a EaD é justificada pelo fato de ter um alcance maior no território brasileiro e também por colaborar com avanços pedagógicos, incentivando o desenvolvimento de novos materiais e ferramentas para educação.

Ainda para oferecer suporte à EaD: em 1996, foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED); em 2001, a resolução CNE/CES n. 01, que estabelece a possibilidade de realização de cursos *stricto sensu* e *lato sensu* por meio da Educação a Distância; e, em 2005, o Decreto n. 2.494/98 se torna pauta de discussão, o que resultou na implementação do Decreto-Lei n. 5.622/05. Este último determina a obrigatoriedade de encontros presenciais para avaliação dos alunos, defesas de conclusão de cursos e ações ligadas a atividades em laboratórios, quando previstos em legislação pertinente.

O mesmo documento estipula que a EaD pode ser ofertada em nível de Educação Básica, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial (respeitando as especificidades legais), Educação Profissional (técnico de nível médio e tecnólogos de nível superior) e Educação Superior (sequências, graduação, especialização, mestrado e doutorado). Além disso, também delimita a Educação a Distância como:

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Nesta delimitação, é possível observar que a EaD é definida a partir dos suportes tecnológicos necessários a sua efetivação e flexibilidade de realização (tempo e espaços geográficos múltiplos), não havendo referência à autonomia dos agentes participantes. No entanto, a ausência desse fator não anula sua busca, pois, se realizarmos uma breve pesquisa acerca do termo autonomia na Educação a Distância, será possível verificar que a autonomia é um assunto muito discutido.

Na obra “Educação a Distância e Ensino Superior: Introdução Didática a um tema Polêmico”, de Reginaldo Correa de Moraes, há inferência de que para alguns autores um dos “traços essenciais [da EAD] é o ritmo individualizado da aprendizagem, do progresso. Desse modo, a responsabilidade do aprendiz também é maior [...]” (MORAES, 2010, p.58), fato que, para os críticos, pode prejudicar a educação

cooperativa – contribuindo para a consolidação de um olhar que percebe a educação como um produto, viabilizando a “industrialização da educação”.

Portanto, foi possível perceber que a EaD se configura como uma modalidade educacional em expansão no Brasil, também verificamos que esta precisou “percorrer” várias etapas para que, em 2005, houvesse a regulamentação de suas várias atribuições e âmbitos de atuação. Por fim, compreendemos que a autonomia se apresenta como uma questão importante no desenvolvimento das metodologias e ações em Educação a Distância, aspecto que abordaremos com mais profundidade a seguir.

### **Autonomia como projeto na EAD: possibilidades a partir do trabalho de tutoria**

Ao pensarmos no percurso que tomou a EaD no Brasil, é possível perceber que essa modalidade de ensino exigiu dos sujeitos que a constituem o compromisso como elemento fundamental na elaboração das atividades; haja vista que a ação individual é uma das exigências de construção coletiva. Um exemplo desse movimento é a composição dos fóruns de discussão, muito presentes na elaboração das teias de diálogos tecidas pelos sujeitos que constituem os cursos de EaD.

Frente a essa compreensão, nos questionamos: como é possível auxiliar os sujeitos a assumirem uma postura compromissada para com o exercício de construir conhecimento na EaD? Entendemos aqui – enquanto alternativa válida para compreender a resposta dessa questão – as ações de tutoria como “ferramentas” legítimas capazes de incentivar a construção da autonomia nos processos da EaD.

Com efeito, podemos afirmar que a autonomia é uma característica muito presente nas obras do educador brasileiro, o qual muito contribuiu para a educação deste país. Consideramos pertinente, apropriarmos-nos aqui da “Pedagogia da Autonomia”, uma obra de Paulo Freire que pretende fomentar a crítica e a reflexão acerca das práticas educativas progressistas, em favor do desprendimento do educando.

O autor sugere que para uma prática pedagógica autônoma, a eticidade é considerada para além das relações entre lucro e mercado, é levada em conta como ponto universal do ser humano (FREIRE, 2002, p.08). Ademais, a ética é apontada como algo fundamental na formação docente, para que se mantenham fora das práticas erros como propagar inverdades, discriminações e pensamentos fatalistas.

O referido autor também expressa a necessidade de uma contínua formação do profissional da educação. Condena as práticas que não estão pautadas em uma constante busca por conhecimento e construção dos saberes, excluindo a ideia de que o aprendizado está pautado na transferência de conhecimento de maneira unidirecional: professor-aluno. Para tanto, é imprescindível a existência de uma “curiosidade epistemológica<sup>11</sup>”, a qual instiga a busca pelo aprendizado e pela produção do saber, excluindo a ideia de uma “educação bancária<sup>12</sup>”.

No entanto, qual a relação entre as ideias de Paulo Freire – apresentadas até aqui – e a função de tutoria? Para a compreensão mais clara do questionamento, introduzimos as palavras de Mill (2007), pois, de acordo com o mesmo:

Com o desenvolvimento da modalidade [...], surgem novas figuras profissionais no trabalho docente. A relação ensino-aprendizagem agora conta, por exemplo, com o docente-tutor — que não é exatamente um professor. Entre as denominações atribuídas a este docente, estão: tutor virtual, tutor eletrônico, tutor presencial, tutor de sala de aula, tutor local, orientador acadêmico, animador e diversas outras. O que caracteriza este trabalhador é sua função de acompanhar os alunos no processo de aprendizagem, que se dá, na verdade, pela intensa mediação tecnológica. (p.1)

A partir da compreensão acima, a qual coloca o tutor como um sujeito encarregado de acompanhar o educando, consideramos a pertinência da figura do tutor no processo de ensino-aprendizagem. Embora, na EaD, o professor e o tutor possuam diferentes objetivos – haja vista que desenvolvem diferentes funções –, consideramos estes como sujeitos educadores, fato que justifica a adequação das ideias de Freire (2002) a ambos agentes do conhecimento. Com base no que foi exposto, destacamos que tanto a ética quanto a constante busca por

---

<sup>11</sup> A curiosidade epistemológica é o passo à frente da curiosidade ingênua, devemos instigar isso nos educandos. Claro que o professor deve trabalhar com a curiosidade epistemológica não sendo ingênuo nas suas apreciações teóricas e metodológicas, nem em sua leitura de mundo.

<sup>12</sup> Uma concepção que não oportunize o diálogo, bem como não problematize os conteúdos a serem ensinados.

conhecimento, inferidas nas “propostas” freirianas, também se fazem necessárias no ofício do tutor a distância.

Assim como o docente, o tutor deve assumir uma postura compromissada com suas responsabilidades, suas ações devem ser pautadas no objetivo de construir confiança entre os sujeitos. Seria antiético, por exemplo, o tutor limitar as ações dos alunos, somente, ao aprendizado e à realização das tarefas propostas nas disciplinas, porque seu retorno financeiro se refere diretamente aqueles resultados. Se o discente já realizou suas atividades e ainda apresenta interesse, o tutor deve, sim, propor outros exercícios e outras leituras – sem, claro, a obrigação de correção ou acompanhamento constante –, incentivando a busca, por parte dos alunos, de outros materiais e, conseqüentemente, desenvolvendo sua autonomia.

No que se refere ao permanente interesse em obter conhecimento, é necessário que este ocorra em dois níveis. No primeiro, faz-se imprescindível que o tutor esteja constantemente se aperfeiçoando não só acerca dos conteúdos referentes às disciplinas que atende como também sobre as novas tecnologias, para que consiga utilizar os recursos do ambiente virtual, o qual serve como base para a estruturação dos cursos.

Além disso, o entendimento acerca das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) se apresenta como importante no que tange às sugestões do tutor, as quais poderão ser oferecidas aos alunos e ao professor, caso auxilie na elaboração da disciplina. O aperfeiçoamento, portanto, contribui na aquisição de habilidades que possibilitam a autonomia do tutor em suas atividades.

A persistente busca pelo saber também é um tema que deve estar presente nas discussões realizadas com os discentes. A visão crítica adquirida com os estudos é transposta a todas as vivências dos alunos, tornando-os conscientes de sua realidade e ativos. Nesse momento é que o ensino alcança seu objetivo, que é o de proporcionar ferramentas para que as pessoas se transformem em sujeitos autônomos, os quais agem sobre a sociedade em que estão inseridos.

Nesse sentido, nossas concepções também coadunam com as propostas de Freire, pois este também deixa clara a necessidade do educador democrático instigar a crítica do sujeito aprendente e assumir de fato a função que se propõe. O sujeito do processo de ensino-aprendizagem, mediador e transformador, precisa atingir a coerência entre a teoria e a prática. De nada adiante possuir um perfil “memorizador” de leituras e reflexões, se não houver a crítica e a ação em torno do que foi aprendido (FREIRE, 2002, p.18).

Como podemos observar, Freire se refere à importância da pesquisa. A busca pelas novas produções é uma das atitudes que constituem a formação docente, para que, assim, haja a possibilidade de comparação, articulação e aprimoramento do conhecimento construído. Outro ponto pertinente no pensamento freiriano se volta para o respeito aos saberes dos educandos. Nesse sentido, é preciso utilizar os conhecimentos dos sujeitos históricos como propulsores de novos diálogos e aprendizados (FREIRE, 2002, p.38). Este pensador indica a possibilidade de aproximar dos tutores novos saberes a partir das experiências dos educandos, com o objetivo de facilitar o processo de ensino e reconhecer os saberes dos educandos construídos no “chão da vida”.

Assim, por meio da verificação da possibilidade de contínuo aperfeiçoamento da consciência do ser humano, entende-se que o homem é um ser capaz de ir além de seu estado condicionado. Isso aponta uma “autocrítica” ou “autoanálise” capaz de orientar a busca por uma consciência analítica (FREIRE, 2002, p.54). Para o autor, esse é mais um elemento que auxilia a construção da autonomia na educação.

Freire ressalta, ainda, que a capacidade de ensino pautada na autonomia é uma característica do humano. O indivíduo, para tanto, deve ter segurança e confiar em sua formação, a fim de buscar sua autoridade docente (FREIRE, 2002, p.61). Diante disso, a competência, enquanto característica das ações do tutor e educador, apresenta-se como fator essencial na afirmação de tal autoridade. No entanto, a autoridade preconizada não cabe abranger a arrogância e mesquinhez. Essa qualidade abarca generosidade e respeito pelo educando e aponta para a liberdade desse sujeito. Portanto, a autoridade deve ser democrática e não mandonista.

A partir disso, podemos perceber que esses elementos auxiliam na construção de uma postura autônoma dos educandos e, para isso, é preciso compreender o quanto a educação é um componente de transformação. Maggio (in LITWIN, 2001) aborda que o tutor deve realizar uma ação comprometida com o questionamento pedagógico de sua prática – ao mesmo tempo em que se modifica nas sucessivas redefinições de sua ação, visa a transformação.

Nessa perspectiva, nota-se o quanto é indissociável o conhecimento teórico das ações nos espaços. Para tanto, aponta-se o reconhecimento de que a educação é ideológica. Se há essa percepção, Paulo Freire coloca que é possível abrir os olhos a ponto de enxergar o que existe por trás de inúmeras falas propagadas, o que é capaz de levar a uma consciência crítica. Dessa forma, é possível entender a

disseminação de um discurso fatalista que tende a mascarar efeitos da globalização, bem como a explicar um ideal de ética forjado. Esse ideal corrosivo se volta a um sentido de ética mercadológica e não a um significado de ética universal do ser humano.

Ademais, a obra destaca o quanto é indispensável a emoção na prática educacional (FREIRE, 2002, p.88). É preciso haver o sentimento de “querer bem” o educando, lutar para que os sujeitos tenham êxito como pessoas e reforçar a necessidade de uma postura humana e não mercadológica em que o respeito é elemento essencial do aprendizado. Situações estas que reforçam o valor positivo da participação dos tutores na avaliação presencial, pois este contato – realizado em um tempo limitado – auxilia no fortalecimento de uma relação mais próxima entre os integrantes. Isto se justifica também pelo fato de que, na modalidade a distância, as pessoas passam a ter aspectos físicos e características específicas de comportamento, pois o distanciamento, por vezes, resulta em uma imagem mecânica dos discentes, visto que a comunicação se estabelece sempre por meio do computador.

Assim, como podemos perceber, o tutor, enquanto agente mediador, configura-se como um personagem importante no processo de desenvolvimento da autonomia nas atividades discentes, pois este profissional é o responsável pelas orientações cotidianas. Os autores Azevedo e Nascimento (2007) trazem:

a figura de tutor como alguém que é capaz de potencializar o projecto e sentido de vida daquele que acolhe, contribuindo para que todas as suas potencialidades sejam despertas e estimuladas [...] o conceito de tutoria inclui uma dimensão de processo, de cuidado, de comprometimento com o outro, para que este se assuma como construtor principal do seu sentido de vida (p.14).

As inferências acima contribuem para o entendimento de que a tutoria cumpre um duplo papel: o de uma parceria com o docente responsável pela disciplina, no que tange ao esclarecimento dos objetivos a serem alcançados com o conteúdo e tarefas propostas e o papel de que, em conjunto com os alunos, os tutores incentivem estes estudantes, estabeleçam um diálogo produtivo, apresentem sugestões e atribuam notas. Estas ações vislumbram, assim, o protagonismo do aluno na construção de suas habilidades - no aperfeiçoamento de seus conhecimentos por meio da educação a distância.

Em concordância com Hurd (2005), acreditamos que o *feedback* tutor possibilita aos cursistas a potencialidade de reflexão crítica, bem como de autogestão, de forma a contribuir para que eles próprios se sintam capazes para corrigir e aprimorar suas ações de estudo. Assim, o sujeito assume uma postura ativa no que tange ao autodirecionamento das tomadas de decisões operacionais do processo de aprendizagem.

No que se refere à autonomia, foi possível compreender que esta deve estar presente nas várias dimensões da educação a distância, configurando-se como um dos objetivos das disciplinas, como característica orientadora das ações docentes, tutoriais e discentes. Assim, concluímos que o trabalho do tutor auxilia na compreensão de uma atitude autônoma, a qual tem como exigência comprometimento na ação das atividades constituídas por meio da EaD. Consideramos que o tutor é a “peça inicial” na busca pela ampliação da capacidade de autogestão dos alunos, de seus compromissos, assim como de elaboração das práticas educativas, seja por meio dos *chats*, fóruns de discussão ou atividades presenciais.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, N. R.; NASCIMENTO, A. T. B.. **Construção Dialógica de Sentido(s)**. Disponível em: <<http://www.eses.pt/interaccoes>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

BRASIL. **Decreto n. 2.561, de 27 de abril de 1998**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2561.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

BRASIL. **Decreto n. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

BRASIL. **Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec\\_5622.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2012.

BRASIL. **Resolução n. 1, de 8 de julho de 2007**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces001\\_07.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces001_07.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2012.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de dezembro de 1996.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2012.

CENSO EAD.BR **Associação Brasileira de Educação a Distância.** São Paulo: Person Education do Brasil, 2010. Disponível em: <[http://www.abed.org.br/censoead/CensoEaDbr0809\\_portugues.pdf](http://www.abed.org.br/censoead/CensoEaDbr0809_portugues.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf)>. Acesso em: 12 maio. 2011.

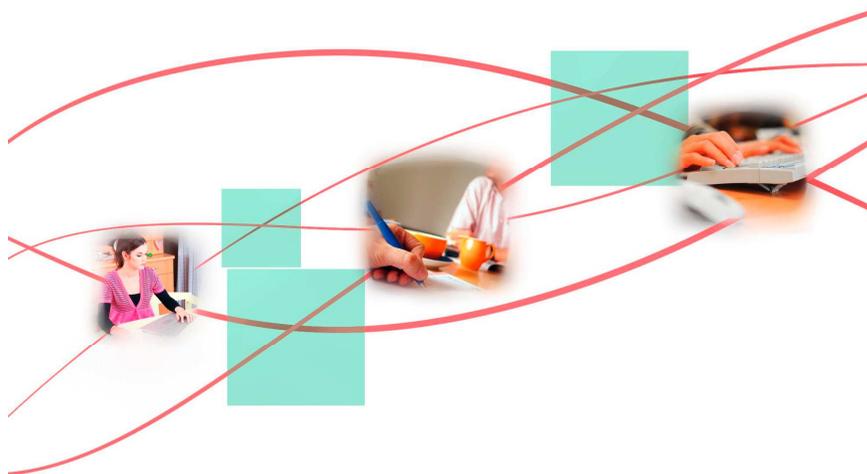
HURD, S. Autonomy and the distance language learner. In: HOLMBERG, B.; SHELLEY, M.; WHITE, C. (Eds.). **Distance education and languages: evolution and change.** New perspectives on language and education. Clevedon, UK: MultilingualMatters, p. 1–19. Disponível em: <[http://oro.open.ac.uk/622/1/Hurd\\_Autonomy\\_chapter.pdf](http://oro.open.ac.uk/622/1/Hurd_Autonomy_chapter.pdf)>. Acesso em: 4 mar. 2012.

MAGGIO, M. **O tutor na Educação a Distância.** In: LITWIN, E. **Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

MORAES, R. C. **Educação a Distância e o ensino superior: introdução didática a um tema polemico.** São Paulo: SENAC, 2010.

NOGUEIRA, D. X. P. **A Educação a Distância no Brasil: da LDB ao Novo PNE.** Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0124.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.





**UMA REFLEXÃO SOBRE A VIVÊNCIA  
ENQUANTO PROFESSOR E  
PROFESSOR/TUTOR NO CURSO TIC-EDU**



## UMA REFLEXÃO SOBRE A VIVÊNCIA ENQUANTO PROFESSOR E PROFESSOR/TUTOR NO CURSO TIC-EDU

*Maritza Costa Moraes  
Vanda Leci Bueno Gautério  
Lilian Gonçalves Braz*

### **Introdução**

Este trabalho visa mostrar algumas de nossas reflexões enquanto professores e professores/tutores, desenvolvidas no curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), no período entre 2009 e 2011. O curso foi ofertado a professores da Educação Básica pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil (UaB), na modalidade de Educação a Distância (EaD).

Pensar sobre o que é educar na modalidade EaD e a evolução desta modalidade de ensino ao longo de diversas gerações, nos instigou à reflexão sobre o que é ser docente na EaD. Por vivenciar a docência e tutoria no TIC-Edu, optou-se em balizar uma conversa com os teóricos Humberto Maturana, Pierre Lévy, Edith Litwin, Vani Moreira Kenski, Maurice Tardif entre outros, a fim de compartilhar as experiências vividas durante o curso.

As leituras e reflexões nos permitiram compreender que a EaD se torna, cada vez mais, uma modalidade de ensino que atende a demanda e necessidade educacional da atualidade, visto que o perfil dos estudantes vem sendo modificado em razão dos mesmos quererem estudar e aperfeiçoar suas práticas pedagógicas. Ademais, o docente que vivencia a EaD passa a ter um planejamento aliado a esse discente, buscando nos recursos tecnológicos conteúdos didáticos, de modo a fazer com que a ação docente passe a ser pautada em uma concepção pedagógica interativa, colaborativa, reflexiva e não linear.

Abre, com isso, possibilidades à exploração de universos distintos de informação e conhecimento, oportunizando a formação de redes de conversação e instituindo a (re)construção dos saberes docente através do acoplamento tecnológico. A esse entrelaçamento de saberes, sustentado pelo diálogo das redes de conversação, alia-se o

acoplamento tecnológico, que vai ao encontro de novos paradigmas da Educação a Distância.

## **O educar a distância**

A Educação a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino que se expandiu nas relações espaços-temporais, contribuindo com os processos de aprendizagem e ampliando as oportunidades de formação e construção coletiva do conhecimento. No entanto, para atuar nesse novo paradigma, é necessário buscar mais agilidade na prática docente (MAIA; MATTAR, 2007). A função pedagógica dos professores, autores e tutores ainda se confunde nesse novo campo. E os estudantes? Sujeitos que, muitas vezes, não sabem como proceder enquanto estudante em EaD. Acostumados a serem participantes passivos no modo presencial, durante seu tempo de escola, não conseguem dar um retorno efetivo quando lhes são apresentadas dificuldades com o autogerenciamento de sua aprendizagem.

Segundo Maturana (1993), educar é configurar um espaço de convivência desejável para o outro, de forma que, juntos, possamos fluir no conviver de certa maneira particular. Será que os cursos de EaD estão educando segundo a perspectiva maturaniana? Estudos como os de Moore e Kearsley (2007), Maia e Mattar (2007), Litwin (2001) mostram que a EaD vem evoluindo por diversas gerações.

Na primeira geração, o meio de comunicação era o texto, enviado por correspondência, o que proporcionou o fundamento para a educação individualizada. Na época, o número de estudantes matriculados nos cursos da modalidade EaD das universidades norte americanas era de quatro vezes o de todos os alunos matriculados no ensino presencial nos Estados Unidos. Na segunda, o ensino ocorria por meio da difusão pelo rádio e pela televisão, havia pouca ou nenhuma interação de professores com alunos.

A terceira geração, diferentemente das anteriores, foi marcada por uma nova modalidade de organização da tecnologia e de recursos humanos – as Universidades Abertas<sup>13</sup> –, caracterizada pela integração

---

<sup>13</sup> A Universidade Aberta está ligada com o conceito de abertura, cuja origem vem do inglês “*openness*”. Trata-se de uma filosofia educacional, da qual o objetivo é quebrar as barreiras geográficas que limitam o acesso à educação superior, proporcionando maiores oportunidades de aprendizagem a qualquer adulto que desejasse receber tal educação.

áudio/vídeo e correspondência, com orientação face a face, em uma abordagem sistêmica dedicada somente a esse método de ensino e aprendizado, empregando equipes de especialistas para criar os cursos e obtendo um grande número de matrículas. Na década de 1980, na quarta geração, as aulas eram elaboradas para grupos, o que aproximava a EaD da modalidade de ensino presencial. Começam as interações em tempo real de alunos e destes com instrutores a distância, utilizando-se telefones, satélites e redes de computadores.

Estamos na quinta geração, a de classes virtuais *on-line*, com base na internet e na convergência entre texto, áudio e vídeo, em uma única plataforma de comunicação. Esta modalidade de ensino está cada vez mais presente, pois apresenta características que vêm ao encontro das atuais necessidades dos estudantes que não teriam condições de frequentar os bancos escolares convencionais, motivo este alicerçado em três fatores: econômico, temporal, distância. A EaD apresenta aspectos próprios, tanto os professores quanto os tutores necessitam capacitar-se para o uso das diversas metodologias educativas, bem como saber discernir qual é a mais adequada em determinados momentos, configurando espaços de convivências desejáveis aos atores envolvidos, assumindo o novo perfil dessa esfera educativa.

O professor dessa modalidade continua com suas atribuições docentes, porém, com a ampliação das tecnologias de comunicação, as possibilidades se alargam, pois, a partir do uso das tecnologias interativas, será possível receber e responder mensagens dos estudantes, criar listas de discussão e alimentar continuamente os debates e pesquisas com textos, páginas da internet etc. Nesse processo, o papel do professor vem-se transformando, redimensionando e, cada vez mais, ele se torna um supervisor, problematizador e incentivador dos cursistas.

## **Refletindo a docência na Educação a Distância**

O funcionamento da vida social está atualmente entrelaçado às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e essa mudança se reflete no âmbito educativo, tecendo os modos de ensinar e aprender, de maneira à reconfigurar os processos de formação docente.

Torna-se importante pensarmos a respeito da introdução das TIC no nosso cotidiano, já que elas evidenciam alterações na forma como o sujeito se relaciona com o conhecimento, o que promove mudanças significativas no campo educacional. De acordo com Lévy (1993), o uso das tecnologias de comunicação implica em novas formas

de pensar, quando voltadas para a educação, essas tecnologias propiciam novas visões sobre o processo de ensino-aprendizagem. As formas de ensinar e de aprender passam a ser problematizadas e discutidas na EaD como uma possibilidade de (re)significação no contexto do processo de formação de professores.

Essa modalidade favorece a interação entre os sujeitos, propiciando o diálogo, o compartilhar, a construção coletiva. Segundo Maia e Mattar (2007), “quanto maior é a interação entre os participantes de um processo de ensino e aprendizagem, menor a distância transacional” (p. 15). A educação a distância permite aos docentes refletirem seus saberes no processo educacional, visando novos desafios e funções a serem desempenhadas, que necessitam ser articuladas nos diversos níveis de aprendizagem. Dessa forma, os docentes que atuam na educação a distância estão diante de um grande desafio: aliar os novos recursos tecnológicos disponíveis a uma ação docente, pautada em uma concepção pedagógica interativa, colaborativa e reflexiva.

Algumas mídias, como um livro, programas gravados em fita de áudio ou vídeos ou programas de rádio e televisão não permitem respostas dos alunos, então não possibilitam a interação. [...] a internet possibilita elevado nível de interação, um diálogo intenso e dinâmico, por meio de ferramentas como fóruns e *chats*, assim como videoconferências, pelos quais os alunos podem participar com comentários (MAIA; MATTAR, 2007, p. 15).

Sabemos que existem vários fatores que influenciam o diálogo durante um curso de EaD, como o número de estudantes por professor e/ou professor/tutor, a frequência da comunicação e, até mesmo, dos encontros presenciais. Entretanto, as mídias ampliam as possibilidades de interação ao diminuir a distância transacional e a sensação de desamparo.

A busca de uma concepção pedagógica pautada na EaD acontece em múltiplas esferas e é constituída por vários saberes. Para Tardif (2008), os saberes pedagógicos quando estão articulados com as ciências da educação são provenientes de reflexões sobre a prática pedagógica. Isso implica em reconhecer que a prática pedagógica vai sendo construída e reconstruída durante toda a trajetória do sujeito. Por esse viés, ser professor da EaD implica em articular as vivências, os

valores, as interações de cada sujeito às suas formas de dar significado às experiências vividas nessa modalidade.

O docente que vivencia o ensino em EaD potencializa aprendizagens significativas, com isso, admite o tratamento integrado de diferentes notações, possibilitando o desenvolvimento de habilidades cognitivas dos próprios processos de aprendizagem. Na educação a distância, o ambiente de ensino digital oferece oportunidades envolventes para o planejamento didático.

Não se trata, portanto, de adaptar as formas tradicionais de ensino aos novos equipamentos ou vice-versa. A opção e o uso da tecnologia digital, sobretudo das redes eletrônicas de comunicação e informação, mudam toda a dinâmica do processo. (KENSKI, 2008, p. 92).

Na EaD, os docentes precisam ir além do processo didático, com o qual estão habituados no ensino presencial, carecem estar atentos aos meios digitais para estruturar suas ações pedagógicas. Dessa forma, eles são desafiados a aliar os recursos tecnológicos disponíveis a uma ação docente, pautada em uma concepção pedagógica interativa, colaborativa e reflexiva, abrindo a possibilidade de explorar, de modo não linear, os universos distintos de informação e conhecimento.

Isto possibilita a formação de redes de conversação, as quais realizam trocas, na maioria das vezes, instituindo a (re)construção dos saberes docentes através do acoplamento tecnológico. O planejamento de atividades com hipertextos e hiperlinks para o ensino a distância é uma tarefa difícil, mas conta com o apoio dos especialistas e, aos poucos, passa a desenvolver as competências necessárias.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) possibilitam a otimização das interações, o que implica em uma nova disposição de práticas pedagógicas e, por consequência, em um novo paradigma de EaD, cujas bases estão sendo construídas em um movimento lento, mas constante e significativo. Diante da reconfiguração dos processos educativos mediados pelas TIC, apresenta-se a necessidade dos docentes vivenciarem situações de ensino-aprendizagem que envolvam recursos e procedimentos metodológicos inovadores, os quais articulem múltiplas linguagens, discutindo a realidade escolar e a inserção dos recursos informáticos.

Nesse contexto, ao inovar na produção de material didático, tendo a internet e um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como

mediadores desse processo, Ramal (2002) aponta que são muitos os desafios para a utilização das tecnologias, tanto na modalidade presencial quanto a distância. Um deles é a inadequação da formação dos professores, que é direcionada ao docente que aprende a dar aulas de uma forma transmissiva, que pensa no currículo de maneira linear, que não é capacitado a lidar com diversos recursos multimídias e tecnológicos.

Torna-se fundamental que os professores superem a concepção empirista do aluno passivo, a concepção racionalista que considera o uso das tecnologias como um acessório para a sala de aula, e busquem a concepção construtivista que enfatiza a construção da aprendizagem explorando e manipulando os objetos virtuais de forma ativa.

Para isso, conhecer as ferramentas disponíveis no virtual é imprescindível para que os professores inseri-las no seu planejamento pedagógico, considerando as possibilidades, as limitações e a aplicabilidade de cada um desses recursos que melhor se adaptem as suas necessidades.

O docente que atua na EaD deixa de ser um sujeito individualista para se tornar um sujeito do coletivo que atua em cooperação com tutores e cursistas. Este atuar do professor como autor, técnico, tutor, monitor pode ser a peça essencial para o desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa. São os desafios e as funções a serem desempenhadas pelos docentes que os permitem a se articularem em vários estágios de desenvolvimento da sua prática pedagógica.

Ao agir como mediador e facilitador, mobilizando e incentivando os estudantes a serem responsáveis por seu próprio processo de aprendizagem, o professor passa a discutir sobre a construção e organização de sua disciplina no Ambiente Virtual de Aprendizagem, com objetivos claros e definidos, bem como com uma linguagem de fácil entendimento. Ele deve ter a preocupação de possibilitar ao seu aluno a compreensão do que está sendo apresentado e pedido, para que este possa interagir com o objeto de estudo e construir sua autonomia, ou seja, participar efetivamente do processo de construção do conhecimento. O emprego de diferentes mídias e ferramentas tecnológicas que potencializem a interação e a escrita coletiva e cooperativa leva a construção de aprendizagens de forma colaborativa e significativa.

O que difere a modalidade presencial da modalidade a distância é que a segunda é constituída por pessoas com interesses individuais, muitas vezes, bem diferentes, de exigências intelectuais distintas e com

seus respectivos objetivos especiais. A agilidade e interação frequentes no AVA contribuem para manter o estudante atento e receptivo. É neste momento que os professores e professores/tutores atingem seus estudantes, que estão abertos ao diálogo, mesmo que por meio da escrita, é o espaço de tempo que deve ser aproveitado para a troca de ideias, buscando linhas de raciocínio afins.

Para Kenski (2008), a conectividade se dá quando duas ou mais pessoas se aproximam mentalmente pela emoção das descobertas, pelo suspense do desvelamento das respostas, ao ultrapassar as barreiras do desconhecido, ao vencer. Interagem, conversam e colaboram. Rompe-se com a questão temporal, espacial e hierárquica, seja ela de conteúdos, de disciplinas, ou de relações entre professores, tutores e alunos. O cursista se torna responsável pela sua aprendizagem e, ambos, professor e professor/tutor, passam a ser articuladores, mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

Nessa modalidade, é inevitável que o estudante desenvolva seu espaço como o indivíduo que aprende, e tanto tutores como professores/tutores sabem que para o desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma, estes devem assumir uma posição pedagógica construtivista, adquirindo o papel de formadores de modo global e sistematizado.

## **A experiência vivida no TIC- Edu**

A educação a distância, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG está em constante (re) construção, no que tange o sentido e a abrangência, ao se tratar do ensino e aprendizado. O grau de comprometimento por parte desta Instituição e profissionais envolvidos neste processo garante o sucesso de muitos cursos nessa modalidade de ensino, inclusive no curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC- Edu). A exemplo desta experiência, dialogaremos enquanto professoras/tutoras, trazendo nossas vivências no referido curso.

O TIC-Edu tem por objetivo facilitar o acesso à formação continuada de professores que atuam na Educação Básica, principalmente, daqueles que vivem em regiões de difícil acesso às instituições de Ensino Superior. Além disso, tem a pretensão de que estes profissionais incorporem na sua prática docente metodologias educativas construtivistas, utilizando as Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC).

Estudos realizados por Tardif (2008) e Maturana; Varela (2005) mostram que o docente não atua sozinho, ele está em constante diálogo com o outro, a ação docente é realizada em uma rede de interações com outras pessoas. Nesta perspectiva, o curso TIC-Edu procura trabalhar com uma metodologia voltada para a criação de Projetos de Aprendizagem<sup>14</sup>, visando à interdisciplinaridade a partir das particularidades de cada região, dos saberes de cada professor, que provém de uma realidade social, materializada através de uma formação de práticas coletivas de seus saberes experienciais. Ao se utilizar as diferentes linguagens (oral, textual, hipertextual) possibilitadas pelo Moodle<sup>15</sup>, os professores em formação contam com o apoio dos professores e professores/tutores para a construção de uma comunidade virtual de aprendizagem, de forma coletiva e cooperativa, buscando proporcionar vivências de telepresença (TIC-Edu, 2012).

Com o propósito de alicerçar os objetivos do curso TIC-Edu citados anteriormente, a equipe de trabalho é composta por: coordenador geral, professores, coordenador de tutoria e professores/tutores (com formação afim, não somente na área tecnológica). O grupo tem como princípio atender ao cursista de forma rápida e eficiente, com o propósito de que este se sinta valorizado, recebendo, sempre que necessário, um atendimento individual para o esclarecimento de qualquer dúvida. Este apoio faz com que o estudante se sinta seguro e, conseqüentemente, passe a compartilhar inquietações e aprendizagens com o grande grupo. A qualidade de nosso trabalho depende da capacidade de estabelecermos um “conhecimento comum”, compartilhado, para que sirva como “andaimos” para o desenvolvimento dos cursistas (LITWIN, 2001, p. 30).

Nossa equipe realiza semanalmente uma reunião, a qual se subdivide em três momentos. Primeiramente, para discutir e avaliar a proposta de trabalho da semana anterior e os *feedbacks* que são constantes com os cursistas, que é uma prioridade. Se houver alguma situação fora da normalidade, também é relatada para o grupo, pois

---

<sup>14</sup> Uma pedagogia construtivista, que tem como propósito promover aprendizado através de indagações, com o intuito de engajar os alunos com questões e conflitos que sejam ricos, reais e relevantes a suas vidas.

<sup>15</sup> Moodle é o acrônimo de "Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment", um software livre que permite a criação de cursos on-line, páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem. Tem a possibilidade de comunicação síncrona ou assíncrona e é executado em um ambiente virtual.

toda e qualquer decisão que o professor/tutor tenha que tomar fica a cargo do grande grupo. Os cursistas, ao iniciarem o TIC-Edu, mostram-se surpresos com a dinâmica, pois percebem que tanto os professores como os professores/tutores sabem o que está acontecendo com cada um deles, mesmo que não sejam de seu polo. Ainda, existe um comprometimento e respeito à subjetividade e particularidade de cada sujeito.

No segundo momento, os professores apresentam as atividades previstas para a próxima semana e as orientações quanto aos aspectos considerados importantes para alcançar aos objetivos da aula. O grupo procura adequar tal atividade de forma a minimizar as lacunas da aula anterior, todos se envolvem em um processo intenso de troca de ideias, opiniões e experimentações. Isto resulta em um conhecimento mais amplo do objeto de estudo, possibilitando que todos os atores envolvidos façam sugestões para a adequação deste material ao perfil dos cursistas.

Na EaD, o ofício do professor estaria sendo fragmentado em uma série discreta de tarefas que passam a ser realizadas por diferentes pessoas. Uma maneira de quebrar a função pedagógica do professor é justamente dividir o processo de educação em componentes, como desenvolvimento de currículo, desenvolvimento de conteúdo, entrega da informação, mediação e tutoria, serviço de suporte a estudantes, administração e avaliação. (MAIA; MATTAR, 2007, p. 89).

No curso em discussão, esta fragmentação não acontece. Cada um tem sua função específica, mas buscam constante interação com os sujeitos envolvidos. Atrair ao nosso trabalho prático o estudo de teorias que venha ao encontro de nossas atividades, se constitui no terceiro momento.

O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas tiverem isoladas umas das outras, e de certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo (MORIN, 2000, p. 37).

Trabalhar no todo, como uma equipe, é a proposta que a coordenação, professores e professores/tutores preservam no TIC- Edu.

Refletir sobre a prática pedagógica na EaD é rotina que os professores e professores/tutores realizam nos seus encontros, a fim de desafiar os cursistas a melhorarem sua prática com o auxílio das ferramentas tecnológicas. A cada encontro realizado, é sistematizada uma tarefa que envolva estudos sobre cada elemento que será trabalhado com o cursista. Se a tarefa da semana é trabalhar com AVAs, é proposto para que todos estudem e vivenciem este ambiente. Quando é sugerido que os estudantes acessem *sites* que poderão contribuir com a atividade proposta, é solicitado a todos que visitem e explorem o que foi sugerido.

Participar como professor e professor/tutor do TIC-Edu nos leva a pensar que olhares os cursistas têm sobre o curso como modalidade a distância? Em conversas informais durante os encontros presenciais, alguns comentários, como: trabalhar ao longo das atividades propostas pelo curso permite a socialização dos saberes, perpassam por nós para que possamos refletir as nossas práticas, compreendendo estas como processo de socialização dos saberes.

Também, refletimos como se dá a ação pedagógica no TIC-Edu, ao ouvir o comentário de uma cursista quando diz que a ação docente possibilitou o aprimoramento de sua prática pedagógica, de modo que esta reviu sua metodologia e também postura frente ao uso das tecnologias. Isto é contemplar as concepções de aprender e ensinar construídas ao longo da caminhada no curso. Estas e outras reflexões nos possibilitam acompanhar e verificar que, com o passar do tempo, o perfil do profissional que trabalha no TIC-Edu precisa se manter, este pode ser o diferencial de nosso curso.

## **Considerações**

Considerando que trabalhar no ensino a distância é interagir com a diversidade de nossos cursistas; participar das reuniões de grupo como processo de cooperação e colaboração é o que nos motiva a vivenciar o curso TIC-Edu, enquanto professores e professores/tutores. O desafio enquanto professores e professores/tutores. Dessa forma o grande desafio é escrever sobre as experiências vividas no curso, nossa própria prática ou representações que dela fazemos.

Nesse sentido, quando refletimos sobre algo, na verdade, estamos reconstruindo vivências, porém, com novos significados, então, estamos fazendo um exercício importante, que nos leva a explorar compreensões e sentimentos antes não percebidos. Ademais, ao pensarmos sobre as leituras e escritas que procederam do nosso

trabalho no curso, estamos fazendo uma autoanálise, nos descobrindo como leitoras de si mesmas.

A escrita oportunizou a nós, professores e professores/tutores, avaliarmos nossa caminhada até então, com base nos estudos referentes ao uso adequado das tecnologias em sala de aula, validando a teoria e prática desenvolvida no curso TIC-Edu, o qual vivenciamos de forma intensa. A modalidade de educação a distância veio para ficar, uma vez que atende às necessidades dos cursistas quanto às questões de tempo, de distância e financeiras – em nosso caso, este é um curso subsidiado pelo governo federal. O aluno pode organizar seu tempo para os estudos, mas, ao contrário do que se possa pensar, essa flexibilidade nos horários não diminui as exigências.

O TIC-Edu, alicerçado em seus objetivos, qualifica especialistas na modalidade de educação a distância com o mesmo comprometimento dos cursos presenciais oferecidos pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O aprofundamento teórico e as atividades práticas solicitadas garantem a qualificação destes profissionais que buscam (re) construir conhecimentos relativos à usabilidade adequada das tecnologias e que as TIC estejam a serviço da educação.

Enquanto professores e professores/tutores, percebemos que nossos cursistas estão em transformação. Nas diversas redes de conversação que os (re) encontramos, notamos que estão se acoplando às tecnologias e formando novas redes nas escolas onde atuam. Quando necessário, procuram auxílio com os profissionais do TIC-Edu, em virtude de que o curso termina no período de dois anos, mas a interação continua, pois aprendemos que com a tecnologia digital não há distância que nos separe.

## REFERÊNCIAS

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas. São Paulo: Papirus, 2008.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

LITWIN, Edith. **Educação a Distância**: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD**.1.ed. São Paulo: Pearson Prentice, 2007.

MATURANA, Humberto. **As bases biológicas do aprendizado**. Dois Pontos, Belo Horizonte, v. 2, n. 16, p. 64-70, primavera -1993.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 5.ed. São Paulo: Palas Athenas, 2005.

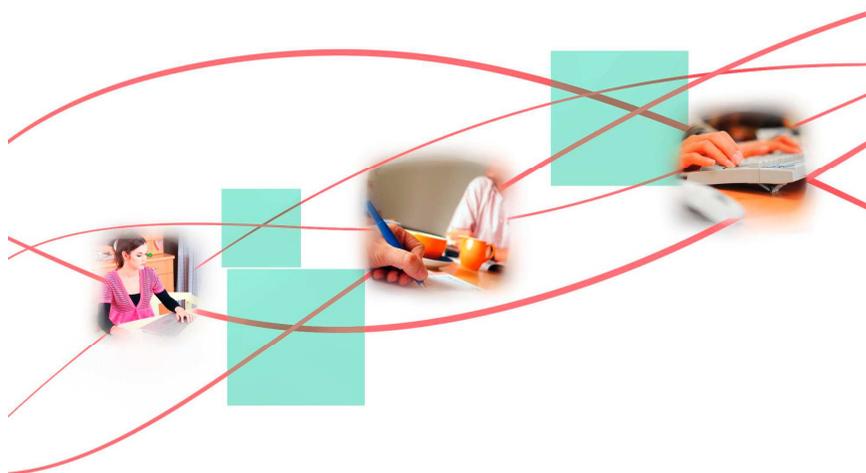
MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2.ed. São Paulo: cotez. Brasília, DF: UNESCO, 2000.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TIC-EDU, **Pós-graduação modalidade a distância**. Disponível em: <[http://www.uab.furg.br/file.php/1/01\\_sobre\\_o\\_curso/TIC\\_EDU/tic\\_edu2/obj\\_gerais.html](http://www.uab.furg.br/file.php/1/01_sobre_o_curso/TIC_EDU/tic_edu2/obj_gerais.html)>. Acesso em: 8 jul. 2012.



**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EAD:  
UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE  
PESQUISA**



## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EAD: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA**

*Meri Elen Baptista Bastos*

### **A distância na EaD: espaço, tempo e comprometimento na virtualidade**

Esta análise, sobre a formação do professor pesquisador em Educação a Distância (EaD), tem o enfoque na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de graduação em Pedagogia, oferecido na modalidade de EaD pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e vinculado à Universidade Aberta do Brasil (UAB)”. Nesta disciplina, as estudantes concluintes da graduação faziam interações via fórum e chats com o professor e também com as professoras-tutoras, por meio da Plataforma Moodle. Através dessas interações, tirava-se dúvidas, aprendia-se sobre a formatação do trabalho, bem como havia a troca de experiências e saberes construídos ao longo do processo de escrita.

Para que essa troca de experiências pudesse ser feita, foi fundamental que professores e professores-tutores se tornassem conhecedores das diversas temáticas e abordagens de seus orientandos. Dessa forma, o acesso aos meios de informação e formação foram muitas vezes mediados pela presença da atividade de tutoria, que pressupõe uma atenção rotineira aos alunos da EaD. Coloco a atenção rotineira como aspecto positivo, que ultrapassa uma suposta barreira entre presença e ausência. Mesmo que o estudante da EaD não esteja frente a frente com seu professor, a sala de aula virtual requer uma mesma rotina de interação, já que a presença não é física, mas, sim, virtual, mediada pela escrita.

Nessa rotina, não se trata de criar uma dependência entre tutores e estudantes. Ao contrário disso, o aluno da EaD precisa ter muita autonomia para fazer suas próprias interpretações e publicar o que pensa, para que todos da turma possam ter acesso aos registros e, então, criar um debate quando necessário. Também é importante que o aluno tenha a organização como um princípio fundamental: a organização de horários, de materiais, de tarefas e da agenda de interações virtuais. Caso não haja essa composição, a aprendizagem em

EaD fica comprometida, pois podem ocorrer desencontros entre professores, professores-tutores e seus estudantes.

É um constante processo de busca pelo conhecimento acadêmico/pedagógico que exige a autonomia e o comprometimento dos graduandos. Sobre essa busca, Micarello e Scotton (2010) afirmam que “quando bem orientada, favorece uma autonomia progressiva do aluno com relação aos seus processos de aprendizagem, um dos objetivos da educação na modalidade a distância” (p.91). Então, a autonomia é uma característica que o aluno da EaD vai construindo durante o desenvolver das suas atividades. Esta se torna uma necessidade, visto que, sem ela, o estudante não tem um bom desenvolvimento em relação aos conteúdos formalizados pelas disciplinas do curso e as vivências que estarão na prática docente, além de uma boa progressão no seu processo de escrita e reescrita científica.

Quando se chega ao período de construção do trabalho de conclusão de curso, a autonomia precisa estar consolidada, já que fora realizado um longo processo de aprendizagem, o qual exigiu dos estudantes uma liberdade de construção de saberes e organização de tempo. Ao escolher uma temática, pressupõe-se que o aluno do ensino a distância já esteja com uma base de conhecimentos sobre tal assunto e que o espaço existente entre o local em que está e os locais de maior circulação formal de produção do conhecimento científico não seja mais uma barreira.

A EaD veio romper com as distâncias geográficas existentes entre os centros universitários e outras regiões do estado ou do país. O curso de Pedagogia vinculado ao sistema UAB/FURG tem polos em quatro municípios do estado do Rio Grande do Sul: Mostardas, Santa Vitória do Palmar, Santo Antônio da Patrulha e São José do Norte. Em cada município, assim como em várias universidades, configuram-se realidades socioculturais e econômicas específicas, que devem ser tratadas com extrema relevância para o processo avaliativo do aluno em EaD.

Entre as realidades socioculturais dessas localidades é importante ressaltar o desconhecimento que muitos alunos têm da realidade das universidades, do acesso aos livros, de eventos direcionados às atividades acadêmicas, entre outros. Em meio às realidades econômicas, é interessante pensar no acesso à internet, bem como no uso de ferramentas importantes para o aluno de EaD: computador, *Pen Drives*, CDs, DVDs, e outras formas de armazenamento de dados. Claramente, a ausência de conhecimentos sobre os mecanismos citados acima pode interferir no processo de

aprendizagem, de interação a distância e, especialmente, no desenvolvimento contínuo e progressivo da pesquisa.

Para que essas distâncias da vida acadêmica não causem prejuízos aos estudantes, é fundamental que nas interações virtuais e nos encontros que acontecem presencialmente, os alunos possam ter a ampliação do que é conviver em uma universidade. Assim, o quesito presença, no ensino a distância configura-se nas interações no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), enquanto que no Ensino Presencial, a fala e a presença são os que promovem a interação. Isto é, no Ensino Presencial (EP), o fato de o sujeito estar em sala de aula não impõe sua participação nas discussões ocorrentes naquele momento. Já, na EaD, a presença é primordialmente estabelecida por meio da participação escrita. Isto é, nesta modalidade de ensino, as oportunidades de explorar mais as leituras são ofertadas, a possibilidade de ler a escrita de um colega de curso na interação cria uma rede de conhecimentos virtuais, a qual é muito interessante, porque as ideias vão se complementando. Nesse sentido, Ramos (2010) coloca que as interações escritas na EaD são

como uma trama de muitas vozes que se entrecruzam, confrontam e completam, um texto, portanto, só vive se em contato com outro texto. Nesse sentido, a linguagem, na educação a distância, não pode ser concebida simplesmente como instrumento de informação, mas, sobretudo, como um caminho privilegiado de interação e de construção de sentidos (p.121).

Várias alunas levam para a sala de aula virtual as suas vivências profissionais e leituras já feitas. Além disso, desenvolve-se uma colaboração para o processo de aprendizagem a partir das distintas perspectivas dos colegas, os quais frequentam o mesmo curso, trazendo o diálogo entre situações reais e as pesquisas que estão sendo feitas. Nesse sentido, a distância na EaD rompe com a barreira da ausência, porque a presença é constante e a interação realmente acontece. O conhecimento se torna partilhado, solidário, bem como participativo e o processo de pesquisa para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia traz a relação entre o conhecimento adquirido ou aprimorado pelo estudo acadêmico e a realidade vivenciada e observada.

## O acesso à internet: sala de aula e pesquisa

Há tempos, os computadores deixaram de ser um instrumento de trabalho somente de empresas e escritórios. Cursos de informática foram criados para oferecer insumos para o uso de ferramentas e recursos computacionais, principalmente, de editores de textos e planilhas eletrônicas. Atualmente, as escolas também passaram a estar equipadas com computadores, os quais possuem acesso à internet como fonte para pesquisas em seus laboratórios de informática. Os computadores passaram a ter um valor de mercado, mais acessível ao público em geral, sendo utilizados em residências. A internet se tornou um dos mais utilizados meios de comunicação na atualidade.

Com a acessibilidade aos computadores e à internet, tornou-se possível a configuração da educação a distância via internet. Os “portais”, “Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)” ou “plataformas” são *softwares* que permitem o acesso aos cursos ofertados em EaD, via internet. Dentro destes *softwares*, é possível haver comunicação entre professores, tutores e alunos de um determinado curso. Também são disponibilizados materiais para a construção de conhecimento, elaborados e divulgados em diferentes mídias como: videoconferências; livros em formato pdf; álbuns que mesclam escritas e imagens; recursos audiovisuais, como filmes. A mistura dessas mídias traz para a EaD possibilidades de sensibilizações e interações mais estimulantes, que visam à formação da autonomia do estudante dessa modalidade de ensino.

Na Educação a Distância da FURG, o *software* utilizado é a Plataforma Moodle, que permite a utilização de fóruns, *chats*, *downloads* e *uploads*, por meio da criação de perfis dos usuários. Para acessar a Plataforma Moodle, é necessário que seja criado um *login* e uma senha de acesso ao curso em que o aluno está cadastrado, podendo, então, entrar na sala de aula virtual.

Torna-se importante conhecer os contextos dos estudantes do curso de graduação em Pedagogia, verificando como se dá o acesso à internet e como estes percebem a utilização dos recursos didático-tecnológicos desenvolvidos pela equipe de educadores e ofertados através da Plataforma Moodle. Outros fatores de grande relevância são: o uso da internet como intensa fonte de pesquisa e as interações que ocorrem via internet com professores e tutores do curso em EaD.

Através das palavras das estudantes do curso de Pedagogia, é possível estabelecer três eixos fundamentais para conhecermos o processo de pesquisa no curso de Pedagogia em EaD ofertado pela

FURG: o primeiro eixo é o da **acessibilidade à internet**; o segundo é o da **interação e reflexão sobre a aprendizagem**; e o terceiro trata dos **recursos utilizados para o processo de pesquisa em EaD**.

## **Acessibilidade à internet**

Durante a iniciação no curso em EaD, é natural que a tecnologia computacional cause estranhamentos. As alunas em EaD mostram através dos seus depoimentos que tiveram algumas dificuldades de acessibilidade à internet e ao uso do computador. Uma aluna do polo de Mostardas diz:

*tive algumas dificuldades no acesso à internet. Na minha cidade tem poucas lan houses, mas pensei que fosse fácil ter um pouquinho de dinheiro para ficar pelo menos durante uma hora conectada na sala de aula. Com o passar do tempo, vi que seria mais barato pagar uma mensalidade do que algumas horas na lan. Tinha um computador em casa, aí já sabia usar, o problema estava em usar a internet. Poderia usar a internet do polo, mas os meus horários disponíveis ficariam restritos somente aos finais de semana.*

Por mais que o mundo esteja informatizado, não são todos os cidadãos que têm acesso fácil e rápido à internet. Inicialmente, ao ingressar em um curso em EaD, é possível pensar que a internet não será um recurso quase que diário. Entretanto, para aqueles que estão em polos de pouco acesso à vida acadêmica, a internet se torna um importante instrumento de pesquisa.

O estudo acadêmico *on-line* exige disciplina em ater horários para leituras, pesquisas autônomas, para o uso de fóruns e *chats* com outros estudantes e profissionais do curso. No depoimento acima, percebe-se que a EaD traz despesas e, dessa forma, é importante também que o aluno tenha um planejamento financeiro. Mesmo que seja um curso na modalidade a distância, poderá ser dispendioso com o uso de internet. Rompem-se as barreiras geográficas, mas é necessário perceber como será a acessibilidade virtual.

Para a oferta de cursos em EaD, um dos recursos a ser proporcionado é um bom acesso à internet nos polos, tutores presenciais capazes de auxiliar os estudantes que tenham alguma dificuldade no uso de computadores e internet. É um processo de apropriação tecnológica, que pode ser mediado pelo tutor presencial.

Dependendo das condições socioeconômicas do público atendido pelo polo, percebem-se diferenças entre a acessibilidade e o uso do computador. O polo do município de Santo Antônio da Patrulha tem uma sede própria, enquanto o polo do município de Mostardas é dividido com uma escola da Educação Básica, com poucos espaços. Ademais, os recursos tecnológicos disponíveis aos estudantes da modalidade a distância também são utilizados pela instituição, a qual empresta parte do prédio.

O polo de Santo Antônio da Patrulha, em comparação com o de Mostardas, possui uma biblioteca ampla, maior disponibilidade de laboratórios de informática, professores de outros cursos que atuam diretamente no polo, além dos tutores presenciais. Tem uma estrutura física de universidade, trazendo o sentido de maior pertencimento à instituição em que as alunas estão vinculadas. Esta oferece melhores condições de acesso às tecnologias. Uma aluna do referido polo menciona que:

*neste polo, temos a internet, está disponível sempre que necessitamos. Os tutores interagem muito conosco, são pessoas conhecidas que nos auxiliam muito. Durante a minha pesquisa para o TCC, tive que comparecer no polo várias vezes, porque minha internet não conectava. Para poder estar em dia com as orientações do TCC, tinha que estar quase que diariamente, pelo menos por algum pequeno tempo, conectada na UAB. Foi bastante cansativo, porque o polo não fica muito perto da minha casa, mas, agora, com minha pesquisa e o curso praticamente concluídos, vejo o quanto foi importante o meu comprometimento.*

É fundamental que o estudante tenha à disposição uma equipe preparada para o seu atendimento. A organização de horários para o público atendido deve estar pautada na importância da acessibilidade do aluno ao polo, nos horários que são possíveis de o estudante estar presente. A disposição do tempo é de grande valia para o aluno da EaD e para toda a estrutura que deve estar voltada para ele.

O processo de interação durante a construção do trabalho final aconteceu via fóruns e *chats*, em que se faziam *downloads* e *uploads* dos trabalhos de conclusão de curso. O discente enviava seu texto para o professor-tutor o qual fazia suas considerações e, conforme o prazo estipulado pela agenda da disciplina, reencaminhava-o ao estudante, para que este realizasse os devidos ajustes. Por isso, o

comprometimento e a organização são fundamentais para a construção da pesquisa. Criar um cronograma de envio e reenvio de tarefas é essencial, pois se otimiza a construção da pesquisa e se pode ir além nas elaborações textuais dinamizadas pela escrita de tutor-professor-orientador e aluno orientando.

Ainda, é interessante pensar que enquanto os *chats* acontecem em uma temporalidade sincrônica, os fóruns são de interações assíncronas. Isto quer dizer que os *chats* permitem uma conversa semelhante à que se dá nos cursos presenciais, a diferença é que não acontece face a face. Os fóruns são também mediados pela escrita, mas é uma escrita que fica disponível para que em outro momento, outros estudantes ou o professor-tutor possam ter acesso. Bruno e Hessel (2010) explicitam que o fórum de interações virtuais

Permite a troca de experiências e o debate de ideias, bem como a construção de novos saberes, uma vez que é um local de intensa interatividade. Neste sentido, caracteriza-se como uma arena de discussão assíncrona. Esta especificidade permite que o debate se prolongue no tempo e possibilita a cada membro a participação em momentos distintos (p.46).

## **Interação e reflexão sobre a aprendizagem**

A sala de aula virtual é o mecanismo utilizado para promover as interações entre estudantes, professores e tutores. Atividades e recursos diferenciados devem ser algumas das características mais pontuais da EaD. Selecionar textos e colocá-los disponíveis aos alunos não torna a EaD uma modalidade diferenciada, desta forma, reproduz-se muitas vezes aquilo que é proposto nos cursos presenciais.

As diferentes atividades propostas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem podem vir a não ser conhecidas pelos estudantes, necessitando que exista a mediação dos tutores para explicar os diferentes usos das ferramentas de ensino ou recursos midiáticos. Através dos usos que os alunos fazem de tais ferramentas de interação na EaD, a equipe de professores do curso pode perceber se as habilidades e competências que pretendeu desenvolver se operacionalizam de forma satisfatória. De nada adianta criar grandes recursos de interação virtual se o aluno não consegue usá-los.

O depoimento abaixo, de uma aluna do polo de Mostardas, é uma mostra importante de como se dá o processo de apropriação da

linguagem do professor em formação de um curso de graduação em Pedagogia. Cabe salientar a importância que o acesso aos arquivos antigos proporciona na reflexão sobre o crescimento e a autoavaliação do estudante.

*Há uns dias atrás, escrevendo meu TCC, resolvi recuperar na plataforma uma das primeiras versões que enviei para a minha tutora a distância. Vi que cresci muito na minha escrita, que comecei a me apropriar dos termos, da linguagem. Às vezes, dá a sensação de que nada está funcionando, mas, olhando para trás, dá uma imensa alegria de estar concluindo um curso de graduação.*

A autoavaliação deve ser feita também pelo professor da EaD, que percebe se os alunos respondem, ou não, às suas expectativas. Caso o aluno não esteja respondendo, deve ser feita uma reavaliação sobre a sua prática enquanto tutor, bem como o compartilhamento das problemáticas existentes com o tutor presencial, que pode dar um suporte maior para as dificuldades enfrentadas pelo aluno. Assim, vai-se percebendo quais fatores levaram ao sucesso ou fracasso de uma proposta metodológica na EaD: uma atividade que não fora bem explicada por meio da escrita, um acesso lento à internet, a não apropriação dos recursos tecnológicos. Todos estes são fatores que podem vir a interferir no processo de aprendizagem na interação virtual.

Dá-se, então, a importância do diálogo entre professores e alunos, que, em muitos casos, não se conhecem pessoalmente, mas podem trocar experiências e ideias sobre a proposta de ensino. O professor também deve ser um grande agente da comunicação no ambiente virtual, além do tutor a distância e presencial. O ambiente da sala de aula se transfere para o cibernético, e a linguagem pode ser mais formal. Entretanto, também é possível ter uma linguagem mais aproximada com o estudante, passando incentivo e confiança. Esta linguagem mais aproximada se dá no momento das interações com tutores a distância que mantém mais contato os com estudantes de EaD.

As interações dos discentes mostram à equipe de profissionais da EaD as atividades que impulsionam mais debates, assim como as que desenvolvem mais a capacidade de leitura e escrita. As competências e habilidades para o uso da escrita e da leitura são de suma importância para a configuração de cursos a distância. A reflexão sobre o que se exterioriza por meio da escrita nos ambientes virtuais

não é a mesma que acontece nos cursos presenciais, uma vez que, se estivermos em uma sala de aula formal, haverá alunos debatendo oralmente e em tempo real.

Oposto a isso, na EaD, o fórum, por exemplo, funciona depois da leitura que um outro estudante faz. As interações não acontecem ao mesmo tempo e o leitor tem ainda a vantagem de poder buscar mais informações a respeito do tema abordado, já que não está usando a sua fala, que é mais espontânea. Durante todo o percurso de educador em formação, o estudante da EaD se transforma em um constante pesquisador, que tem mais contato com a reflexão proporcionada pela escrita em diferentes recursos midiáticos. A escrita permite retificações, edições do texto mal elaborado, permite o uso de citações, que presencialmente ficam mais difíceis de serem acessadas. A ação investigativa do próprio professor da EaD serve como um modelo daquilo que é a reflexão. Uma aluna do polo de Santo Antônio da Patrulha coloca:

*quando pesquisamos, precisamos desenvolver ação reflexiva, investigativa e observadora. Todas essas aprendizagens são fundamentais para a concepção da docência. Constituo-me como professor pesquisador a partir do momento que entendo que cada aluno pertence a uma determinada cultura e que eu (professor) preciso observar, analisar, conhecer cada um, a fim de fazê-lo agente participativo na construção do conhecimento.*

Nesse contexto, um importante elemento foi abordado por esta estudante: a cultura. Destaco esta palavra devido à imersão dos estudantes na cultura dos computadores e dos ambientes virtuais. Embora a EaD venha desmitificando os obstáculos existentes entre regiões de um país, ou do mundo inteiro, ainda é necessário perceber as culturas, os contatos que existem entre os estudantes e a apropriação tecnológica para o uso de computadores.

Para o aluno ser um agente participativo de aprendizagem, é elementar que este se sinta pertencente ao processo de ensino, que interfira nas tomadas de decisões da equipe de profissionais e que seja escutado. É um processo democrático de acesso ao conhecimento e formação do profissional da educação.

## **Recursos utilizados para o processo de pesquisa em EaD**

Dentro do Ambiente Virtual de Aprendizagem, é possível haver diferentes tipos de interações. Dentre elas, a mais citada pelas alunas é a via *chats*. Porém, durante a escrita dos trabalhos de conclusão de curso, esta interação foi prejudicada pela conexão lenta via Moodle. O recurso para conversas simultâneas com professores e tutores a distância foi o Messenger, o qual substituiu os *chats*. No processo de pesquisa em EaD, a orientação para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso necessita de momentos de encontros presenciais, interações comunicativas simultâneas e diálogos através da escrita em fóruns.

Textos utilizados durante o curso permanecem à disposição do aluno para que seja possível fazer uma recuperação de dados. As interações proporcionadas em cada disciplina também permanecem disponíveis para que auxiliem na busca por insumos teóricos e reflexões feitas pelas estudantes deste curso de formação de professores. De acordo com a temática da pesquisa, o estudante acessa a aula e faz a recuperação de dados que considere significativos para a sua proposta. Nesse sentido, uma aluna do polo de Santo Antônio da Patrulha comenta:

*várias vezes precisei ir até alguma disciplina para fazer pesquisas nos materiais que os professores nos ofereceram. Nem tudo dá para imprimir, sai bastante caro, porque alguns textos são muito extensos e também acabei apagando do meu computador, porque eram recursos mais antigos. A biblioteca do polo tem muitos livros importantes, mas, para a minha pesquisa, acabei tendo que usar artigos disponíveis na internet. Os livros em "pdf" também me auxiliaram várias vezes, pena que nem tudo eu conseguia encontrar.*

Se, por um lado, a internet propiciou quebras de barreiras entre tempos e espaços, fornecendo o acesso a informações para um grande número de pessoas, por outro, vê-se que a liberdade admitida na internet acaba causando uma inflação de informações, o que não significa quantidade de conhecimentos. Esta aluna de EaD mostra um certo receio na utilização da internet como fonte de pesquisa, questionando-se sobre a qualidade das informações obtidas.

Esta revolução das tecnologias da informação, especialmente a internet, trouxe novas formas de organizar, processar e disseminar informações. Além das fontes convencionais como livros, jornais, revistas, enciclopédias, dicionários, surgem novos tipos de fontes, como

os próprios sites de busca. Através desses endereços eletrônicos, como por exemplo, sites universitários, podem-se encontrar fontes de pesquisa confiáveis como: teses de doutorado e dissertações de mestrado, artigos de eventos científico e livros em “pdf”. A própria instituição que oferece a educação a distância pode fornecer referências da internet para os seus estudantes, por meio de uma biblioteca virtual.

*As conversas com a minha tutora a distância foram muito importantes para o meu TCC. Muitas vezes, ela tinha os livros que eu necessitava disponíveis na sede da FURG e os trazia nos encontros presenciais para que eu pudesse ler um pouco e fazer cópias daquilo que era necessário como referencial teórico. Alguns livros, eu acabei comprando, quando era possível. Não gosto muito de fazer pesquisas e tomar como referências as informações da internet, tenho alguns receios em relação à segurança da informação. Para armazenar meus trabalhos, usei pen drives e CDs, além da armazenagem no computador.*

A pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso na EaD é marcada por uma construção coletiva, em que os estudantes oferecem auxílio mútuo, debatem, interagem através da internet e também presencialmente. O tutor a distância do curso também tem um papel importante, porque auxilia toda a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, observando cada passo dado pelo estudante na evolução da pesquisa, incentivando-o, trazendo opções, costurando ideias.

No caminho da construção de saberes, o tutor a distância também se torna um pesquisador de linguagens científicas distintas, precisa compreender diferentes áreas do conhecimento e teorias diversas. Para cada aluno pesquisador, é um olhar diferente que se constrói desde o início de seus estudos do curso de graduação e olhares diferentes para cada temática pesquisada durante a escrita dos TCCs. O ambiente de sala de aula é virtual na maior parte dos momentos, mas o aluno não é virtual e, sendo assim, situações que acontecem em uma modalidade de ensino totalmente presencial podem acontecer na EaD.

A interação que, na maioria dos momentos, se dá através da expressão escrita, muitas vezes, não reflete o que a linguagem por meio das expressões humanas expressaria. Ainda que a escrita seja mais reflexiva, não quer dizer que seja mais fácil compreendê-la.

## Conclusão

As transformações na educação superior brasileira acontecem à medida que tornam o seu acesso mais democrático. Se o contingente numeroso de pessoas querendo ingressar no ensino superior é uma realidade, a universidade deve abrir maiores oportunidades de vagas e cursos. Superando a limitação das estruturas de espaço físico, a EaD cria um novo cenário para o acesso à universidade.

Durante o andamento dos quatro anos deste curso de graduação em Pedagogia, ocorreram desistências e, no decorrer da pesquisa, algumas alunas tinham que receber estímulos constantes para prosseguir. As problemáticas que permearam o caminho da pesquisa se apresentaram nas dificuldades de acesso às informações inerentes à temática escolhida, no sentimento de nada saber, advindo dos preconceitos relacionados à EaD, nas dificuldades de organização do tempo, bem como financeiras.

Acreditar na Educação a Distância é fundamental para aquele que se propõe à inserção neste contexto. Este curso de Pedagogia em EaD, proporcionado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, exige uma otimização de tempo para realização de tarefas semanais, leituras intensas e posicionamentos críticos voltados para uma educação transformadora. Um curso de formação de professores deve ter o comprometimento com a qualidade ofertada, dispor de profissionais qualificados e comprometidos. O curso de Pedagogia em EaD da FURG vem contribuindo com a formação de professores de forma comprometida, que exige um grande empenho em pesquisas de grande relevância para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRUNO, Adriana da R.; HESSEL, Ana Maria. Implicações dos ambientes on-line para a formação de comunidades colaborativas de gestores educacionais. In: BRUNO, Adriana da R.; BORGES, Eliane M.; SILVA, Léa P. (Orgs.). **Tem professor na rede**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 135p.

MICARELLO, Hilda A. L. da Silva; SCOTTON, Maria Tereza. Espaços compartilhados de ensinar e aprender: uma experiência de formação de professores em ambientes virtuais. In: BRUNO, Adriana da R.; BORGES, Eliane M.; SILVA, Léa P. (Orgs.). **Tem professor na rede**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 135p.

RAMOS, Bruna Sola. Para além das “distâncias”: provocações por uma prática responsiva. In: BRUNO, Adriana da R.; BORGES, Eliane M.; SILVA, Léa P. (Orgs.). **Tem professor na rede**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 135p.





**SABERES CONSTRUÍDOS NA EDUCAÇÃO A  
DISTÂNCIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA  
NO TIC-EDU (FURG)**



## **SABERES CONSTRUÍDOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO TIC-EDU (FURG)**

*Paulo Sergio Andrade Quaresma*

### **Uma aproximação com a Educação a Distância**

Discutir e analisar a educação são exercícios espinhosos e complexos que sempre exigem a reflexão e o aprofundamento teórico, haja vista que o cosmo composto pelo processo de ensino e aprendizagem congrega a prática diária em sala de aula, a interação interpessoal aluno-professor, assim como os diversos paradoxos e idiossincrasias inerentes à profissão de educador. Além disso, ao professor é exigido, cada vez mais, buscar novas maneiras e possibilidades que despertem o interesse dos alunos pelo conhecimento. Esse contexto é intensificado e problematizado ao consignar que:

A educação do cidadão não pode estar alheia ao novo contexto sócio-econômico-tecnológico, cuja característica geral não está mais na centralidade da produção fabril ou da mídia de massa, mas na informação digitalizada como nova infraestrutura básica, como novo modo de produção (SILVA, 2012, p.1).

Nesse sentido, é extremamente proveitoso e altamente produtivo o educador utilizar a informática e as tecnologias para inovar e qualificar a sua prática pedagógica. Além de agradar e prender a atenção dos alunos, o educador “conecta” a sala de aula com o mundo virtual em que o alunado já está inserido. Neste processo todos os indivíduos são partícipes, os quais atuam de forma concreta em prol da construção e da consolidação do conhecimento. Desta maneira, o professor não pode ser visto como apenas um mero expositor de informações e solicitador de tarefas.

Em outras palavras, o educador necessita “deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações” (SILVA, 2012, p.5), fomentando um espaço em que a simples transmissão de conhecimento ceda lugar para

o diálogo e para a cooperação. Já de acordo com o pensamento preconizado por Kenski (1998), as tecnologias são capazes de redimensionar o espaço educativo através de dois modos:

O primeiro diz respeito aos procedimentos realizados pelo grupo de alunos e professores no próprio espaço físico da sala de aula. Neste ambiente, a possibilidade de acesso a outros locais de aprendizagem — bibliotecas, museus, centros de pesquisas, outras escolas etc... com os quais alunos e professores podem interagir e aprender — modifica toda a dinâmica das relações de ensino-aprendizagem. Em um segundo aspecto, é o próprio espaço físico da sala de aula que também se altera (p.70).

Nesse cenário, o papel e a atuação docente, sob o auspício da metodologia construtivista, é um caminho possível, apresentando resultados positivos, considerando que através dessa proposta os alunos são capazes de direcionar a apropriação e a construção do conhecimento. Ao se conjecturar a possibilidade no processo educacional, em que alguns agentes possuem mais relevância do que outros, caímos naquele velho discurso, segundo o qual, uns sabem mais do que outros. Ademais, o espaço educacional apresenta mais particularidades no que diz respeito à Educação a Distância (EaD). Alguns indivíduos ainda consideram que essa modalidade educacional é menor e de pouca valia, por não ser capaz de oferecer a mesma qualidade e fundamentação teórico-metodológica alcançada no ensino presencial. Entretanto, a força e o sucesso da modalidade de ensino a distância é alcançada na medida em que:

A presença das tecnologias digitais, em especial das TIC, viabiliza a emergência de diversas oportunidades para se re-pensar e problematizar o ensino tanto na modalidade presencial quanto a distância. Esta última modalidade educacional aparece, nesse contexto, como uma possibilidade de aumentar a oferta de acesso ao ensino e a formação continuada, favorecendo o desenvolvimento de atitudes e comportamentos relativos ao estudo e exercício da profissão, no tempo e local que lhe são adequados. Além disso, a Educação a Distância (EaD) proporciona a criação de uma rede de aprendizagem na qual o professor e

o estudante interagem constantemente, tornando-se, no fazer, autores de seu próprio conhecimento (PINTO; ARAÚJO; LAURINO; 2011, p.815).

A experiência adquirida como docente e como tutor, na edição de 2010 do Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, baliza a seguinte assertiva: a EaD apresenta qualidades e resultados exitosos no desenvolvimento e na construção do ensino e da aprendizagem. A tutoria foi operada nas disciplinas de: Alfabetização Digital, Metodologias Educativas, Projeto de Ação na Escola: Comunicação e Educação na *Web*, Projeto de Ação na Escola: Objetos de Aprendizagem, Pesquisa na Prática Pedagógica. Já a docência foi realizada atuando nas disciplinas de: Pesquisa na Prática Pedagógica, Tecnologia da Informação e Comunicação, Identidade Profissional e Saberes Docentes, Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso.

## **A experiência com o TIC-Edu**

A partir da caminhada vivenciada no Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), percebeu-se que o alunado, ingresso e concluinte do referido curso, revelou durante todo o percurso um crescimento contínuo e a apreensão do conhecimento, assim como o domínio de habilidades na integração das tecnologias com a prática pedagógica em sala de aula.

Essa realidade está alicerçada e vai ao encontro do objetivo principal do curso que visa “oportunizar a formação continuada de professores da educação básica para trabalhar com metodologias educativas construtivistas utilizando as tecnologias da comunicação e informação” (FURG, 2012, p. única). Além dessa meta, o TIC-Edu almeja oportunizar ao discente:

[...] estudar, discutir e analisar conhecimentos teórico-práticos que envolvem a metodologia de projetos de aprendizagem aliada às tecnologias da informação e comunicação através de leituras, debates, realização e apresentação de trabalhos, fóruns, listas de discussão e atividades on-line e off-line (FURG, 2012, p. única).

Os textos disponibilizados ao longo do curso permitem constatar e averiguar que o caminho que a *web* vem percorrendo, através dos

avanços tecnológicos e científicos, é apenas a ponta do *iceberg* que o momento presente deixa antever, pois as ferramentas de interação e de acesso às informações estão em um contínuo desenvolvimento, sendo capazes de superar a distância que no passado pareciam intransponíveis.

Entretanto, ainda é perceptível a existência de muitas escolas que necessitam adentrar e serem inseridas na realidade digital, tendo em vista que os impasses educacionais e as políticas públicas impedem essa transformação. Tal constatação também é percebida por Silva (2012), ao destacar que:

Se a escola não inclui a Internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia a espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. Quando o professor convida o aprendiz a um portal virtual de informações, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse educando na cibercultura (SILVA, 2012, p.2).

Em consonância a essa ideia, a estrutura de ensino, as atividades propostas e as metodologias específicas voltadas ao ensino a distância, desenvolvidas no TIC-Edu, permitem que os estudantes manifestem suas certezas e dúvidas, exponham e reavaliem, de forma sistemática e instantânea, a prática pedagógica através da via *on-line*. Dessa forma, a qualidade do ensino e a disposição em buscar um aprendizado contínuo são alcançados com sucesso, haja vista que:

O domínio das novas tecnologias educativas pelos professores pode lhes garantir a segurança para, com conhecimento de causa, sobrepor-se às imposições sociopolíticas das invasões tecnológicas indiscriminadas às salas de aula. Criticamente, os professores vão poder aceitá-las ou rejeitá-las em suas práticas docentes, tirando o melhor proveito dessas ferramentas para auxiliar o ensino no momento adequado (KENSKI, 1998, p.70).

Por sua vez, constata-se que o mito, para alguns indivíduos, da “facilidade” e da “moleza”, em que se caracterizaria a educação a distância, desmorona e é colocado em xeque nas primeiras semanas do

curso. Em outras palavras, os cursistas percebem que a organização do tempo de estudo, a força de vontade e a disciplina são requisitos fundamentais para o êxito final, tanto na realização das atividades como na elaboração dos projetos que resultam na escrita do trabalho de conclusão. A antecipação das tarefas é um predicado importante para que os discentes possam maturar as reflexões e, caso necessitem, possam refazer a tarefa e dar os ajustes finais ao tema exigido pelas atividades.

A possibilidade de o aluno retomar ideias, conceitos e sentimentos em algum momento do percurso é válida, pois ele é capaz de reavaliar e de refletir melhor sobre vários pontos de sua formação profissional, educacional e pessoal. Conforme as mensagens enviadas aos cursistas, orientando-os e refletindo sobre as tarefas postadas, deixou-se claro, desde o início da interação a distância, que a continuidade e a disciplinaridade na realização das propostas do curso possibilitam, a cada momento, o crescimento acadêmico e profissional de todos os partícipes. Ao final desse contínuo e perene processo de formação, vários são os ganhadores: os acadêmicos, os tutores, os professores e, conseqüentemente, a qualidade de ensino.

No que tange às metodologias adotadas, foi possível perceber no TIC-Edu que os fóruns são espaços democráticos e importantes, nos quais os alunos podem debater, trocar ideias, angústias e experiências que se assemelham e se distanciam conforme a problemática escolar de cada profissional.

Nesses espaços virtuais, a interação dos alunos se mostra rica e generosa, pois os estudantes aconselham e trocam experiências com seus colegas, compartilhando vivências pessoais e pedagógicas. A grosso modo, é possível aprender com a história do “outro”, não há centralidade do conhecimento. Nesse sentido, é oportuno trazer o pensamento de Pinto, Araújo e Laurino (2011), segundo as quais, o processo de ensino e de aprendizagem deve estar alicerçado em uma contínua e sólida troca de experiência:

O conhecer se dá na interação do ser humano com seu ambiente e a Educação deve problematizar e investigar o fenômeno do conhecimento, tendo como foco o respeito à vida, na construção da cidadania. Como visto, o conhecimento não pode ser alcançado no isolamento do indivíduo, a aprendizagem sempre se dá na relação com o meio, com o contexto, com a experiência e a história de vida dos que buscam aprender.

Compartilhar vivências é necessário na reconstrução de conceitos, para compreender o próprio conhecimento e o mundo que fazemos emergir a partir de nosso atuar (p.819).

O fazer conjunto é percebido em cada intervenção e atuação nos fóruns, nos quais as opiniões dos alunos se tornam mais profundas e embasadas, alicerçadas nas leituras propostas, indo ao encontro dos pressupostos e paradigmas pedagógicos do curso, das atividades e das metodologias. As argumentações se mostram sérias e pertinentes, refletindo sobre o conhecimento acumulado e construído ao longo da trajetória de cada um, seja ele estudante de EaD, especialista, tutor ou professor.

Nessa ocasião, os alunos efetivamente expõem os pontos positivos e os negativos enfrentados a cada momento no curso. Assim, os fóruns são locais de diálogo no qual o curso avança e consolida o que está bom, revê pequenos desvios ou mínimas incongruências e transforma o que não fora pensado antes. As colocações e argumentações dos cursistas são levadas em consideração pela coordenação, pelos professores e pelos tutores no momento da construção das atividades. Dessa forma, diferentemente do ensino tradicional em que o professor é o centro das atenções e o protagonista, na EaD proposta pelo TIC-Edu os educadores oportunizam:

[...] a construção do conhecimento disponibilizando um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos educandos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos aprendizes (SILVA, 2012, p. 6).

Por essa razão, o *feedback* e o papel desempenhado pelo tutor é de fundamental importância nesse processo. As tecnologias não podem ser vistas como as únicas salvadoras do ensino-aprendizagem e não se deve esperar pela direção da escola ou pela secretaria de educação a solução dos problemas educacionais, é fundamental que cada educador procure fazer o diferencial.

Quanto às tarefas propostas, vê-se que estão interligadas visando o domínio e a apreensão, por parte dos estudantes, dos instrumentos tecnológicos destinados à melhoria do ensino. Portanto,

acredita-se que o curso TIC-Edu desenvolve um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, no qual a atuação do alunado se mostra como a principal causa desse sucesso, tendo em vista que estão comprometidos, interessados e motivados à promoção de uma educação de qualidade.

Em síntese, o aluno em EaD é o agente preponderante do processo de ensino-aprendizagem. Essa visão é consolidada no pensamento de Vaniel (2011), quando aborda o ensino preconizado e as metodologias desenvolvidas no curso TIC-Edu. Segundo suas próprias palavras:

As relações que se estabelecem entre o sujeito e o meio implicam um processo de construção e reconstrução permanente do conhecimento, que resulta na formação das estruturas do pensamento. É nessa perspectiva teórica que pensamos o perfil e as atribuições do estudante, e nesse paradigma educacional que pretendemos pautar nossas ações e investigações (p.826).

Além disso, os trabalhos dissertativos e expositivos possibilitam ao cursista expor ideias e perspectivas na forma de um texto organizado. Essa atividade é importante para o domínio e para a exposição da escrita que, por sua vez, vai se refletir nas produções subsequentes. Pensar sobre a pesquisa no ambiente virtual e em sala de aula, a partir do envolvimento do aluno em parceria com a utilização das TIC é relevante, pois as tecnologias abrem vários caminhos e mais possibilidades de informação, comparadas às informações impressas em um livro didático, com data limite de consumo determinado *a priori* pelos órgãos governamentais.

Nessa perspectiva, a metodologia voltada ao desenvolvimento e a aplicação dos Projetos de Ação na Escola (PAE) alcança sucesso, haja vista que as propostas construídas pelos estudantes, como requisito para a conclusão do curso, procuram articular a realidade educacional em que estão inseridos e atuam colocando realmente em prática os conhecimentos e as habilidades adquiridas ao longo da especialização. Em outras palavras, os PAE não ficam no papel ou servem apenas aos interesses politíqueiros das secretarias municipais ou estaduais de educação, sem nexos ou continuidade.

Todavia, tem-se ciência de que implantar ou concretizar um projeto educacional não é tarefa fácil, pois os professores tendem a encontrar muitos obstáculos de várias ordens, desde a inexperiência

profissional com esta metodologia e o descrédito dos colegas, passando a falta de apoio direcional da instituição escolar em que estão lotados. Entretanto, é extremamente gratificante quando o educador percebe o interesse dos alunos, a aquisição de novos conhecimentos e a promoção de diferentes habilidades pelos mesmos.

Nesse sentido, as palavras de Minguili e Daibem (2012) são acertadas quando dizem que: “É um processo contínuo de pensar-querer-fazer a educação em dado momento e contexto humano-social. Processo que envolve a ação-reflexão-ação sobre o ensinar-e-aprender” (p.9). Desse modo, os projetos de aprendizagens não são “estruturas” estanques, pois conseguem envolver os atores participantes em um contínuo e permanente desenvolvimento de ideias, assim como espaço para troca de vivências e uma oportunidade para repensar a própria docência.

A experiência e a formação pedagógica durante o TIC-Edu permitem afirmar que a EaD é constituída por um trinômio (professor-tutor-aluno), cujo equacionamento e equilíbrio é fundamental para o pleno desenvolvimento e a manutenção do processo pedagógico. A falta ou a fragilidade de qualquer elo dessa tríade compromete a qualidade do restante, por isso, não adianta o professor construir e oferecer um material de qualidade se o tutor estiver despreparado para potencializar e aprofundar os estudos.

Do mesmo modo, o empenho do tutor não alcança o resultado pretendido se o estudante não tiver interesse, vontade e compromisso com a realização das tarefas e atividades, bem como se não houver empenho na conclusão do curso. Concomitantemente, não adianta o aluno estar motivado se o professor não proporcionar uma disciplina com qualidade reflexiva ou motivadora. Portanto, a ação conjunta de todos é o que promove a construção de um conhecimento de qualidade e positivo para os partícipes.

Dessa forma, acredita-se que o TIC-Edu está bem alicerçado com professores qualificados, alunos interessados e responsáveis e um tutor que, sem qualquer modéstia, tem satisfação e encanto nesse processo educacional que se revela, a cada momento, enriquecedor e estimulante. Todos possuem seus compromissos, suas responsabilidades e qualidades, os quais devem ser compartilhados para o crescimento do grupo.

A reformulação e o questionamento constante da prática pedagógica são cruciais para a qualidade do ensino, auxiliando no fomento da evolução e do crescimento profissional. Além disso, vencer os desafios e realizar plenamente aquele que nos é exigido está

intimamente ligado à satisfação e ao bem-estar pessoal. Nesse sentido, é oportuno trazer as palavras de Kenski (1998), segundo a qual:

Não é possível pensar na prática docente sem pensar, antecipadamente, na pessoa do docente que está em pauta e em sua formação que, como vimos, não se dá apenas durante o seu percurso nos cursos de formação de professores, mas, permanentemente, durante todo o seu caminho profissional, dentro e fora da sala de aula.

Antes de tudo a esse professor devem ser dadas oportunidades de conhecimento e de reflexão sobre sua identidade pessoal como profissional docente, seus estilos e seus anseios. Em outra vertente, é preciso que este profissional tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível. Ou encaminhe sua prática para uma abordagem que dispense totalmente a máquina, e os alunos aprendam até com mais satisfação. As atividades de narrativa oral e de escrita não estão descartadas. A diferença didática não está no uso ou não-uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades. Mais ainda, na compreensão da lógica que permeia a movimentação entre os saberes no atual estágio da sociedade tecnológica (p.69-70).

Ao longo do curso, refletiu-se sobre a prática docente analisada e investigada nas escolas em que os cursistas atuavam, inquirindo aos alunos sobre a presença das tecnologias em suas vidas. Especificamente na disciplina Tecnologia da Informação e Comunicação, Identidade Profissional e Saberes Docentes, assistiu-se ao filme “Entre os muros da escola” (2009), de Laurent Cantet, baseado em fatos reais, quando foi possível refletir sobre os dilemas e as contradições do ensino em uma escola pública de Paris, trazendo esse cenário e essa problemática para a realidade brasileira.

Através dessa película se observou que a escola francesa disponibiliza recursos didáticos aos professores e alunos, possui

estrutura física de boa qualidade (prédio limpo e bem conservado) e alimentação suficiente a todos, mas os conflitos étnicos e socioculturais geram tensão e desconforto no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Foi proposto ainda que os cursistas assistissem ao documentário “Pro dia nascer feliz” (2006), de João Henrique Vieira Jardim, e refletissem sobre o tema abordado pelo diretor e as questões relacionadas com a realidade brasileira: escolas precárias, merenda insuficiente, inexistência de recursos didáticos, a carência e o conflito dos alunos e o estresse dos professores, as atitudes das autoridades e dos responsáveis diante do drama da educação.

O diferencial do documentário brasileiro, em cotejo à película francesa, residiu nos depoimentos dos alunos e dos professores, os quais revelaram o quanto o parecer e a avaliação final do ano letivo são determinantes e um divisor de águas no futuro de um jovem. As falas dos depoentes, próximas da realidade cotidiana dos cursistas, revelam o abismo social e econômico que divide as escolas públicas da periferia e do interior daquelas instituições de classe média alta do centro do país, pontuando a prática e os valores diante da educação.

O sucesso dessa proposta foi alcançado de várias formas, não somente nas declarações e conjecturas desenvolvidas pelos cursistas e postadas nos fóruns de diálogo, mas, principalmente, na retomada da temática explorada nos filmes por alguns trabalhos de conclusão de curso, assim como nas poesias que alguns alunos construíram.

Dessa forma, percebe-se que a continuidade e o desenvolvimento dos estudos é a válvula principal para o êxito do processo de ensino. Por essa razão, é necessário se ater aos fundamentos tanto no nível teórico, assim como no metodológico, quanto da escolha e da aplicação dos conteúdos, dos temas educacionais e das propostas pedagógicas elegidas para guiar o processo de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, fica explícita a importância do tema, dos instrumentos e da metodologia quando se desenvolvem e são discutidos os tópicos ou assuntos em sala de aula. A vivência pessoal e profissional é essencial, mas também é importante aliá-las com outros pensadores.

Em suma, os governos têm propagado a expansão dos meios tecnológicos nas escolas públicas, implantando laboratórios de informática e disponibilizando computadores aos alunos, muito mais como meio propagandista do que como instrumento pedagógico de qualidade.

A reflexão dessa problemática é importante, pois não basta a existência de um laboratório com vários computadores ligados à internet – mas na maioria dos casos sem internet – para resolver os problemas educacionais brasileiros, se não houver uma proposta educacional concreta, o engajamento de profissionais qualificados e com vontade de transformar o meio no qual estão inseridos.

Nesse contexto, é necessário o fomento de políticas governamentais e propostas pedagógicas que busquem a modificação do ambiente de estagnação e de conservadorismo observado nas escolas. Nesse sentido, é possível perceber que um passo importante para essa transformação é a articulação da pesquisa e das tecnologias no ambiente escolar, ao lado de um ensino significativo que desperte o interesse do alunado.

### **Considerações finais**

Visando concluir este texto, é imprescindível dizer que o processo de ensino-aprendizagem, desenvolvido ao longo da edição 2010 do curso TIC-Edu, foi coroado de muito êxito, graças à plena participação, interação e dedicação dos professores, tutores e cursistas. Os trabalhos apresentados mostram, a cada passo, o crescimento e o domínio sobre os conceitos, as teorias e as metodologias educacionais aliadas ao uso das TIC. Essa constatação não poderia ser diferente na construção dos trabalhos de conclusão de curso, nos quais cada acadêmico demonstrou responsabilidade e fundamentação teórico-metodológica na elaboração dos seus respectivos escritos.

Assim, é importante perceber que não somos os únicos que realizamos pesquisas ou procuramos desenvolver um trabalho científico, muitos outros em diferentes épocas, lugares e momentos também se propuseram e realizaram essas ações.

Por essa razão, ao aliarmos e fundamentarmos as nossas formulações com conceitos e ideais daqueles pesquisadores que “vieram” antes de nós, proporcionamos que nosso estudo se enriqueça, além de auxiliar na consolidação das nossas ideias e, o mais importante, demonstra que compartilhamos um caminho no qual a qualidade, o compromisso e a responsabilidade pautam e fundamentam a cientificidade.

Portanto, o sucesso alcançado é fruto da realização de todos que lutaram, estudaram e tiveram como principal meta a busca pela qualidade da educação nos mais diferentes níveis. Por essa razão, é possível dizer que os TCCs, apresentados pelos cursistas no

encerramento das atividades, se caracterizaram pela boa qualidade, expressando as particularidades das escolas e do alunado envolvidos na aplicação dos Projetos de Ação na Escola (PAE), contribuindo para o crescimento do grupo. As dificuldades, quando apresentadas, fazem parte do processo de aprendizagem que está sempre em construção, nunca finalizado, mas contando com a participação de todos.

## REFERÊNCIAS

FURG. **Curso de Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação**. Rio Grande, FURG, edição 2010-2012. Disponível em: <[http://www.uab.furg.br/file.php/1/01\\_sobre\\_o\\_curso/TIC\\_EDU/tic\\_edu2/index.html](http://www.uab.furg.br/file.php/1/01_sobre_o_curso/TIC_EDU/tic_edu2/index.html)>. Acesso em: 2 set. 2012.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. In: **Revista Brasileira de Educação**. n.8. Caxambu, set. 1998. Disponível em: <<http://www.uab.furg.br/mod/resource/view.php?id=14932>>. Acesso em: 2 set. 2012.

MINGUILI, Maria da Glória; DAIBEM, Ana Maria Lombardi. **Projeto pedagógico e projeto de ensino**: um trabalho com os elementos constitutivos da prática pedagógica. Disponível em: <<http://www.fmb.unesp.br/projetopedagogico/docs/Projeto%20pedag%C3%B3gico%20e%20projeto%20de%20ensino.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2012.

PINTO, Suzi Samá; ARAÚJO, Márcia Santiago de; LAURINO, Débora Pereira. A Educação a partir da Biologia do conhecer na Sociedade da Informação e Comunicação. In: **Anais do I Seminário Internacional de Educação em Ciências**. Rio Grande: FURG, 2011, p.813-823. Disponível em: <[http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII\\_II.pdf](http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII_II.pdf)>. Acesso em: 4 ago. 2012.

SILVA, Marco. **Internet na educação e inclusão social na era digital, na sociedade da informação e na cibercultura**. Disponível em: <<http://www.uab.furg.br/mod/resource/view.php?id=14931>>. Acesso em: 2 set. 2012.

VANIEL, Berenice Vahl. et al. Ser estudante em Educação a Distância: desafios e possibilidades. In: **Anais do I Seminário Internacional de**

**Educação em Ciências.** Rio Grande: FURG, 2011, p.824-833.  
Disponível em: <[http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII\\_II.pdf](http://www.nuepec.furg.br/sintec/ebookII_II.pdf)>.  
Acesso em: 4 ago. 2012.





**PRÓ-LICENCIATURA:  
RELATO DA HISTÓRIA, CONSTITUIÇÃO E  
DAS ARTICULAÇÕES DO CURSO DE  
MATEMÁTICA DA FURG**



# PRÓ-LICENCIATURA: RELATO DA HISTÓRIA, CONSTITUIÇÃO E DAS ARTICULAÇÕES DO CURSO DE MATEMÁTICA DA FURG

*Sicero Agostinho Miranda  
Elaine Corrêa Pereira  
Marisa Musa Hamidd*

## Introdução

Todos os anos, são divulgados dados do Censo Escolar, com isso, estes trazem de volta a discussão sobre professores ministrarem aulas sem ter uma formação específica na área de atuação ou, até mesmo, sem uma formação de Nível Superior, com apenas o Ensino Médio ou o antigo Curso Normal.

Apesar de ainda existir um enorme contingente de professores que não cursaram o Ensino Superior – em torno de 530 mil – os quais, estatisticamente, representam 25% desta classe no país, o maior percentual de educadores sem formação de Nível Superior atua na Educação Infantil, conforme dados do Censo Escolar de 2011, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Nas salas de aula de creches e pré-escolas, tais percentuais são de 43,1% do total e, do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental, 31,8% dos professores não têm diploma universitário. Os índices apresentam melhorias, quando comparados aos dados de 2007, que apontavam profissionais de Nível Médio com mais de 30% do total daqueles que possuíam o Curso Superior.

Em 2006, uma pesquisa efetuada pelo MEC apontou que 19.200 docentes atuaram no Ensino Fundamental, de 5º a 9º ano, sem licenciatura e 8.800, no Ensino Médio. No Rio Grande do Sul, estimou-se que esse número era de aproximadamente 1.000 professores não habilitados para a disciplina pela qual eram responsáveis. Com a intenção de solucionar esse problema, o Ministério da Educação (MEC) instituiu o Pró-Licenciatura II, Programa de Formação Inicial para Professores do Ensino Fundamental e Médio, o qual se insere no esforço pela melhoria da qualidade do ensino na Educação Básica. O público alvo foram os professores em exercício na Rede Pública de ensino há, pelo menos, um ano e sem a habilitação legal exigida na área em que atuavam.

Através de pesquisa realizada pelo MEC nos municípios, foi apontado que existiam muitas cidades com altos índices de professores sem licenciatura, os quais atuavam na rede pública. Baseado nestes dados, fez-se necessária a criação de polos de apoio presencial em diversos municípios, para sanar esta carência e para que os professores se adaptem à nova legislação.

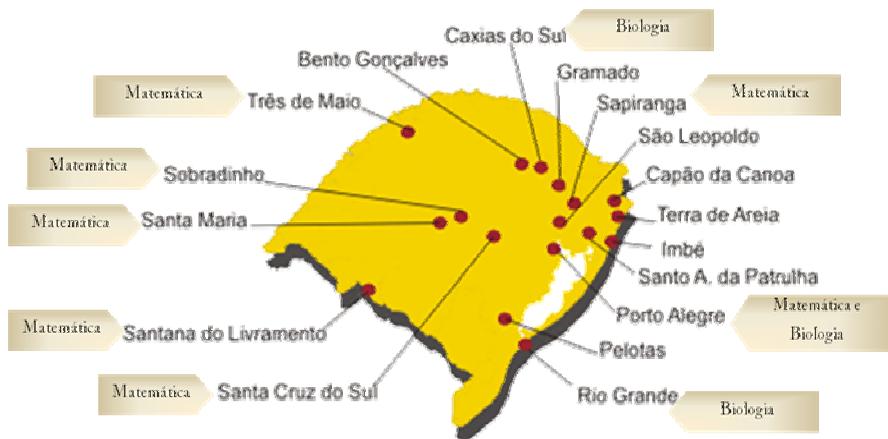
Figura1: Instituições de Ensino da REGESD



Para ofertar os cursos do Programa Pró-licenciatura, no estado do Rio Grande do Sul (RS), foi formada uma rede, a REGESD (Rede Gaúcha de Ensino Superior a Distância), por oito Instituições Públicas e Privadas de Ensino Superior (IES), conforme ilustrado na Figura 1. As IES que fazem parte da REGESD são: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFMSM), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pelotas (IFET). Nesse contexto, os cursos de licenciaturas ofertados possuem diferentes conformações, mas todos

compartilham as Instituições parceiras para a capacitação de tutores e professores, os polos e sistemas de gerenciamento de recursos humanos e financeiros.

Figura 2: Polos da REGESD



A FURG, em parceria com a UFSM, UFRGS, UERGS e UNISC, atua no Curso de Licenciatura em Matemática, nos Polos de Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Sapiranga, Sobradinho e Três de Maio, conforme ilustrado na Figura 2. No entanto, diploma somente os alunos dos Polos de Sapiranga, Sobradinho e Três de Maio. Além disso, essa instituição participa do Curso de Licenciatura em Biologia, em parceria com a UFRGS e UCS, atuando nos Polos de Caxias do Sul, Porto Alegre e Rio Grande (conforme Figura 2) com algumas disciplinas de responsabilidade.

Em outubro de 2008, iniciaram-se os cursos com a disciplina de Instrumentalização em EaD. Com o andamento das atividades, principalmente pelo fato de a SEaD ofertar cursos em EaD, foram surgindo necessidades de pensar e executar algumas ações para o melhor andamento das atividades realizadas nos cursos. Outra preocupação da equipe SEaD/FURG foi manter, apesar da distância geográfica, a Universidade próxima aos alunos, fazendo com que estes estudantes se sentissem parte, criando uma identidade com a FURG.

## **Ações no Pró-licenciatura**

Visando o melhor andamento das atividades dos Cursos, nos quais a FURG está envolvida, realizamos diversas ações, entre elas a Formação Continuada em EaD e o projeto “Oficinas de Formação Complementar PROLIC/FURG”.

### **Formação Continuada em EaD**

A proposta desenvolvida pela equipe é multidisciplinar, cujo objetivo é promover atividades de cunho didático, pedagógico, orientacional e formador para os diferentes atores envolvidos nesta modalidade de ensino, a saber: professores formadores e pesquisadores; tutores a distância e presenciais. Nesse sentido, as ações são planejadas de forma a atender as demandas do contexto atual, bem como as diferentes realidades e experiências as quais são trazidas para serem vivenciadas nas formações continuadas e nas oficinas permanentes.

A Formação Continuada em EaD é proposta pela Secretaria de Educação a Distância – SEaD/FURG e realiza diversas atividades pedagógicas e de formação, entre elas, capacitação geral, reuniões de orientação pedagógica com professores formadores e pesquisadores, oficinas permanentes para toda equipe acadêmica e reuniões contínuas com os professores tutores a distância e presenciais. Essa formação é realizada pela equipe multidisciplinar da referida Instituição, a qual aborda a questão metodológica em EaD e promove a constante orientação para a produção e elaboração do material didático previsto nas mais diversas formas de linguagem.

Conforme consta no Projeto Formação Continuada em EaD, a metodologia consiste na apresentação e discussão de temas conceituais e práticos relacionados à Educação a Distância, a qual busca a integração de todos os profissionais atuantes na EaD/FURG, bem como na apropriação da Plataforma Moodle, onde são desenvolvidos os cursos. Todo material produzido na formação é disponibilizado para a consulta e o uso por todos os integrantes da SEaD, em um espaço definido na Plataforma Moodle. A formação continuada é pautada em um processo participativo, cooperativo, bem como autônomo, para a construção e implementação de políticas para EaD na FURG.

## Projeto Oficinas de Formação Complementar PROLIC/FURG

As ações propostas pelo projeto “Oficinas de Formação Complementar PROLIC/FURG” visam à formação consistente e contextualizada dos professores cursistas do Curso de Matemática. Além disso, o projeto procura encurtar as distâncias geográficas entre os polos e a FURG, assim como contribuir para a formação dos estudantes e oportunizar atividades complementares obrigatórias para o curso, visto que esses municípios têm carência de eventos na referida área.

Acreditando na possibilidade de que o ensino de Matemática, especialmente de Geometria, pode ser realizado de forma diferenciada em relação ao ensino tradicional, foram ofertadas seis oficinas nos Polos de Sapiranga, Sobradinho e Três de Maio, todas ocorreram por meio de novas metodologias de ensino/aprendizagem e da aplicação dos conceitos abordados, através de observação (reconhecimento), análise (comparação), ordenação (síntese), dedução (construção) e rigor (demonstração de teoremas). Estes são conhecidos como Níveis de Van Hiele (LEIVAS, 2002, p.11) e, quando desenvolvidos com o uso de materiais concretos, o aluno pode absorver os conceitos geométricos, aprimorar o raciocínio e construir um nível de abstração em relação às fórmulas apresentadas.

A construção do conhecimento não se dá apenas com a exposição de informações e exemplos sobre o conteúdo. Nesse sentido, o “[...] conhecimento procede a partir, não do sujeito, nem do objeto, mas da interação entre os dois” (PIAGET, 1974, p.263).

Segundo as teorias de Piaget, a construção do conhecimento ocorre a partir da interação entre o sujeito e o objeto de estudo. No contexto da Matemática, a construção dos conceitos, nesse caso os geométricos, será facilmente compreendida se houver uma correlação entre o aluno e os materiais concretos que exemplifiquem tais definições.

Ao longo dos últimos anos, o ensino de Matemática vem sendo alvo de constantes modificações e discussões, tanto no Ensino Fundamental e Médio quanto no Ensino Superior, principalmente em relação à metodologia de ensino aplicada em sala de aula. No caso do Ensino Superior, especificamente da formação docente nos cursos de Graduação – Licenciatura em Matemática, as mudanças apontam para a didática de ensino dos futuros professores.

Uma das maiores dificuldades apresentadas pelos alunos se refere à aprendizagem da geometria. Com base nas considerações

dispostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Matemática (1998), “os recursos didáticos como jogos, livros, vídeos, calculadoras, computadores e outros materiais têm um papel importante no processo de ensino e aprendizagem”, pois estes facilitam a construção dos conceitos matemáticos. Conforme Dana (1998):

A decisão dos professores sobre a geometria a ser ensinada é profundamente influenciada pela geometria que eles tiveram (geralmente uma pincelada durante o primeiro grau seguida de um curso com definições e demonstrações no segundo grau) (p.28).

De acordo com a autora, alguns professores formados em Matemática – Licenciatura, ao ensinar geometria não têm o embasamento ou os subsídios necessários para modificar sua metodologia de ensino.

Estes recursos didáticos, que faltam para alguns professores, não são abordados durante suas formações, pois, algumas vezes, seus formadores também não sabem como utilizar tais aparatos. Outro fator que contribui para a dificuldade de apreensão dos conteúdos relativos à geometria é o fato de que muitos professores/acadêmicos não complementaram sua formação por falta de tempo disponível ou falta de participação em projetos ou oficinas de aperfeiçoamento, as quais nem sempre são oferecidas como oportunidade optativa.

Com tudo isso, o ensino exige muito interesse, força de vontade e aprofundamento de conhecimentos por parte do professor, de forma a complementar sua formação. Segundo Freire (1996), “[...] O professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (p.53).

Assim, é necessário que os conceitos matemáticos ou geométricos e suas aplicações sejam aprimorados pelos professores/acadêmicos com atividades práticas durante a graduação, bem como após a formação.

Com vistas a fazer frente aos desafios que surgiram no andamento do curso, foram realizadas seis oficinas, conforme ilustrado na figura 3, nos Polos discriminados abaixo:

Figura 3: Oficinas desenvolvidas nos Polos de Sapiranga, Sobradinho e Três de Maio



### a) Geometria Plana no Geoplano

Nesta oficina, foram discutidos e problematizados os conceitos de geometria plana, bem como serão propostas atividades práticas e teóricas a partir de material didático. O objetivo é oportunizar formação inicial e continuada a professores da área de Matemática, para que isso se reflita em suas práticas em sala de aula.

Após a aplicação da atividade, percebeu-se uma motivação por partes dos participantes em buscar recursos diferenciados para aplicar às suas práticas. Na própria oficina, os mesmos criaram atividades para desenvolver com seus alunos.

### a) Construção e Utilização de Sólidos Geométricos

A atividade de construção dos sólidos se torna importante para que os participantes após a oficina tenham seus próprios materiais para desenvolver nas escolas, nas quais ministram aulas de Matemática. Os sólidos geométricos são construídos pelos participantes, explorando os conceitos geométricos no material construído.

A proposta tem como objetivo contribuir para o ensino de geometria, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, no que se refere à metodologia de ensino utilizada pelos professores já em exercício na rede pública.

Os participantes salientaram a carência de matérias concretas na escola. Nesse sentido, a construção desses sólidos e outras matérias, será uma alternativa para sanar essa dificuldade enfrentada.

### **b) Abordagem de Geometria com a Teoria de Van Hiele**

Ao entender a importância das discussões teóricas que envolvem as oficinas e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas ações, tais atividades visam contribuir com as práticas de professores no ensino da Matemática, além de servirem de referência para o progresso do conhecimento geométrico, visando uma sequência didática estruturada em níveis de aprendizagem.

Os participantes, no decorrer das discussões, começaram a apontar determinadas situações e estratégias de aprendizagem que ocorreram em sala de aula, para exemplificar o que é apontado na Teoria de Van Hiele.

### **c) Reflexões sobre a Formação da Identidade do Professor(a) de Matemática**

Oportunizar discussões sobre formação inicial e continuada de professores permitiu que estes refletissem a respeito de suas práticas em sala de aula. A atividade tinha por objetivo promover espaços de discussões e reflexão sobre as práticas que estão sendo desenvolvidas pelos professores nas escolas.

Discutir a formação da identidade do professor de Matemática oportunizou aos participantes refletirem sobre toda a trajetória enquanto educador, principalmente sobre suas ações, projetos e metodologias.

### **d) Modelo, Modelar e Modelagem**

Para facilitar o andamento da proposta, foram discutidos e problematizados os conceitos do que é um modelo, o seu modelar e a modelagem matemática, com enfoque na integração do ensino de Matemática e Física na Educação Básica.

Nesta ação, estão sendo exploradas atividades práticas e teóricas a partir de material didático, com auxílio de simuladores virtuais,

planilha eletrônica e ambiente virtual na Plataforma Moodle. O objetivo central é oportunizar formação inicial e continuada a professores das áreas de Ciências, Matemática e Física, para, assim, refletir sobre os diferentes modelos matemáticos e a forma com que os utilizamos nos processos de ensinar e aprender.

### **e) As Sete Peças do Tangram e a Geometria**

O ensino de geometria está esquecido nas escolas, muitos professores alegam não trabalhar o conteúdo por terem dificuldades no entendimento de alguns conceitos. Para o sucesso da atividade, foi proposto aos participantes construir o Tangram, visando à continuidade da proposta após a oficina. Com isso, foram explorados diversos conceitos de geometria.

A proposta objetiva contribuir com as práticas de professores no ensino da Matemática e servir de referência para o desenvolvimento do conhecimento geométrico, tendo em vista uma sequência didática estruturada em níveis de aprendizagem.

### **Conclusões**

A formação complementar em EaD propiciou aos professores e tutores dos cursos de Matemática melhor desempenho na ministração das disciplinas em que atuaram. Ademais, tais conhecimentos contribuíram para a socialização de saberes e fazeres didático-pedagógicos na modalidade.

No que tange às oficinas, estas, além de encurtar as distâncias geográficas entre os polos e a FURG, cumpriram com seu papel de promover mais espaços pedagógicos, bem como com as funções de contribuir para a formação acadêmica dos estudantes e de oportunizar atividades complementares, as quais são obrigatórias para os cursos. Nesse sentido, haja vista que esses municípios, sede dos polos, têm carência de eventos na área, os objetivos inicialmente propostos, mencionados acima, foram atingidos em sua plenitude.

Ademais, as ações desenvolvidas com os profissionais da Educação a Distância e com os professores cursistas colaboraram significativamente para a diminuição da evasão nos polos em que a FURG diploma. Ao compararmos o índice geral de evasão do Curso de Matemática/REGESD com o de evasão apenas dos três polos que a FURG diploma e em que esta realizou tais atividades, a disparidade chega a 11,32%.

Entretanto, os índices de evasão nos cursos em EaD são significativos, sendo fundamental a busca por novas ações e estratégias para diminuir esses números, a fim de que seja dado o suporte necessário para que os estudantes permaneçam nos cursos. Sendo assim, a realização das atividades fez com que esses estudantes criassem uma identidade com a Instituição de ensino.

Outrossim, como são todos professores da rede pública de ensino, as oficinas também propiciaram contato com novas metodologias, o que possibilita aprimorar conceitos matemáticos e geométricos, bem como suas aplicações. Dessa forma, pôde-se constatar que os resultados obtidos foram significativos e que as atividades do “Projeto Oficinas de Formação Continuada PROLIC/FURG” servirão de modelo para que outros cursos na modalidade de EaD ofertem atividades, visando, principalmente, diminuir a evasão.

## REFERÊNCIAS

DANA, M. E. Geometria – um enriquecimento para a escola elementar. In: LINDQUIST, M. M; SHULTE, A. P. (Orgs.). **Aprendendo e Ensinando Geometria**. São Paulo. Atual, 1998. p.141-155.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEIVAS, J. C. Pinto. **Revista de Educação Matemática**. Teoria de Van Hiele, Atividades Rio Grande – RS: FURG, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Curso de Geometria**. FAPERGS/Pró-Ciências. Rio Grande-RS: FURG, 1999.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do pensamento na era da Informática**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Básica**. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. v. 2. Brasília, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): matemática/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

**Plano Político Pedagógico dos Cursos da REGESD.** Disponível em: <<http://www.regesd.tche.br/>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

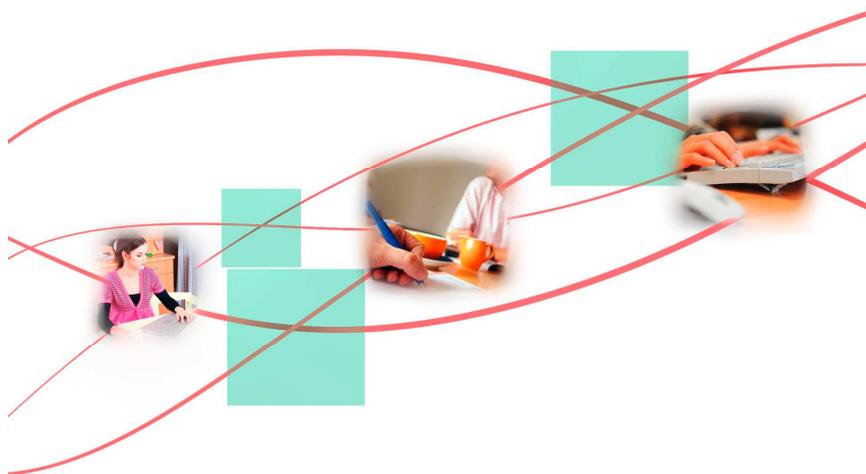
**Projeto Formação Continuada em EaD.** Disponível em: <<http://sigproj1.mec.gov.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

**Projeto Oficinas de Formação Complementar PROLIC/FURG.** Disponível em: <<http://sigproj1.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

**Site da Secretaria de Educação a Distância da FURG.** Disponível em: <<http://www.sead.furg.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

SOARES, E. M. do S.; VALENTINI, C. B. **Aprendizagem Ambientes Virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários.** São Paulo: EUCS, 2005.





**O TUTOR/ORIENTADOR:  
LIMITES E POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO  
NO PROCESSO DE ESCRITA**



## O TUTOR/ORIENTADOR: LIMITES E POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE ESCRITA

*Joice Rejane Pardo Maurell*

### **Introdução**

Na finalização dos cursos de Pós-Graduação, a legislação do Conselho Federal de Educação exige um trabalho científico que pode ser uma monografia ou outro tipo de trabalho de conclusão de curso como projeto aplicado, ou ainda, um artigo. O seu caráter científico exige disciplina, método e sistematização de procedimentos e, portanto, pressupõe da parte do pós-graduando, maturidade intelectual e autonomia em relação às interferências dos processos de ensino (SEVERINO, 1991, p.151).

Neste caso, no Curso TIC-Edu, houve no módulo III a reescrita do memorial que foi construído para o ingresso na especialização, a aplicação de um Projeto de Ação na Escola (PAE) e a produção de um relato sobre a aplicação do Projeto. Este módulo terminou com a apresentação presencial dessas construções para que, os orientadores pudessem, além de avaliar o estudante, anotar elementos significativos que, posteriormente, ajudariam na produção do artigo final. O módulo IV foi organizado com o objetivo específico de viabilizar a produção escrita, materializado em espaços virtuais - os fóruns - destinados ao diálogo individual entre estudante/orientador e as postagens das diferentes versões do artigo, necessárias ao entender a orientação como processual.

Assim, como em outros Cursos de Pós-Graduação a distância, no TIC-Edu, ainda no módulo IV, foi oferecida uma orientação presencial e a apresentação do TCC foi feita para uma banca, pois esses são momentos presenciais obrigatórios para que o aluno possa obter o título de especialista. A experiência de tutoria/orientação, aqui relatada, situa-se exatamente entre esses três momentos, a finalização do módulo III, com apresentação das três produções que viabilizariam a construção do TCC, que ficou definido como um artigo científico, o encontro presencial com o orientador e o processo de mediação da escrita até a apresentação do texto para a banca.

Sendo assim, o campo empírico da presente pesquisa ficou estabelecido como as vivências oportunizadas no processo de orientação do trabalho de conclusão de curso, de cinco estudantes do TIC-Edu, pertencentes ao polo de São Lourenço do Sul – RS. Esses estudantes passaram por um processo de formação de professores, no nível de licenciatura, em diferentes cursos e instituições. Além dessa heterogeneidade no nível de formação, as vivências dos estudantes, enquanto docentes, também eram bastante diversificadas.

Faz-se necessário apresentar essas informações, porque, inicialmente, essas questões relacionadas à formação dos estudantes e às questões geográficas, tanto de exercício da docência como das novas relações que precisariam ser estabelecidas no AVA para viabilizar o processo de orientação, apresentavam-se como limites para a produção do artigo final. O trabalho realizado foi, basicamente, reinventar o processo de orientação, agora materializado em ambientes virtuais de aprendizagem, especificamente em fóruns de orientação, estabelecendo um processo de mediação pedagógica que possibilitasse a produção de um artigo científico, a partir das experiências vivenciadas na aplicação do PAE e das leituras feitas ao longo do Curso de Especialização.

## **Ressignificando os Fóruns**

Os processos de avanço tecnológico fizeram a EaD conquistar um espaço diferenciado na formação inicial e continuada de professores, uma vez que seus cursos, materializados nos ambientes virtuais de aprendizagem, atingem os mais longínquos lugares, ou seja, municípios e profissionais a muito tempo excluídos do acesso ao ensino. Entretanto, a EaD ainda é campo de lutas e um assunto polêmico no contexto educacional. Nesse sentido, Moraes (2003) declara que

tratar [...] da educação à distância é uma questão bastante complexa, pois trata-se de analisar e avaliar a qualidade das relações sociais nos ambientes de aprendizagem mediados por alguma técnica (p.111).

Nesse sentido, se a EaD nos faz repensar a qualidade das relações sociais, cabe analisar o que estamos entendendo por ambientes de aprendizagem, ao suprimir a palavra virtual. Para Souza e Guimarães (2008) o ambiente de aprendizagem ou ambiente educativo

não é um espaço físico, ele se constitui nas relações que se estabelecem no cotidiano dos indivíduos e instituições, entre estes e a comunidade, entre a comunidade e a sociedade, entre seus atores [...], aderindo ao movimento da realidade socioambiental. Portanto, constitui-se no movimento complexo das relações, na relação do um com o outro, do outro com o mundo; a educação se dá na relação (p.117).

Ao incluir agora a palavra virtual no contexto do conceito, percebemos que a Educação a Distância se dá na relação tutor/estudante, saber/estudante, mediados por ações pedagógicas nos ambientes virtuais de aprendizagem. Corroborando com essa forma de pensar, Costa e Oliveira (2004, p. 118) argumentam que ambientes de aprendizagens são “espaços de relação com o saber [...]” ambientes que favorecem a construção do conhecimento.

Dessa forma, entendemos que, independente do espaço, presencial ou virtual, a relação do educando com o saber, na perspectiva da construção do conhecimento, dá-se a partir da mediação pedagógica. Na presente pesquisa, esse processo de construção do conhecimento, mediado pela figura do tutor a distância, foi feita ao longo do Curso, ou seja, nos módulos I, II e III. Nesse sentido, entende-se como diferenciada a prática de mediação aqui relatada, visto que agora o objetivo é favorecer a apropriação desses conhecimentos construídos e nas experiências vivenciadas na aplicação do Projeto de Ação na Escola (PAE), para viabilizar a produção escrita de um artigo científico.

Ao docente, em processo de formação continuada no Curso TIC-Edu, foi oferecida a oportunidade de se posicionar como um professor pesquisador, ou seja, construir um projeto que promovesse práticas pedagógicas, utilizando algumas ferramentas tecnológicas na sala de aula. Nessa perspectiva da formação do professor pesquisador, o que se propõe é formar um docente que questione a realidade, que investigue e que seja reflexivo e crítico. Para Santos (2006):

Problematizar criticamente a realidade com a qual se defronta, adotando uma atitude ativa no enfrentamento do cotidiano escolar, torna o docente um profissional competente que, por meio de um trabalho autônomo criativo e comprometido com ideias emancipatórias, coloca-o como ator na cena pedagógica (p.28).

Todas as ações do Curso partiram do pressuposto de que os estudantes, como professores no exercício da docência, precisariam refletir sobre a sua própria prática, uma vez imersos nas discussões promovidas no que tange o uso das tecnologias de informação e comunicação na sala de aula. Entende-se, assim, que, em um processo formativo, os docentes são capazes de desenvolver habilidades e competências para investigar a própria atividade e, então, construir novos saberes (PIMENTA, 2005).

Para viabilizar tais reflexões, muitas produções escritas foram propostas nos três primeiros módulos do Curso, sempre mediadas e avaliadas pelo tutor a distância. Para Moran (2006, p.142), o papel do tutor é o de orientar as atividades dos alunos, de consultor, de alguém que trabalha em equipe na busca dos mesmos objetivos. Nesse sentido, partiu-se do pressuposto que, com a mediação do tutor, essa cultura de reflexão e as produções escritas ao longo do Curso, que culminariam na construção, aplicação e relato do PAE, viabilizariam a produção do artigo final.

A relação estudante/orientador, que dá origem a este relato reflexivo, concretizou-se em dois momentos presenciais, no encontro que abriu o módulo IV e na defesa do artigo, para a avaliação da banca. Todos os outros contatos foram realizados nos fóruns individuais de orientação. Essa opção metodológica (re)significou a própria utilização dos fóruns como ferramenta de mediação pedagógica, pois muito já se estudou acerca da sua potencialidade de construir conceitos e problematizar temas de forma coletiva na formação inicial ou continuada de professores, mas pouco tem se produzido no sentido de percebê-lo como um potencializador, para estabelecer vínculos na relação estudante e tutor/orientador (LÉVY, 2003).

## **A Experiência na Tutoria/Orientação**

Utilizando alguns fragmentos<sup>16</sup> dos fóruns de orientação, o objetivo é ilustrar como se construiu o processo de mediação na escrita do artigo final do Curso de Especialização em TIC-Edu, utilizando essa ferramenta como espaço de interação, o qual viabilizou a postagem das diferentes versões da escrita, com comentários, além dos diálogos de orientação.

---

<sup>16</sup> Os fragmentos são cópia fiel dos fóruns de orientação individual do módulo IV, curso TIC-Edu 2010-2012. Convencionou-se chamar os orientados de Fernando e Maria para preservar a identidade dos mesmos.

O fragmento de fórum abaixo mostra o primeiro contato da orientadora, com o objetivo de incentivar o estudante a “montar” uma primeira versão de artigo.

**Re: TCC** por [Joice Rejane Pardo Maurell](#) - segunda, 2 abril 2012, 00:40  
 [PROJETO-Versao\\_nova\\_Revisado.doc](#)

Olá Fenando,  
li todos os teus escritos e fiz algumas proposições para a elaboração do artigo.  
Nesse momento não precisas escrever, a ideia é montar mesmo, segue as minhas indicações e vai fazendo os recortes. Depois disso, começaremos o processo de adequação do mesmo no que tange a coerência entre os parágrafos, aprofundamento de conceitos, relato do que foi efetivamente aplicado no PAE, reflexões acerca das práticas e formatação.

Um abraço [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Depois de alguns dias, após olhar o modelo de TCC e as normas de elaboração do artigo final, disponíveis na AVA, o estudante faz a seguinte postagem:

**Re: TCC** Por FERNANDO - quarta, 11 abril 2012, 11:02  
Bom dia Professora, estou com uma duvida, no *referencial* teórico tem o A e B, tem que colocar o referencial da introdução no A e o desenvolvimento no B e tem ainda só referencial o que tenho que escrever num e outro.

Abrços [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Na postagem acima, o estudante está questionando sobre uma fragmentação opcional, dentro do modelo de TCC disponibilizado na plataforma, e esse foi um caso pontual porque com muita frequência faziam perguntas que apontavam para um total desconhecimento do modelo de elaboração do TCC, disponível no AVA. Esta dúvida também ilustra um dos maiores limites do processo de mediação da escrita, a construção do referencial teórico, tanto nas questões formais, como a dificuldade em citar e referenciar, quanto nas de autoria, ou seja, os estudantes se apropriavam de parágrafos inteiros da internet e de outras fontes, assumindo como seu, sem referenciar ou tentar estabelecer um diálogo com o autor.

No processo de orientação do TCC, os fóruns individuais ficavam abertos para que os estudantes pudessem fazer seus questionamentos e para que houvesse a troca de material, ou seja, a postagem de diferentes versões do artigo, a indicação de *links* e textos que viabilizassem a produção da base teórica. Com o objetivo de estabelecer um parâmetro diferencial, além dos diálogos estabelecidos

com o Fernando, serão apresentados alguns fragmentos de fórum da estudante Maria. A mesma começou os seus diálogos de orientação com a seguinte postagem:

**Re: TCC** Por **MARIA-** sábado, 24 mar 2012, 10:13

 [TCC-XXXXXX.doc](#)

Professora Joice, estou completamente apavorada e perdida com o TCC. Estou lhe enviando o que eu consegui fazer até agora, sei que tem muita coisa errada, preciso muito da sua orientação! Por favor HELP! Bjs

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Para esse questionamento/desabafo, foi feita a seguinte argumentação:

**Re: TCC**  
Por **Joice Rejane Pardo Maurell-** domingo, 25 mar 2012, 23:46

 [TCC-XXXXXXX\\_1ª\\_versao\\_revisado.doc](#)

Olá querida orientanda,  
Estou enviando o teu texto com algumas considerações. Fica calma porque continuaremos trabalhando no mesmo.  
Aguardo a tua nova postagem.  
Um abração

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Os questionamentos da Maria também estavam associados à construção do referencial teórico do artigo, isso aconteceu porque as ações prévias do Curso encaminhavam de forma bastante clara a introdução, a qual aproveitava parte do memorial e o relato de experiência, constituído a partir do relato do PAE. A ideia era que o referencial teórico também estivesse presente nas produções anteriores, como na fundamentação do próprio Projeto de Ação na Escola (PAE), mas essa relação os estudantes não conseguiram fazer de forma autônoma e, ainda, apresentaram grandes dificuldades quando devidamente orientados.

Passado o primeiro mês de orientação, os estudantes já tinham um artigo “na forma bruta” e o processo de escrita ficava cada vez mais próximo, ou seja, estabeleciam-se, aos poucos, relações de pertencimento quanto à autoria do texto. Os fragmentos de fóruns, apresentados a seguir, ilustram essas relações.

**Re: TCC** por [Joice Rejane Pardo Maurell](#) - quarta, 30 maio 2012, 01:12

Olá Fernando,

primeiramente, desculpa a demora no reenvio do texto.

Acontece que precisava fazer uma leitura mais atenta do teu texto, tentativa de avançar bastante no processo de escrita.

Penso que fiz boas contribuições e espero o teu reenvio para continuarmos dialogando sobre o mesmo.

Esas duas semanas exigem um esforço extra para concluir o artigo, lembrando que no dia 14/06 o mesmo será enviado para a banca.

Preciso ler e fazer mais algumas considerações até o dia 5/06, caso contrário não poderei reenviá-lo com contribuições, para a finalização do trabalho.

Um abraço [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Depois de mais algumas trocas e diálogos, inclusive com problemas de versão, o artigo foi concluído para as considerações da banca. O fragmento a seguir mostra a conclusão dessa etapa de orientação.

**Re: TCC** por [Joice Rejane Pardo Maurell](#) - quinta, 14 junho 2012, 01:11

Olá Fernando,

estou enviando o teu texto "concluído". Agora é só postar e esperar as contribuições da banca no encontro presencial. Já conversamos no e-mail sobre isso.

Dá uma olhadinha no último parágrafo do artigo porque fiz algumas proposições de Escrita. Não sei se concordas? Tirei todas as tarjas...

Parabéns pela conclusão do TCC!

Um abraço [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

O artigo do Fernando fundamenta de forma significativa o tema de discussão aqui proposto, ou seja, responde a seguinte pergunta: a mediação pedagógica no processo de escrita, utilizando os fóruns como ferramenta potencializadora, pode transformar limites em possibilidades de construção do conhecimento? O estudante é oriundo da zona rural, topógrafo, licenciado em matemática na EaD e nunca esteve no efetivo exercício da docência. Sua escrita era agradável, mas, excessivamente, coloquial, pois nunca havia passado por um processo de orientação para a produção de um artigo científico. Apostou-se nas suas vivências escolares e profissionais, no seu vínculo com a Educação Ambiental e com a disciplina de Filosofia, sendo que essas associações só foram possíveis de serem estabelecidas a partir de uma relação de proximidade, estudante/orientadora, constituída dentro de ambientes virtuais, informais, como o *e-mail* e/ou institucional, como o AVA.

As relações com a Maria eram diferenciadas, pois a mesma era Pedagoga, não apresentava erros conceituais graves, demonstrava uma boa leitura do material teórico, disponibilizado no Curso, e trabalhava no laboratório de informática da sua escola. Isso fez com que o processo de ação e reflexão, a partir das vivências e ferramentas tecnológicas

apresentadas no Curso, fosse uma constante no seu processo de formação. O trabalho de orientação foi bastante formador para ambos, estudante/orientador, pois as possibilidades eram muitas, como os fragmentos abaixo ilustram.

**Re: TCC** por [Joice Rejane Pardo Maurell](#) - domingo, 27 maio 2012, 18:36  
 [tcc2\\_XXXX\\_1\\_Revisado.doc](#)  
Olá MARIA,  
estou enviando o teu texto com algumas considerações.  
Em relação ao tamanho do texto, vejo um espaço de escrita. Quando falas que os professores não ficaram interessados na apostila, penso que isso precisa ser problematizado. Que espaço é esse, o LI? Não existe um trabalho integrado instrutora/professora? Não existe uma relação de pertencimento professores/laboratório? Como isso foi se produzindo? Se possível faz as alterações, no máximo, até 7 dias porque gostaria de fazer mais algumas sugestões antes da postagem do dia 14/06.  
Um abraço [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Depois de alguns diálogos e postagens de diferentes versões para o artigo, finalizamos o trabalho, que seria apresentado à banca, com a seguinte postagem.

**Re: TCC** por [Joice Rejane Pardo Maurell](#) - quarta, 13 junho 2012, 23:27  
Boa noite querida,  
Penso que fechamos o teu texto.  
Podes fazer a postagem na plataforma.  
Vamos esperar as contribuições da banda e depois é só publicar.  
Depois te envio a apresentação com as minhas contribuições, pois ainda estou fechando o texto dos outros orientandos.  
Parabéns pela conclusão do teu TCC!  
Sinto-me um pouco autora do mesmo, porque a nossa interação foi formadora.  
Um abraço [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

## Considerações Finais

A escolha dos diálogos estabelecidos com o Fernando e com a Maria, nos fóruns de orientação, não foi aleatória. A mesma partiu do pressuposto que alguns processos de mediação na escrita partem de possibilidades e, outros, inicialmente, apresentam-se como limites. Entretanto, com ações adequadas, com uma postura sensível por parte do orientador e com uma intencionalidade clara, além de bem

fundamentada, alguns limites se transformam, no decorrer do processo, em possibilidades de construção e apropriação de conhecimentos.

O estudo mostrou que os ambientes virtuais de aprendizagem, neste caso específico utilizando a ferramenta “fórum”, potencializaram a mediação no processo de escrita do TCC. Contudo, entende-se que, para além dos diálogos estabelecidos no fórum, a própria organização do processo de escrita do curso TIC-Edu viabilizou a construção do artigo final.

Quanto ao tema proposto, o qual culminou na produção desse relato reflexivo, percebeu-se que a distância geográfica entre estudante/orientador não condicionou o processo de construção da escrita às relações impessoais, ou seja, não se tornou um limite, mas, pelo contrário, emergiu como possibilidade de interação e pertencimento, no que tange à produção e a autoria do artigo.

Os diferentes processos de formação inicial e as vivências profissionais, também não se configuraram como limites do processo de escrita, mesmo que, em alguns momentos, exigissem um olhar mais atento e sensível do orientador, no sentido de evitar que o estudante buscasse elementos de outras escritas para fundamentar a sua prática, a qual deveria se sustentar de forma reflexiva. Como possibilidade, apostou-se em formas de produção textual, que valorizassem as experiências vivenciadas na docência e/ou no Curso de Especialização, considerando a multiplicidade de temas e propostas apresentados pelos cursistas nos seus projetos e, conseqüentemente, nos artigos.

Não foi objetivo deste relato reflexivo defender formas corretas de orientação para a elaboração do TCC nos cursos de Pós-Graduação, na modalidade a distância. Mesmo porque, partiu-se do pressuposto que a educação não é feita de receitas e/ou grandes revoluções, mas de pequenas rupturas no solo que geralmente pisamos com certa tranquilidade. O texto apresentou algumas possibilidades de mediação no processo de escrita, utilizando ferramentas virtuais como o fórum, antes pensado como espaço coletivo de interação entre cursistas/tutores/professores, mas, neste contexto, utilizado para viabilizar um diálogo específico entre o estudante e seu orientador.

## REFERÊNCIAS

COSTA, J. W. da; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.). **Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MORAES, R. A. Educação a distância: aspectos histórico-filosóficos. In: **Linguagem e Interatividade na Educação a Distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2006.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiência com a formação docente. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.3, p.521- 539, set./jan. 2005.

SANTOS, L. C. S. Identidade docente em tempos de educação inclusiva. In: VEIGA, I. P. A. **Formação de professores políticas e debates**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2006.

SEVERINO A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. São Paulo, SP: Cortez: p.143-155, 1991.

SOUZA, A. P. de; GUIMARÃES, M. Redes como ambiente para a educação ambiental. In: **Revista Brasileira de Educação Ambiental/Rede Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília, n.3, jun. 2008, p.113-120.



**ENTENDIMENTO DOS PAPÉIS DE  
PROFESSORES E TUTORES NO ENATUAR DA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA**



## ENTENDIMENTO DOS PAPÉIS DE PROFESSORES E TUTORES NO ENATUAR DA PRÁXIS PEDAGÓGICA<sup>17</sup>

*Tanise Paula Novello  
Débora Pereira Laurino*

A reinvenção da Educação a Distância (EaD), mediada pelas tecnologias, apresenta-se como alternativa capaz de proporcionar maior alcance social para uma educação inclusiva, ou seja, que atenda à necessidade de aumentar a oferta de acesso ao ensino superior e de possibilitar a formação continuada de profissionais em exercício. Assim, percebe-se que o crescimento acelerado dessa modalidade tem trazido questões específicas sobre o ensinar e o aprender no contexto digital como, por exemplo, outras formas de conceber as dimensões de tempo e espaço, outras formas de relacionamento e de exercício da profissão de professor, demandando práticas pedagógicas que contemplem e integrem as especificidades desse contexto.

Os últimos anos, no Brasil, evidenciam um crescente reconhecimento da importância da Educação a Distância como alternativa para a formação inicial e continuada de professores e outros profissionais. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) apoia a implementação da EaD, incentivando o fomento a inúmeros projetos para as Instituições de Ensino Superior (IES) e outros órgãos, como secretarias de educação.

Um relatório elaborado pelo CensoEAD.br sobre a expansão da modalidade a distância no Brasil até o ano de 2009 mostra que, em nível de graduação, houve um crescimento superior a 90% de alunos em relação ao ano de 2008, superando as expectativas iniciais (CENSO, 2010). Assim, à medida que aumenta o número de cursos ofertados nessa modalidade, amplia-se a necessidade de professores e tutores para suprir as demandas do ensino a distância.

A LDB (Lei 9.394/96), que regulamenta a EaD e a institui enquanto modalidade válida e equivalente para todos os níveis de

---

<sup>17</sup> Enatuar entendido na perspectiva de Varela (1990), em que sujeito e mundo não são definidos a priori, mas que emergem na ação; compreendida como uma ação incorporada na consciência e na intencionalidade, simultaneamente.

ensino, aponta alguns critérios para o funcionamento de cursos nessa modalidade, e uma das exigências feita é a capacitação de tutores e professores que atuarão nos cursos. Estes, por sua vez, têm diferentes desenhos pedagógicos e trazem, em seu escopo, funções distintas atribuídas aos tutores. Tal entendimento da função do tutor está diretamente vinculado à proposta pedagógica do curso. Sendo assim, o tutor é um dos profissionais que, junto com o professor, participa ativamente da prática pedagógica. Os órgãos que regularizam a EaD determinam que o papel do tutor deve ser desempenhado por um profissional qualificado (no mínimo, graduado) e comprometido com o trabalho da Instituição que oferta o curso (BRASIL, 2007).

Sendo assim, a maioria dos cursos ofertados na modalidade a distância, especialmente, os de graduação, tem duas equipes de tutores: os que atuam no polo (tutor presencial) e os que atuam na instituição proponente (tutor a distância). Apesar de o trabalho ser articulado entre eles, as funções se diferenciam em alguns aspectos, como, por exemplo, o fato de que o tutor presencial atua no polo, acompanhando os estudantes em todas as disciplinas do curso, ou seja, possui um olhar horizontal do percurso do estudante no curso, sua atribuição principal é o acolhimento dos acadêmicos e o auxílio na organização das atividades e dos estudos. Já o tutor a distância atua na Instituição, juntamente com o professor e sua atribuição principal é problematizar os conteúdos específicos da disciplina que atua e acompanhar a aprendizagem dos estudantes. Embora existam diferenças nas funções dos tutores presencial e a distância, há também uma grande semelhança: a certeza da importância desse autor<sup>18</sup> para a EaD, conforme se pode comprovar pelo diálogo de diferentes autores, como Gonzalez (2005), Litwin (2001) e Peters (2003).

Tanto no ensino presencial como no ensino a distância, a estrutura e as formas de atuação do professor dependem da Instituição, do alcance de sua área de atuação, das finalidades educacionais propostas e da natureza dos cursos oferecidos. Por isso, aqui, tem-se o

---

<sup>18</sup> Autor X ator: no ciberespaço saber e fazer transcende barreiras geográficas e/ou burocráticas, assim a resignificação do termo autoria, nesse contexto se torna emergente. Em estudos no âmbito da EaD é comum encontrarmos o termo ator, no sentido de ser um partícipe do sistema de EaD. Contudo, optou-se pelo termo autor pelo fato de entendermos que a autoria não está restrita à ação de quem elabora o programa ou conteúdo prévio dos cursos. A autoria na EaD é um processo que contempla os processos interativos e a intervenção crítica dos sujeitos envolvidos – nesta pesquisa focada no professor e no tutor a distância (NOVELLO, 2011).

interesse de discutir os diferentes aspectos que compõem a EaD, pensá-los de forma integrada e articulada, superando os modelos educacionais hierarquizados e autoritários. Desse modo, tem-se como desafio propor um desenho de gestão educacional democrático, de modo a potencializar a construção de redes, com o objetivo de apoiar a construção do conhecimento e o desenvolvimento humano (NOVELLO; LAURINO, 2012).

Nesse sentido, o presente artigo se constitui em um recorte do amplo sistema que compõe a EaD, focando o estudo na análise dos processos interativos entre professores e tutores a distância para a articulação das ações pedagógicas desenvolvidas no decorrer das disciplinas.

### **Fenômeno investigado**

Com a intenção de compreender como professores e tutores entendem seus papéis a partir da práxis pedagógica vivenciada nas disciplinas ministradas na modalidade a distância, foram elaborados dois roteiros de entrevista: um destinado a professores e outro para tutores.

O roteiro que subsidiou as entrevistas com os professores foi organizado em quatro eixos temáticos: perfil (questões que buscam identificar a formação do professor, o domínio da tecnologia e as experiências vivenciadas em cursos na modalidade a distância); organização da disciplina (elucidar como as ações realizadas por uma equipe multidisciplinar, atuante na formação de professores e tutores e no atendimento permanente, podem auxiliar na elaboração do material, no processo de organização da disciplina, no planejamento dos encontros presenciais e na definição do processo de avaliação); articulação com tutores (evidenciar as estratégias pedagógicas utilizadas no processo de articulação pelo grupo de professores e tutores a distância; e entendimento do papel do professor e do tutor no contexto da disciplina) e avaliação do processo (fazer o resgate do trabalho realizado, apontando os limites, as possibilidades e as dificuldades, evidenciando as alterações que seriam implementadas pelos professores, em caso de reoferta da disciplina).

As questões elaboradas para entrevistar os tutores a distância também foram organizadas em quatro eixos: perfil (identificar a formação do tutor a distância, o domínio da tecnologia, as experiências vivenciadas em cursos na modalidade a distância e os fatores que o motivaram a atuar como tutor); atuação na disciplina (identificar as

estratégias pedagógicas no processo de articulação utilizadas pelo grupo de professores e tutores a distância, bem como o entendimento do papel do tutor e do professor no contexto da disciplina); articulação pedagógica (perceber a relação do tutor com o professor e com os demais tutores que atuaram na disciplina e atuação na organização das aulas); e avaliação do processo (elucidar as dificuldades encontradas e a importância da participação dos tutores a distância nos cursos ofertados na EaD).

Ambos os roteiros de entrevistas tiveram as questões organizadas em quatro eixos, contudo, tais eixos estão interligados e, conseqüentemente, as questões perpassam mais de um eixo. Essa análise foi feita com base em quatro entrevistas realizadas com duas professoras e dois tutores a distância, que serão identificadas por letras aleatórias, em um diálogo com autores da contemporaneidade que discutem o papel do tutor no contexto da educação a distância e as especificidades dessa modalidade.

Na apreciação das entrevistas, utilizou-se o método de Análise Textual Discursiva, na perspectiva apresentada por Moraes e Galiuzzi (2007). Esse método se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de materiais textuais, com o objetivo de descrevê-los e de interpretá-los, no intuito de atingir uma melhor compreensão dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais foram produzidos.

A Análise Textual Discursiva pode ser entendida como um processo auto-organizado, composto por um ciclo de três elementos: a unitarização, que consiste na desmontagem do texto; a categorização, em que são construídas as relações entre os elementos unitários, combinando-os e classificando-os; e a construção de um metatexto, contendo a compreensão construída a partir de uma nova combinação dos ciclos anteriores.

## **Diferentes entendimentos enatuados**

Uma das questões latentes na modalidade a distância é o entendimento do papel dos diferentes autores. Desse modo, a fim de contribuir para tal compreensão, esta análise se preocupa em apreender o papel do professor e do tutor a distância no enatuar de sua práxis.

Assim, pelos relatos das professoras e dos tutores, torna-se possível perceber que, em alguns momentos, a compreensão de tutor parece estar radicada a um modelo definido no surgimento deste no sistema educacional. Em determinadas ocorrências, nota-se também que professoras e tutores têm uma expectativa em relação a sua

atuação e à do outro, a qual só passa a ser realmente compreendida durante o vivenciar a ação.

Eu achei que o papel do tutor era só ajudá-los em nível de conhecimento, eu percebi que o tutor é praticamente quem faz tudo. É muito trabalho para tutoria, daí vem a preocupação, porque em que lugar estão pensando em criar a profissão de tutoria? que é uma profissão de professor, que tu trabalha muito, corrige, faz recuperação, retorna e é mal remunerado (Tutor A).

O relato do Tutor A demonstra seu entendimento prévio sobre sua atuação, compreendendo-a de forma restrita a mediar a construção ou a explicação de conceitos. Contudo, é no vivenciar da tutoria que ele percebe que sua expectativa inicial não se confirma, tanto que relata a amplitude de sua atuação e de suas atribuições. Cabe destacar, também, que o relato do Tutor A aponta para a possibilidade desse autor da EaD compor o quadro institucional, uma vez que a alteração contínua do corpo de tutores não garante vínculo direto com a universidade e remuneração adequada, conforme o próprio Tutor em questão coloca, ao entender que suas atribuições estão no domínio do trabalho docente, ainda que a situação do professor seja distinta em ambos os aspectos.

Em função de a tutoria não ter um vínculo institucional, é comum que os tutores tenham outras atividades, as quais, na maioria das vezes, são em escolas. Considerando que o tutor necessita de vinte horas semanais, a maioria as desempenhada a distância, via Plataforma, esse tempo para exercer a tutoria deve ser distribuído durante a semana, a fim de evitar o acúmulo de atividades.

Igualmente, nesse mesmo domínio (articulação pedagógica), é recorrente o entendimento da tutoria como atividade docente, conforme o relato do Tutor B, que evidencia essa percepção em dois momentos distintos do conversar. Ele destaca que sua atuação enquanto tutor é semelhante à docência e que se distingue do papel do professor em si, somente por não participar do processo de produção de material.

Eu entendo o porquê desse nome, mas eu não gosto. Eu trabalho como se eu fosse o professor, eu não trabalho no material, quando eu entro para trabalhar com meus alunos, eu chamo eles para trabalharem. Eu trabalho com eles da mesma forma que eu trabalho dentro da sala de aula, a única

coisa é que eu não estou ali na frente do quadro. Eu acho que mais de 50% do ensino a distância acontece por causa do tutor, eles não chamam a gente de tutor, eles chamam a gente de professor, eles me dão mais valor do que os alunos do presencial (Tutor B).

Fica evidente nos relatos que o tutor mostra sua insatisfação quanto à terminologia “tutor”, pois ele entende que atua como professor, visto que fica subentendida a ideia de que sua atuação na EaD ocorre da mesma forma que na sua disciplina, como professor, na modalidade presencial.

Por outro lado, a expectativa do professor em relação à atuação do tutor, conforme expressa a fala, a seguir, pode estar vinculada à cultura que se construiu sobre o papel do tutor vinculado ao sanar dúvidas conceituais.

O tutor não pode ter só aquela visão de que ele tem que apenas esclarecer dúvida daquilo que está no material, ele pode ter uma iniciativa de criar uma aplicação de alguma coisa, de passar para os alunos, como um desafio, sugerir um fórum para resolver um problema, fazer alguma motivação e não ficar só lá paradinho esperando que as pessoas perguntem (Professora A).

A preocupação com o entendimento dos papéis está vinculada a nossa cultura, Maturana (2004) define cultura, como um sistema conservador, fechado, que constitui e determina uma maneira do viver humano. Portanto, se a cultura gera os membros que a constituem, que a definem e que a realizam, logo, não são ações ou emoções particulares que definem as culturas, mas as conversações especificadas no âmbito de ações de um determinado grupo (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). A cultura é “uma rede de coordenações de emoções e ações que se realiza como uma configuração particular de entrelaçamento do atuar e o emocionar da gente que vive essa cultura” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 33).

Nesse sentido, é que o entendimento de atuação desses autores será compreendido, quando, através do conversar, eles consigam modificar a cultura que define o fazer do tutor do professor na EaD quanto às suas implicações na mediação pedagógica. Vivendo na emoção da aceitação e no atuar da cooperação no fazer pedagógico,

entendendo-se como colegas e coparticipantes, professores e tutores poderão compreender que os papéis estão nas relações estabelecidas e escolhidas por eles.

Na medida em que nos entendemos como membros de uma cultura, crescemos e nos desenvolvemos com as trocas, crenças, concepções do grupo e participamos da contínua transformação desta, do conversar sobre essa prática (MATURANA; VARELA, 2005). Assim, inserir o tutor no processo de produção de material é uma questão de criar essa cultura na modalidade de ensino a distância, se esse for o desejo para a apropriação da proposta pedagógica por professores e tutores. Tal fato, está diretamente vinculada ao processo de gestão instaurado pelas bases legais que regulamentam a EaD.

Atualmente, nos modelos vigentes de EaD, o tutor a distância é o responsável pela mediação pedagógica, pois acompanha os estudantes ao longo da disciplina, sana dúvidas e auxilia no acesso e no manuseio das ferramentas de informação e comunicação, postando comentários sobre o trabalho realizado e as formas de melhorá-lo. Essa ação precisa ser coordenada e consensual entre professores e tutores com o reconhecimento das atribuições e de seu imbricamento na práxis.

O entendimento dos papéis não é uma característica objetiva, mas sim construções sociais flexíveis e constantemente renegociadas (CAPRA, 1996). O desafio é que professores e tutores construam, através do conversar, maneiras coletivas e cooperativas de viver, caracterizadas pelas coordenações de ações e emoções que fazem parte de nossa vida cotidiana.

Desse modo, a discussão dos papéis também é evidenciada quando se trata da avaliação, pois, nesse domínio de atuação, o professor entende que a responsabilidade é exclusivamente dele.

As provas claro que eu, a prova é minha responsabilidade, o professor que tem que corrigir a prova (Professora D).

Então, diante do relato da Professora D, as seguintes perguntas se fazem importantes: se, durante a disciplina, o tutor atua como um professor, por que ele não poderia realizar a correção das provas?; será por autocobrança do professor ou dificuldade em descentralizar essa atividade, já que o ensino presencial se caracteriza pela individualidade de atuar na docência?; ou será pelo fato de a avaliação estar centrada na validação pontual do conhecimento do estudante?

Extrapolando essa centralidade do professor que ainda existe em algumas atividades específicas, como é o caso apontado pela

Professora D, a fim de estabelecer relações de corresponsabilidade, é uma busca. Contudo, essa superação é díspar para cada sujeito, uma vez que cada um “forma seu caminho individual, único, de mudanças estruturais no processo de desenvolvimento” (CAPRA, 1996, p. 212). Tais mudanças estruturais são também atos de cognição, já que o desenvolvimento está associado à aprendizagem.

Essa mesma Professora justifica seu ponto de vista sobre a correção de provas, atividades e trabalhos ser feita por uma única pessoa como forma de garantir a uniformidade dos critérios do processo avaliativo.

Eu acho que o professor deveria corrigir as atividades, eu acho que o critério sendo por uma única pessoa fica mais uniforme, por isso que eu fiz esses gabaritos iguais (Professora D).

Estabelecer articulações durante o fazer é uma possibilidade para que o processo avaliativo possa ser realizado no coletivo – professor e tutores. É preciso criar condições para a troca, pois sem ela, não há diálogos. Quando se julga saber tudo ou, da mesma maneira, se acha que não se sabe nada, não se estabelece a comunicação (SATO, 2000). As pessoas aprendem umas com as outras, constituem-se no conviver com sujeitos sociais que aprendem e adquirem as competências que os tornam capazes de linguagem e ação, enquanto processo compartilhado, e nele afirmam sua própria identidade (MARQUES, 1995). A identidade, a individualidade e a autonomia não implicam separação e independência, assim, torna-se possível realizar um processo avaliativo de forma conjunta, desde que os envolvidos atuem e coordenem as ações.

O acompanhamento constante dos tutores aos estudantes gera um sentimento de acolhimento, de “estar junto”, o que os mantém motivados, demandando uma atitude ativa no curso. Essa aproximação possibilita que o acadêmico esclareça suas dúvidas e comunique seus problemas ou suas dificuldades. Desse modo, fica evidente a importância de um ambiente de respeito mútuo, propício para a construção de conhecimento gerado por um ambiente de convivência relacional entre professores, tutores e estudantes.

Na modalidade a distância, o ensino se processa diferentemente do presencial, uma vez que existe outra relação de tempo e espaço e as interações são mediadas pelo ambiente virtual. Dessa maneira, através das ferramentas de interação, tanto professor como tutor buscam

constituir relações inerentes ao processo de ensinar, propiciando o aprender, estabelecendo afinidades e empatia com o estudante.

Um dos tutores foi excepcional, ele tinha uma iniciativa de chamar os alunos e fazia fóruns de discussão. Foi uma pessoa que se destacou muito nesse aspecto no trato com os estudantes (Professora A).

O que se aprende e como se aprende depende do espaço e das relações constituídas. Nesse sentido, Maturana (1993) considera fundamental uma educação que deseja conhecer e aceitar o outro como legítimo outro na sua existência, sem submissão, sem competição, respeitando e valorizando as diferenças, estimulando a bagagem cultural, no respeito pelo outro. Esses sentimentos surgem na ação, ou seja, no decorrer das histórias que são vivenciadas por professores e tutores durante o seu fazer nesse espaço e tempo definidos.

Apesar das atribuições distintas, professores e tutores podem instaurar uma cultura em que ambos compreendam as ações pautadas na coordenação de condutas que se estabelecem pelo “estar juntos”, em interações recorrentes, como resultado das transformações dos participantes, que não ocorreria se não houvesse se produzido essa história de convivência.

Para Maturana e Verden-Zöllner (2004), a superação de uma cultura já instaurada, como é o caso da definição de papéis de professores e tutores, acontece pelo estabelecimento de redes de conversações que se configuram pela participação, inclusão, compreensão, pelas emoções dos sujeitos, pelo acordo, pela cooperação, pelo respeito, pela coinspiração e pela coordenação de ações entre estes.

## **Compreensões possíveis**

A figura do tutor, apesar de existir há muito tempo no contexto da EaD, é considerada relativamente recente, um vez que as políticas institucionais de inserção desse profissional no processo educacional ainda estão em desenvolvimento. Estudos e pesquisas de Gonzalez (2005), sobre avaliação de cursos em EaD, apontam que a qualidade do curso está diretamente vinculada ao desempenho desses profissionais que representam o elo entre os alunos-professores-instituição. O desafio é instituir políticas que regulamentem essa profissão, possibilitando a formação de equipes de tutores capacitados, de forma continuada e em

serviço. Atualmente, devido a essa falta de regulamentação, o tutor é rotativo e, por consequência, existe a dificuldade em se consolidar um grupo estável e coordenado em suas práxis.

Em função disso, é indispensável que as instituições desenvolvam programas de capacitação de seu corpo de tutores, contemplando, pelo menos, três dimensões: formação de domínio específico do conteúdo; utilização dos recursos digitais e orientação pedagógica do processo de ensino-aprendizagem na modalidade a distância. Nesse sentido, investir na capacitação e formação continuada de um sistema de tutoria é necessário para o estabelecimento de uma educação a distância que deseja a coordenação consensual da prática pedagógica de tutores e professores.

Em decorrência do que foi apontado pelos professores e tutores, percebe-se a necessidade de intensificação do diálogo e da articulação desses autores na promoção do aperfeiçoamento da ação pedagógica, a fim de repensar as disciplinas no que se refere à superação das fragilidades e da importância das ações de ambos no processo de formação do estudante.

A relação pedagógica entre professores e tutores na modalidade a distância poderá, pela recorrência e recursividade do trabalho coletivo e pela potência da topologia das redes, alterar essa cultura em que o individual ainda predomina nesses meios. Assim, como o dar-se conta do enaturar da práxis pedagógica, compreendida pela ação singular e coletiva de professores e tutores, pode ser um balizador na problematização da formação inicial e continuada desses autores.

O trabalho conjunto e coordenado entre professor e tutor permitirá que haja uma coerência entre a atuação do tutor e os objetivos da proposta vislumbrada em consonância com o projeto do curso. Aliás, percebe-se o tutor como um professor que possui uma atuação específica e indispensável para os cursos ofertados na modalidade a distância, uma das diferenciações existentes entre esses autores está no que concerne à responsabilidade do professor, e não do tutor, com a disciplina na Instituição. Porém, a responsabilidade com o processo de ensino-aprendizagem é de ambos.

Talvez a Institucionalização da tutoria possa ser um caminho a ser pensado, uma vez que essa se tornaria uma atividade permanente e reconhecida no âmbito acadêmico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da educação – SEED. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância** – 2007. Brasília, 2007.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CENSO EAD. BR. **Organização Associação Brasileira de Educação a Distância**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

GONZÁLEZ, M. **Fundamentos da tutoria em Educação a Distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.

LITWIN, E. Das tradições a virtualidade. In: **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MATURANA, H. R. Uma nova concepção de aprendizagem. **Revista Dois Pontos**, Belo Horizonte, v.2, n.15, p.28-35, 1993.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 5.ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MARQUES, M. O. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: Editora Unijuí, 1995.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

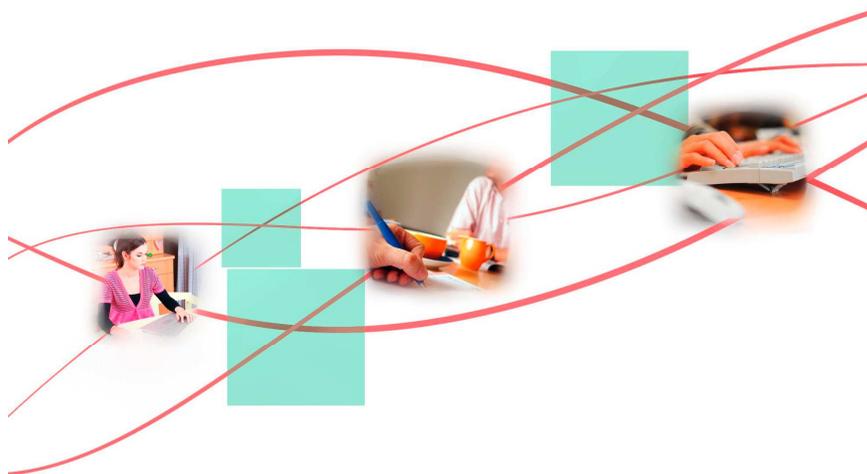
NOVELLO, T. P.; LAURINO, D. P. Coordenação consensual de praxis pedagógicas entre tutores e professores. RIED. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, volumen 15, n.1, 2012, p. 179-191.

NOVELLO, T. P. **Cooperar no Enatuar de Tutores e Professores**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2011.

PETERS, O. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.

SATO, M. Educação ambiental a distância: o Projeto EDAMAZ. In PRETI, O. (Org.) **Educação a Distância**: construindo significados. Cuiabá: NEAD/UFMT & Brasília: Plano, 2000.

VARELA, F. **Conhecer**: as ciências cognitivas tendências e perspectivas. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1990.



**A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM FREIRE:  
CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DO  
OPRIMIDO NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS  
- MODALIDADE A DISTÂNCIA**



# A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM FREIRE: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS – MODALIDADE A DISTÂNCIA

*Thaís Gonçalves Saggiomo*

## **Introdução**

Marx, ao compreender o desenvolvimento da relação entre homens/mulheres e a natureza, afirma que, a espécie humana ao transformar a natureza transforma a si mesma. Neste processo, a transformação das relações humanas, configuram-se sob novas roupagens, e assumem uma série de possibilidades que acompanham o avanço e os limites de determinado tempo histórico.

Partindo desta compreensão é que firmamos o sentido do encontro e permanência na formação de professores, na modalidade Educação a Distância (EaD). Articulado a esta, temos uma análise que evidencia a realidade brasileira, um país que historicamente produz a desigualdade social, comprometendo-se com o desenvolvimento de um projeto societário, que se fundamenta na exclusão, na alienação e na exploração das massas trabalhadoras, de tal forma que tudo se reduz à potencialidade das relações de mercado – isto é, tudo se reduz ou se transforma em mercadoria (KUENZER, 2002).

Neste processo, cabe salientar o papel da educação na sociedade, considerando que, de um lado, ela atende à necessidade formativa de homens e mulheres em busca pelo seu ser mais (FREIRE, 1987), assumindo uma perspectiva Freireana, que significa a formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos, capazes de atuarem na sociedade, conscientes das necessidades de transformação das relações que os mantêm em uma condição mercadológica. Por outro lado, no sistema capitalista, a educação também atende aos interesses do mercado, compondo-se como importante instrumento de qualificação da força de trabalho, que deverá ser disponibilizado no mercado do mundo Globalizado.

Nesta perspectiva, situamos a compreensão da instituição escola que, segundo Guareschi (2003), organiza-se sob a intencionalidade de aparelho ideológico do estado. Neste, se encontra sentido de resistência, quando voltamos para genialidade humana, que consiste

na capacidade de construir e transformar a realidade vivida (FREIRE, 1997). Sob este movimento, estabelecemos a fundamentação motivadora deste artigo, compreendo a categoria do diálogo, explorada na obra de Freire – Pedagogia do Oprimido – como um dos elementos centrais da prática pedagógica no processo de constituição da formação de professores.

## **Prática pedagógica e o Diálogo em Freire: contribuições da pedagogia do oprimido**

No contexto da prática educativa, atualmente, torna-se inegável a compreensão de que Paulo Freire se constitui historicamente como um dos grandes contribuintes para o desenvolvimento de uma prática pedagógica Libertadora. Sendo este, um intelectual que, em sua práxis, se dedicou a problematizar e denunciar os processos históricos de desigualdade social, pontuando em suas reflexões os condicionamentos socioeconômicos, políticos e culturais que sustentam as relações de exploração e alienação entre homens e mulheres na engrenagem social. Processo este, que, segundo Freire, desencadeia-se em um sistema de manutenção dos interesses do capital, os quais se encontram enraizados nos antagonismos ideológicos entre opressores e oprimidos.

Sobre a divisão social de classes, Freire (1987), cuidadosamente, assume uma leitura materialista dialética do mundo, na qual compreende que a formação social dos sujeitos, contraditoriamente, desenvolve-se numa inversão da humanização dos homens e das mulheres, constituindo-se em um processo de desumanização, que, segundo o autor, tanto a humanização quanto a desumanização “[...] dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos, e conscientes de sua inconclusão” (p. 30).

Nessa relação, o autor conceitua a formação desumanizante – que está articulada à opressão dos que dominam o poder econômico sobre os que são explorados por esta dominação – como um processo de diminuição da vocação social da humanidade, ao passo que se apresenta como o meio propulsor dos sujeitos na busca de sua humanização, Freire (1987) anuncia:

a violência dos opressores, que os faz também desumanizados não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos (p.30).

Dessa forma a inconclusão dos homens e das mulheres, e o movimento contínuo da sociedade, que se mantém dialeticamente num processo de ensino e aprendizagem no mundo e com o mundo, situado então dentro e fora da escola. Os sujeitos, ao se relacionarem entre si, percebem-se enquanto construtores da história. Através do seu trabalho, agem e reagem frente aos condicionamentos que os oprimem, os quais Freire pontua como situações limites, capazes de serem superadas pela práxis, num exercício constante de ação-reflexão-ação.

Neste movimento, compreende-se que a Educação para Freire se apresenta como um dos eixos centrais para o fortalecimento destas relações. Em um exercício de denúncia/anúncio, o autor denuncia as contradições e os antagonismos que permeiam o cotidiano de uma educação bancária, ao passo que anuncia as possibilidades de transformação desta realidade por meio do processo de conscientização de homens e mulheres, mediados por uma práxis problematizadora e dialógica. Segundo Freire (1987):

O antagonismo entre as duas concepções, uma, “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação. Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e que se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – a situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica (p.68).

Desse modo, a dialogicidade se apresenta como instrumento de mediação entre os saberes, configurando-se em atividade objetiva da ação transformadora. Dessa forma, é estabelecida uma relação que, no ato de dizer a palavra autêntica, no encontro entre os homens e mulheres é que se torna possível desenvolver a consciência crítica entre os sujeitos que se inserem no processo de superação de suas situações limites, comprometendo-se também com a recuperação de sua humanização. Assim,

[...] quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo,

como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos empoe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: a ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressent, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (FREIRE, 1987, p.43).

Sob esta compreensão, é possível afirmar que, nem todo diálogo é autêntico, a autenticidade só se materializa quando a palavra representar o todo. Se a palavra não for dos sujeitos do processo, dos sujeitos responsáveis pela transformação – evidencia-se que o diálogo não está sendo um processo de transformação e sim um instrumento de dominação. Para Freire (1987),

A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blábláblá. Por tudo isso, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não a denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. [...] Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão a palavra se converte em ativismo. Este é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo (p.78).

Essa dicotomia se apresenta evidente no cotidiano das intervenções sociais, sejam estas entre os muros das instituições educacionais formais responsáveis pela formação primária, como também se apresentam enraizadas nas práticas da formação inicial de professores, propostas tanto pelas instituições privadas quanto federais. Fenômeno que não representa estranhamento reflexivo, uma vez que, enquanto sujeitos desta sociedade, formados historicamente num movimento de reprodução social, somos condicionados ao desenvolvimento de práticas aceitáveis à manutenção do sistema.

Ingenuamente, compreendemos o mundo a partir do que aparentemente nos é “mostrado”, assim como intervimos no mundo a partir da leitura que fazemos dele.

Sob este processo, Freire aprofunda reflexões em torno da necessidade de nos educarmos criticamente, anunciando também que este processo só acontece numa perspectiva diferenciada da educação bancária, pois, segundo o autor, se desenvolver criticamente é comprometer-se com a transformação, com a libertação de oprimidos e de opressores.

Por esta ação problematizadora, compreende-se o rompimento com os esquemas verticais característicos da educação bancária. Para que esta seja possível, é necessário que se realize como prática da liberdade, na concepção de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.68).

A conscientização dos homens e das mulheres é um processo complexo e exigente, no que tange à disciplina do desenvolvimento da leitura de mundo dos sujeitos. Nessa caminhada, que é histórica, tomamos posicionamento frente ao mundo como classe oprimida, sabedores de que também abrigamos as concepções opressoras em nossa subjetividade, expressando-a na objetividade concreta.

Assim, a essência desse trabalho educativo não pode se pautar em outro processo que não esteja fundamentado na intencionalidade crítica da construção de uma nova sociedade (FRIGOTTO, 2005), possibilidade que, segundo Freire, só poderá ser realizada através do diálogo. Esse instrumento, em Freire, encontra-se com bases da humanidade, nas quais se compreende que o mesmo se fortalece na esperança de uma nova ordem produtiva, na fé de que esta somente poderá ser construída por aqueles que vivenciam a desumanização do trabalho no seu mais alto grau de expropriação da vitalidade humana: a força de trabalho (FREIRE, 1987).

Situando ainda, como força motriz desse processo, a amorosidade, sentimento que se materializa na capacidade de resistência contra-hegemônica, na coerência entre discurso e prática educativa, no compromisso que cada sujeito assume quando se encontra criticamente no e com o mundo.

### **Algumas considerações**

Salientamos, neste artigo, a consciência de que as contribuições de Freire, no processo de formação de professores – modalidade de

educação a distância, constitui-se para além das reflexões registradas neste trabalho. Anunciamos, assim, que este se fundamenta na organização de alguns elementos teóricos apresentados na obra em análise, de forma que se possa contribuir para o aprofundamento de futuras reflexões sobre o tema.

Ainda, ao nos aproximarmos do contexto da EaD, observamos que a inserção de práticas pedagógicas efetivamente dialógicas, exigem um novo olhar frente às possibilidades de intervenção. De forma que este, não se distancie das premissas da sociedade como um todo, mas que atenda às exigências do cotidiano educativo, que se desenvolve em espaços efetivamente diferenciados, nos quais se criam e recriam alternativas cotidianamente.

A partir de desafios, que ainda se colocam aos sujeitos deste processo, no tocante da contextualização e compreensão do ambiente de trabalho para além da aparência imediatista expressa pelo grupo em formação, compreendendo que este, se constitui entrelaçado aos saberes históricos e culturais que são multiplicados e cultivados na origem espacial e social destes sujeitos. Considerando assim, que entre uma série de obstáculos, a mediação da tecnologia e o condicionamento da fragmentação do trabalho, nas relações entre educadores/educandos, apresentam-se como elementos que evidenciam e fortalecem uma relação de distanciamento geográfico, teórico/prático, físico e educativo.

Esses elementos se encontram listados na exigência de uma intervenção pedagógica capaz de organizar estratégias de desvelamento da realidade particular de cada polo educativo: acompanhamento sobre o processo de amadurecimento teórico/prático de cada grupo formativo; revisão; adequação de material didático; etc. Assim é estabelecido um movimento que visa à construção de um processo de convergência metodológica, dialógica e formativa junto ao coletivo de trabalho.

A construção da prática pedagógica na modalidade a distância, apresenta-se como um desafio a ser encarado por cada educador/educando que se insere no processo. Movimento, para além do domínio da tecnologia, pois se centraliza na intencionalidade do comprometimento dos sujeitos com a formação de professores, podendo esta se encontrar articulada ou não com a transformação da realidade social.

Dessa forma, concluímos sobre as bases teóricas de Freire que, dentre as suas grandes contribuições para a formação de professores, comprometidos com a transformação da sociedade, o diálogo se

apresenta como instrumento de descoberta, transformação e construção de novas concepções e práticas pedagógicas. O desvelamento dos sujeitos enquanto seres inconclusos em constante processo de ensino/aprendizado é indicado nesta ação contínua.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1987.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Mudanças societárias e as questões educacionais da atualidade no Brasil**. Revista Ciência & Opinião. v.2. n.1/2. Curitiba. Jan./dez. de 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica Alternativas de mudança**. 54.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KUENZER, Acacia Z. Educação e Trabalho: a construção de saberes contemporâneos. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO POPULAR: CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO, DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO. **Anais...** Porto Alegre. Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 22 a 25 de maio de 2002.

MARX, Kal. **A Questão Judaica**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1997.



## **SOBRE OS AUTORES**

### **Alice Fogaça Monteiro**

Bióloga. Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Tutora a distância do curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu/FURG). *E-mail:* alicefmonteiro@yahoo.com.br.

### **Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura**

Graduada em Oceanologia. Mestre em Educação Ambiental. Em 2011, ingressou no Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e no curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). De 2002 a 2009, trabalhou no Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA) com Educação Ambiental não formal. Possui experiência de cinco anos na Educação a Distância, área em que atuou como tutora, professora-pesquisadora, professora-formadora e coordenadora de tutoria. Integrou a equipe do Projeto de Capacitação Continuada (UAB/CAPEs) na Secretaria de Educação a Distância – SEaD/FURG. Professora da Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu/FURG), através do Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). *E-mail:* eacosm@yahoo.com.br.

### **Berenice Vahl Vaniel**

Doutora em Educação em Ciências. Mestre em Educação Ambiental. Licenciada em Ciências, Habilitação em Física, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora da Educação Básica, Coordenadora de Tutoria e Professora do Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu) da FURG. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação a Distância. *E-mail:* bvaniel@gmail.com.

### **Débora Pereira Laurino**

Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2001), Mestre em Ciências da Computação (1995) pela UFRGS, Licenciada em Matemática (1990). Atualmente, é professora associada da FURG, vinculada ao Instituto de Matemática, Estatística e Física (IMEF), líder do grupo de Pesquisa Educação a

Distância e Tecnologias e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEC). *Email:* deboralaurino@furg.br.

### **Elaine Corrêa Pereira**

Licenciada em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (1987). Especialista em Matemática (1997) e em Matemática Aplicada (1997) pela FURG. Mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1999) e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2005). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG nas áreas de Álgebra, Análise, Geometria Analítica e Programação Linear do Instituto de Matemática, Estatística e Física da FURG. Atua, principalmente, nos seguintes temas: pesquisa operacional e modelagem matemática aplicada à educação. *E-mail:* elainepereira@prolic.furg.br.

### **Joice Rejane Pardo Maurell**

Mestre em Educação Ambiental e Especialista em Educação Física Escolar, ambas as titulações obtidas pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, cursos nos quais desenvolveu a temática das concepções de Corpo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma perspectiva pós-estruturalista. Pedagoga e Professora da rede pública municipal. Tutora/orientadora no curso TIC-Edu. Professora substituta no Instituto de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. *E-mail:* maurell5@yahoo.com.br.

### **Karin Ritter Jelinek**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduada em Licenciatura em Matemática pela UFRGS. Professora da FURG, vinculada ao Instituto de Matemática, Estatística e Física (IMEF). Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores em Educação Matemática. Atua na Secretaria de Educação a Distância – SEaD/FURG como Coordenadora do Núcleo de Tutores. *E-mail:* karinjelinek@furg.br.

### **Lilian Gonçalves Braz**

Pedagoga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Mestre em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora da rede municipal,

atualmente, é articuladora no projeto voltado para o uso adequado das tecnologias educativas. Atuou na Educação a Distância em 2010 e 2011 como tutora e, em 2011 e 2012, como professora do Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu) pela Universidade Aberta do Brasil. Pesquisa no campo da Robótica Educacional, com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Silva da Costa Botelho. Professora LEGO LÍDER: Iniciando o trabalho no Projeto de Educação Tecnológica LEGO/Extracurricular e Formação de Professores na modalidade de Robótica Educacional, LEGOZOOM. *E-mail:* lilikabraz@hotmail.com.

### **Lisiane Costa Claro**

Mestranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Utopias. Bolsista CAPES. Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Membro do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS). Integrante do Grupo de Pesquisa em Política, Natureza e Cidade, com atuação na linha de Epistemologia da Educação Popular. *E-mail:* lisianecostaclaro@hotmail.com.

### **Marisa Musa Hamid**

Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Técnica Administrativa em Educação da referida Instituição desde 1990. Nesta, atuou junto às pró-reitorias de Planejamento e Desenvolvimento e Graduação. Também foi membro de diversas comissões, dentre essas, da Comissão Permanente do Vestibular – COPERVE. Atualmente, desenvolve atividades junto à Secretaria de Educação a Distância – SEaD. *E-mail:* marisamusa@furg.br.

### **Maritza Costa Moraes**

Professora de Matemática da rede municipal de ensino, no município do Rio Grande/RS, e da rede privada do Colégio Salesiano Leão XIII. Atua na EaD como professora do Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), pela Universidade Aberta do Brasil na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (2010). Doutoranda no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Participa do grupo de pesquisa Educação a Distância e Tecnologias: As Tecnologias Educativas no Processo de

Aprendizagem, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora Pereira Laurino. Com formação na área de Matemática, seu fazer pedagógico é permeado pelos temas Robótica Educacional, Tecnologias da Informação e Comunicação, Ensino Fundamental e Formação de Professores. *E-mail:* prof.maritza@yahoo.com.br.

### **Meri Elen Baptista Bastos**

Possui licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Atua como tutora a distância no curso de graduação em Pedagogia na modalidade a distância (UAB/FURG). *E-mail:* meri\_rg21@hotmail.com.

### **Michele Borges Martins**

Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Aluna do Programa de Pós-Graduação em História da mesma Universidade. Atua como tutora no Curso de Produção de Material Didático para Diversidade (PMDD/FURG), o qual é voltado para a formação continuada dos professores da rede municipal de ensino. *E-mail:* lisianecostaclaro@hotmail.com.

### **Paulo Sergio Andrade Quaresma**

Mestre em História (UFPeI), Mestre em Letras (FURG), Especialista em Educação Brasileira (FURG), Bacharel e Licenciado em História (FURG), Licenciado em Letras-Francês (FURG). Docente e tutor do Curso de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, através da Universidade Aberta do Brasil (UAB), na edição de 2010. Professor da E.M.E.F. Porto Seguro (Parque Marinha) e da E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu (Ilha da Torotama), ambas na cidade do Rio Grande/RS. *E-mail:* psquaresma@yahoo.com.br.

### **Sicero Agostinho Miranda**

Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul. Coordenador de Tutoria do Curso de Matemática PROLIC/FURG. Coordenador de Projetos do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e de Cultura Popular Júlia Nahuys Coelho. Coordenador Adjunto do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS. Coordenador e professor do Projeto Educação para Pescadores e bolsista secretário da representante institucional da FURG junto à Rede Gaúcha de Ensino Superior a Distância (REGESD). Tem experiência na área de Matemática, com ênfase no Ensino de

Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: matemática, Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. *E-mail:* siceromiranda@gmail.com.

### **Tanise Paula Novello**

Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (2011), Mestre em Educação Ambiental pela FURG (2006), Licenciada em Matemática (1995). Atualmente, é professora adjunta da FURG, vinculada ao Instituto de Matemática, Estatística e Física (IMEF), membro de grupo de Pesquisa Educação a Distância e Tecnologias e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEC). Atua na Secretaria de Educação a Distância junto ao Núcleo de Professores. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências. *E-mail:* tanisenovello@furg.br.

### **Thaís Gonçalves Saggiomo**

Pedagoga. Mestre em Educação. Integra o Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Escola Pública e Educação Popular – MovSe/FaE/UFPel. Atua na área de formação de professores do campo, como pesquisadora no Observatório da Educação do Campo, e na formação inicial de professores, como tutora a distância do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande – SEaD/FURG. *E-mail:* thaïsfurg@yahoo.com.br.

### **Vanda Leci Bueno Gautério**

Professora de Matemática da rede municipal de ensino, no município do Rio Grande/RS. Atua na Educação a Distância, desde 2007, como tutora do Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu) pela Universidade Aberta do Brasil na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Participa do grupo de pesquisa Educação a Distância e Tecnologia: As Tecnologias Educativas no Processo de Aprendizagem tendo como orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sheyla Costa Rodrigues. Com formação inicial em Matemática Licenciatura Plena, seu fazer pedagógico é focalizado na Formação de Professores, tanto no Ensino Superior, na formação inicial e continuada de professores, quanto na Educação Básica. *E-mail:* vandaead@gmail.com.

**Viviane Couto de Andrade**

Acadêmica da Especialização do Curso de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TIC-Edu), vinculado à UAB, da FURG, e tutora presencial do curso de Pedagogia, na modalidade a distância. *E-mail*: vicouto77@gmail.com.

# Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD

A Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é uma iniciativa da Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande – SEaD/FURG. A referida Coletânea tem como propósito congregar textos que subsidiem os estudos dos discentes matriculados em cursos de graduação e pós-graduação, tanto da educação a distância como do ensino presencial.

Cada volume apresenta temáticas relevantes para o estudo de uma ou mais disciplinas dos cursos oferecidos pela FURG e tem o intuito de contribuir de maneira significativa para a formação dos seus leitores.

*Suzane da Rocha Vieira*  
Organizadora da Coleção



Ministério da  
Educação

